

numa penumbra doce, propícia àquela reconciliação.

Afastada, há meses, daquele homem exquisito, a quem dera, quasi na infância, a flôr maravilhosa do seu corpo, a marquesa transportou-se, de súbito, aos dias felizes do seu consórcio. Quem alí estava, não era o fidalgo de agora, severo, solene, acorrentado às conveniências: era o jovem de há quinze anos, livre de preconceitos, e que fizera soar na tecla virgem dos nervos a música desvairada dos sentidos. Ao fim de vinte minutos, o sr. marquês procurou as chinelas debaixo do leito, recompôs o pijama, encastou o monóculo, reavivou a claridade do aposento e, quando a fidalga esperava uma palavra de agradecimento ou de saudade, ouviu, apenas, esta censura, que lhe foi direito ao coração:

— Senhora marquesa, estou, acreditei-me, desolado com o que acaba de succeder. Quando procurei o meu lugar ao vosso lado, foi na suposição de que a minha espôsa se portaria com a dignidade da nossa situação, e não com o desvairamento das mulheres comuns, sem as nossas responsabilidades de família.

— Eu, marquês? eu? — estranhou a fidalga, horrorizada, com a observação. — Se alguma cousa houve, acreditei, não foi por culpa minha: é que havia uma pulga me in-

comodando e, mesmo, me mordendo, aqui, sôbre o colchão!

Cabeça alta, firme como um boneco de madeira, o fidalgo afastou-se, recolhendo-se ao seu dormitório. Na noite seguinte, voltou, pediu o mesmo lugar no leito da espôsa, abaixando, discreto, a luz do compartimento.

Prevenida, porém, como estava com a censura do dia anterior, a virtuosa senhora portou-se com a austeridade, a gravidade, a impassibilidade que o marquês requeria. Não teve um movimento. Não teve um suspiro. Não teve um beijo para a bôca do ingrato. Passado um quarto de hora, o marquês procurou as chinelas, e, de pé, corrigindo o pijama, parecia mais contrariado do que na véspera. De repente, estourou:

— Senhora marquesa, será possível?

E encastoando o monóculo, com dignidade:

— Já se terão acabado, porventura, as pulgas desta casa?

## V

### A IDENTIFICAÇÃO DOS OSSOS

Causou estranheza, ontem, nas rodas mais respeitáveis, a publicação da ata do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de 20 de janeiro de 1863, sôbre a exumação, então procedida, dos ossos de Estácio de Sá. Deletreando o que alí se diz sôbre êsse acontecimento, muita gente não comprehendeu como foi que, entre tantos ossos encontrados na velha tumba, conseguiram os doutores José Ribeiro de Souza Fontes e Francisco Ferreira de Abreu reconhecer os do fundador da cidade, assinalando, ainda, conforme consta do laudo de reconhecimento, reproduzidos pelo "Jornal do Comércio", que aqueles despojos datavam de 279 anos, eram de homem maior de 35 e menor de 50; e, precisamente, de nacionalidade portuguesa.

O processo de identificação foi, entretanto, o mais honesto e seguro que se podia fazer naquele tempo. E eu ainda me lembro, apesar dos anos decorridos, como nô-lo descreveu, em casa, meu pai, que foi uma das pessoas presentes ao ato no pequeno templo

dos Capuchinhos, e um dos que, se me não engano, assinaram a ata, aberta com a assinatura de Sua Majestade o Imperador.

— A cerimônia, — contava-nos meu pai, — foi tocantíssima. Aberta a sepultura, foram encontrados, pouco abaixo da lápide, ossos de criança e, em seguida, os de pessoa adulta, que iam sendo postos de parte. Continuada a escavação, outros despojos foram surgindo, até que apareceram os últimos, formando, todos, um total de seis esqueletos.

Recompostos estes, tibia por tibia, costela por costela, bacia por bacia, crânio por crânio, falange por falange, começou o Dr. Souza Fontes a examiná-los, sob a vista indagadora de Sua Majestade, de frei Caetano de Messina, do Dr. Joaquim Manuel de Macedo e do visconde de Sapucaí. Metuculoso e sábio, o ilustre homem de ciência curvou-se sobre o primeiro esqueleto, e, tomando dêle uma costela, examinou-o, virou-o, e assegurou.

— Este não é.

Tomou o segundo, submeteu-o ao mesmo processo, olhou de perto a caveira, afastou-a de novo, e concluiu:

— Este é de mulher.

Fez o mesmo ao terceiro, ao quarto e ao quinto, afirmando, sempre, com a mesma segurança:

— Também não é.

Chegara a vez do último, cujos ossos se reduziam a um fragmento craniano, a uma clavícula, duas costelas, as duas porções ilíacas e as várias peças que constituíam os braços, as pernas e os pés. Rigoroso, e assistido pelo Dr. Ferreira de Abreu, o Dr. Souza Fontes examinava osso por osso, quando, de repente, assegurou:

— É este!

— Este? — indagou, severo, Sua Majestade, o Imperador.

E escrupuloso, como sempre, com a sua vozinha fina:

— Em que se baseia o doutor para afirmar que é este?

Sereno, seguro de si mesmo, o Dr. Souza Fontes não disse uma palavra: abaixou-se, tomou uma das falanges do pé esquerdo e entregou-a, em silêncio, à Sua Majestade. O Imperador segurou-a entre os dedos, sacudiu a terra que a cobria, e aproximou-a do nariz.

— É este mesmo! — confirmou.

Em seguida, foram os ossos metidos em uma urna e entregues a frei Caetano de Mesina, superior dos Capuchinhos.

## VI

### O BODE

Quando o Dr. Francisco Gabriel saía para o escritório depois do almoço, ia descansado. Dona Hortênsia, a quem êle chamava Teté, senhora de origem provinciana, era uma criatura doce, virtuosa, pacata, e só fazia questão de uma cousa: reunir as amigas em um chá delicioso, duas vezes por semana, e ao qual, de homem, só aparecia o Pedrinho, pirralho de cinco anos e filho único do casal.

As reuniões de Dona Teté, por serem puramente femininas, não primavam, entretanto, pela ingenuidade das palestras. Sem contacto directo com o mundo, a ilustre senhora assemelhava-se a uma prisioneira que tivesse um telefone à cabeceira do catre: as amigas traziam-lhe de fora todas as novidades galantes, contando-lhe, com a sem-cerimônia das mulheres que se supõem sós, toda a sorte de histórias maliciosas que recolhiam perversamente lá fora.

— Sabes? — contava uma. — O Albuquerque Gerredo apanhou, um dêstes dias,

o Gaudêncio Mota na casa dêle, aos beijos com a Cotinha, e foi um horror. Saíram os dois, rolando pela escada, até embaixo!

— Agora que êle fez isso? — estranhava outra.

— Então, foi muito tarde. Êle já devia saber há muito tempo que o toureiro andava atrás dêle!

Ouvindo duas vezes por semana essas dolorosas histórias da infelicidade alheia, o Pedrinho foi compreendendo, pouco a pouco, que havia homens casados em cuja cabeça se desenvolviam dois ornamentos incômodos, dos quais falavam, às quartas e sextas, as lindas amigas da sua mamãe. À sua inteligência alvorecente aquilo causava, é certo, enorme confusão; isso era, porém, problema que êle resolveria mais tarde, e que a sua curiosidade ia, aos poucos, retardando.

No fim do ano, como se sentisse fadado e o calor se manifestasse, nesse verão, com intensidade incomum, fez o dr. Gabriel o cálculo dos seus negócios, e convidou a esposa:

— Teté, vamos passar dois meses na fazenda?

— Vamos! — concordou a linda senhora, enxugando a testa lisa e clara, aljofrada de suor.

E uma semana depois estavam na fazenda do “Poço Novo”, pequena proprie-

dade perto da Barra do Piraí, na qual o ilustre advogado criava algumas dúzias de vacas, de carneiros, de bodes, de muares, que serviam mais aos outros do que a êle próprio.

No “Poço Novo” o Pedrinho sentiu-se tão deslumbrado que parecia mais a vítima de um encantamento. As vacas, as cabras, as ovelhas, os perús e os patos que flutuavam na lagoa, tudo isso era objeto das suas perguntas ao pai, que se via na contingência, às vezes, de usar de rodeios, e até de mentiras, para ministrar-lhe certas explicações.

Uma tarde, com o sol a esconder-se ao longe, para além do cocuruto cinzento das serranias, andava o bacharel a passeio com o filho pelo campo, quando estacaram, os dois, de repente, diante de um rebanho de cabras. Dezenas de cabritinhos malhados pulavam, pernas duras, cabecinha alta, como se fossem de borracha. Bodes enormes, de pêlos abundantes, estalavam os cascos nas pedras espalhadas na planície, fazendo balar o *cavaignac* sujo como o de velhos militares que tomassem rapé. E foi no meio dêsse rebanho irrequieto que o Pedrinho distinguiu, de súbito, um bode de quatro chifres.

— Olha, papai; olha! — gritou, os olhos esbugalhados, o dedinho estendido no rumo do animal.

— É um bode de quatro chifres, — observou o pai, à falta de explicação melhor.

Pedrinho franziu a testinha inteligente, cortando-a de rugas leves, que eram as pausas vivas da música do seu pensamento. Súbito, chamou, intrigado:

— Papai!

O advogado olhou-o, tomando-lhe a mão.

E o Pedrinho, os olhos espetados nele:

— Aquele bode já se casou duas vezes? Já?

## VII

### O FUNDADOR

“Foram transladados, ontem, do morro de Castelo, os ossos que se supõe terem pertencido a Mem de Sá”.

(Dos jornais)

Aproveitando a manhã de anteontem, que lhes era tão cara mesmo na outra vida, conseguiram os dois famosos capitães portugueses, por especial interferência do mártir São Sebastião, sair às portas de ouro do Paraíso para um pequeno arêjo nas alturas. Vencido o grande portal maravilhoso, em tórno do qual os anjos, à noite, acendem as estrêlas mais lindas, sentaram-se Estácio e Mem de Sá à ponta escarpada de uma nuvem, para olharem, de lá, os esplendores e as baixeiras do mundo.

Loriga faiscando à claridade matinal, espadagão forte e largo pendente da cintura robusta, olhavam os dois para baixo, displicentemente, quando o mais novo, cofiando a barba áspera e negra levemente tocada por fios de prata, se pôs, pausado, a falar para o outro, como se fizera uma queixa.

— Afinal, — dizia êle, cabeça pendida, qual se falasse de si consigo; — afinal é isso o mundo, e é isto a vida. Valor, bravura, lealdade, tudo isso é nada, diante do tempo, que tudo resolve, tudo altera, tudo modifica!

Apoiado à durindana forte, Mem de Sá, que ouvia o sobrinho, voltou-se para êle, numa censura benévola:

— Estais vós, porventura, arrependido do que fizestes? Nunca imaginei que um homem como vós se viesse a arrepender de um sacrifício pelo seu Rei...

— Arrependido do sacrifício não, — tornou o primeiro, ofendido. — E vós sabeis, meu tio, que nenhum de nós recusaria o sangue, e a própria vida, por mais que as tivesse, à glória do Rei de Portugal!

Mais cordato que o sobrinho, Mem de Sá acalmou-se. Não havia nas suas palavras o menor vislumbre de suspeita, mesmo porque, duvidar de um capitão do seu sangue, seria humilhar-se a si próprio. E como se houvessem entendido, Estácio tornou, taciturno:

— A minha queixa não abrangeria, jamais, o meu Rei. O que me entristece aquí, vós o vêdes, é a injustiça dos que lá fervilham na terra, os quais exaltam os covardes, os pusilânimes, os traidores, esquecendo os

que se portaram com bravura no mundo. O heroísmo, a valentia, o desinterêsse, o devotamento a Deus, à Pátria e ao monarca tornaram-se sentimentos sem eco na gratidão impassível dos homens.

— Exagerais, talvez, Estácio... — aventurou Mem, com o queixo amparado à espada antiga, fincada vigorosamente na nuvem.

— Eu, tio? Vós sabeis, de sobejo, que razão vos não cabe nessa dúvida. Vós mesmo fostes, e ainda o sois, vítima da injustiça da História. Se os que nos devem cidades e povoações não nos cultuassem a nós, nem a outros, cuido que nada caberia dizer. Assim não é, porém; porque, contrastando com o olvido em que tombámos, cultuam êles a covardia, a fraqueza, a deslealdade, os homens que nada foram na vida nem o serão, jamais, perante Deus, no domínio da morte.

— Exagerais, sobrinho, — tornou Mem. — Foi êsse, aliás, sempre, o vosso grande defeito. Deveis ser mais confiante, mais seguro da dedicação alheia. Lembrai-vos que foi essa desconfiança a causa da vossa morte, quando suspeitastes de Gaspar Barbosa, supondo-o incapaz de tomar, sòzinho, o forte de Uruçú-Mirim.

E penalizado:

— Não vos lembrais, acaso?

Cabeça pendida para a Terra, cujos rumores longínquos não lhe chegavam aos ouvidos de fantasma, Estácio de Sá não respondeu. O espetáculo que via lá embaixo, dominava-o, tornando-o mais triste. Era a cidade de São Sebastião, o núcleo que êle fundara ao pé de um rochedo, que cintilava, agora, aos olhos, com o seu casario infinito a subir ladeiras, a descer precipícios, a estender-se por vales, por morros, por montanhas. E aí, nessa maravilhosa metrópole, nessa árvore de que êle deitara a semente, prendia-lhe a atenção, principalmente, a multidão numerosa e fervilhante, que se amontoava, como na iminência de um grave acontecimento, em tôrno do antigo morro de São Januário, para onde Mem de Sá havia transferido, após a sua morte, a sede da nascente povoação. De repente a multidão abriu-se, fendida em duas. Estácio, apesar da sua palidez de morto, empalideceu mais. Um tremor de raiva, de despeito, de ódio, abalou-lhe o arcabouço forte, fazendo rebenotar, quasi, de novo, a enorme ferida aberta no seu rosto pela flecha mortal do tamoio. Dominou-se, porém, e chamou, estendendo o braço, a atenção do outro:

— Vêde, tio; que vos digo eu?

— Quem vai ali, naquela urna? — indagou Mem, franzindo as sobrancelhas, ásperas como relvas que brotassem na pedra.

que a menina veio ao mundo tendo no colo três sinais de carne que são três caroços de milho, perfeitos?

Outros casos foram lembrados. O Dr. Antenor, não obstante o seu cepticismo, recordou exemplos. A tia dêle, Dona Sarinha, costumava andar com a chave da despensa amarrada na cintura. Quando o Bernardo estava para nascer, toda a gente lhe dizia que pusesse a chave de parte, afim de não prejudicar o físico da criança. E quando o menino veio ao mundo, tinha, efetivamente, na cintura, do lado esquerdo, a forma, exatamente, de uma chave.

Novos episódios foram apontados, mesmo na família. O da Leonor, casada com o primo Joaquim, cujos sinais espalhados pelo corpo haviam sido originados pela mania, que tivera a mãe, de abusar de pimenta do reino. E, sobretudo, o da Dona Lourença, segunda espôsa do tio Tibúrcio, que nascera com o beijo daquele tamanho unicamente porque a velha Inacinha, mãe dela, passava horas inteiras a olhar para o solado do chinelo.

Sentado na sua cadeira alta, a um canto da mesa, Lili cobria a lapis de côres o debuxo de um cavallinho, parecendo absorvido, inteiramente, pelo trabalho. Não levantava, sequer, os olhos. E foi com essa indiferença simulada que acompanhou toda a

conversa, até que acabou de cobrir com tinta azul o desenho do bucéfalo, e o mandaram para a cama, piscando os olhos, de sono.

No dia seguinte, cedo ainda, o pequeno acordou, pondo-se de pé, no leito.

— Mãezinha! — chamou.

Dona Heloísa correu.

— Quero xixi, — pediu.

A mãe tomou-o nos braços, desceu-o da cama, e chegou-lhe, para junto, um pequeno vaso de noite.

Olhos ainda entrefechados de sono, carinha amarrotada, cabelo na testa, o pequenino levantou a camisinha, para fazer a sua necessidade. Esta demorou, porém, um instante. E como êle baixasse os olhos, gemeu, estremunhado ainda:

— Mamãezinha!

— Que é filhinho? — indagou a boa senhora, carinhosa.

E o pirralho, olhando-se a si mesmo:

— Mamãezinha, quando eu estava para nascer tu guardavas no bolso da saia a pitteirinha do papai? Guardavas?

## IX

### A SURPRESA

Não obstante a seriedade do espôso, Dona Amelita não podia compreender a periodicidade daquela enxaqueca, e a insistência com que êle lhe pedia, com a mão na chave da porta:

— Olha, não me chames, nem deixes que me incomodem. Logo que melhore, eu sairei. Deixa-me sòzinho, sossegado, isolado de todos.

E entrava no quarto, fechando-o por dentro.

O compartimento da casa no qual o Dr. Abelardo mergulhava duas, três, e até quatro vezes por mês, passando aí toda uma noite, ficava situado nos fundos do prédio, ao lado, exatamente, daquele em que dormia a Carmen, espanholita encantadora e *sale-rosa*, que servia de governante às quatro crianças do casal. E essa circunstância acordou no espírito da honesta senhora uma profunda desconfiança daquelas crises do marido, as quais se estavam tornando mais frequentes, a ponto de ficarem quasi semanais.

Certo dia, o ilustre advogado entrou em casa, as mãos na cabeça, o rosto pálido, a fisionomia revelando abatimento, e, mal mudou a roupa, foi, logo, avisando:

— Olha, Melita, não me chames. Deixa-me à vontade. Logo que isto passe, eu sairei. Antes, não.

E fechou-se por dentro, como de costume.

Desconfiada como toda mulher que ama o marido, Dona Amelita mordeu o dedinho, despeitada. E pôs-se a meditar. Aquela cura de enxaqueca nas vizinhanças do quarto da espanhola estava se tornando, positivamente, um desafôro. E foi com essa convicção que se ergueu da cadeira, ameaçando, os dentes cerrados:

— Deixa estar que tu me pagas!

E batendo com a mão direita, fechada, na outra, aberta:

— Deixa estar!...

À noite, recolhidos já todos os criados, chamou Dona Amelita a governante:

— Carmen!

A espanhola correu, jovem e risonha:

— Onde está seu chapéu?

— Está ali, minha senhora.

Dona Amelita foi buscar, ela própria, o chapéu da rapariga, mandou-a que o pusesse à cabeça, e ordenou:

— Você hoje vai dormir em casa de minha mãe. Não fale a ninguém, aqui. Vá. Venha de manhã.

E levando a mocinha pelas alamedas do jardim, deixou-a na rua, fechando o portão.

Despedida a espanhola, correu Dona Amelita ao quarto em que ela dormia, vestiu, às pressas, o camisão que estava sob os travesseiros, apagou a luz, e estendeu-se, quieta, na cama. E esperou os acontecimentos.

Às dez horas, o relógio da copa destilou, uma a uma, as suas dez gotas de som, mastigando, como um cavalo à sua brida, o seu confuso turbilhão de ferragens. Às onze, repetiu-se o barulho. E acabava de soar meia-noite, quando um vulto, em ceroulas, empurrou, devagarzinho, a porta que dava para o quintal.

A raiva no coração, Dona Amelita sentiu ímpetos de atirar-se, mãos crispadas, à garganta do miserável. Era preciso, porém, apurar tudo, constatar tudo, e aquietou-se na cama, o rosto coberto, contendo, quasi, a própria respiração.

Como velho conhecedor do terreno, o vulto chegou-se, no escuro, tateando no vácuo, até que se sentou, sem rumor, sem fazer, sequer, estalar o arame, à beira da cama. Carinhosas, as suas mãos avançaram por baixo do lençol, tateando os ombros, o colo, os cabelos de Dona Amelita, que mal se con-

tinha, na sua indignação de espôsa traída. Era preciso, porém, esperar mais, e ela esperou. Tranquilo, como quem opera em região conquistada, o vulto estendeu-se, ao comprido, ao seu lado. Amorosos, os seus braços a enlaçaram. Dois beijos, resvalando pelo seu rosto mal coberto, perderam-se nos seus cabelos. E soltavam, o vulto e ela, os últimos suspiros de amor, quando a moça, percebendo que era chegado o momento de apanhar o marido, descobriu o rosto, e falou, com ironia, acentuando as tonalidades da sua voz natural:

— Então, não esperavas me encontrar aqui; não?

— Não, patrôa, não esperava, não! — respondeu, serena, uma voz que lhe era conhecida.

Dona Amelita deu um pulo da cama, horrorizada.

Era o *chauffeur*.

## X

### A COZINHEIRA

Anuncia-se para breve a fundação, no Rio, de uma escola doméstica, destinada ao preparo de donas de casa. E a cadeira principal do estabelecimento será, ao que parece, a de cozinheira, em que se ministrará às moças de família o conhecimento de todos os segrêdos culinários.

As boas donas de casa constituem, realmente, uma classe que se torna dia a dia mais reduzida, e que está, quasi, desaparecendo. E quando eu atento para essa situação da família brasileira, cujas mães não passam, jamais, da sala de jantar, é que me lembro, com saudade, daquela virtuosa Dona Perpétua Coutinho, que acompanhou o Sr. general Rondon na sua primeira excursão a Mato-Grosso.

*Menagére* inexcedível, sabendo administrar uma casa da porta da rua à última tripeça do galinheiro, a veneranda senhora especializara-se em matéria de cozinha. Durante os vinte e dois anos que passara casada; o marido, o saudoso major Ferreira Couti-

nho, não tivera ocasião de reclamar, uma só vez, contra a técnica da panela. As suas mãos tinham a medida exata na aplicação do cominho, da cebola, da batata. Se a caçarola pudesse levar as criaturas à imortalidade, dona Perpétua seria o Homero, o Dante, o Shakespeare, o nosso Vitor Hugo de forno e fogão. E foi em atenção a êsses méritos da ilustre senhora brasileira que o Cristóvão Colombo das nossas selvas a incluiu na sua comitiva, dando-lhe o comando de um batalhão de “caçadores”, servido por uma “bateria” completa, com 47 “peças” de alumínio.

Armada, embora, com êsse equipamento de escumadeiras, colheres, facas, batedores e panelas de todos os tamanhos, sofreu a viúva Coutinho, como tantos membros da expedição, a sorte desastrada dos mártires. A princípio, é verdade, tudo correu bem. Sabedores da presença, no sertão virgem, daquela famosa descendente dos Apícios e herdeira, em linha reta, das virtudes de Brillat-Savarin, as cotias, as pacas, os veados, os jacús e as codornas vinham de longe para se disputarem uma bala, ou um simples caroço de chumbo, das espingardas civilizadas. Macacos havia que juntavam as mãos pedindo a morte, na ambição de serem guisados por mãos tão experimentadas na distribuição dos condimentos. Papagaios

enormes, pintados com as côres nacionais, gritavam com orgulho, como os gladiadores romanos, ao tombarem com dois carços na asa:

— Viva o coronel Rondon! Viva Dona Perpétua Coutinho!

E a selva reboava, inteira, com aquela glorificação.

Certa manhã, porém, andava Dona Perpétua à procura de um ingrediente para temperar um tatú apanhado pelo capitão Amílcar de Magalhães, quando, afastando-se um pouco do acampamento, foi surpreendida por quatro índios *apiagés*, considerados os mais selvagens da região. E dentro de poucos instantes estava a desventurada senhora, na maloca dos bárbaros, que resolveram, de pronto, seria ela devorada no almôço daquele dia.

Sorriso nos lábios, óculos na ponta do nariz, a bondosa matrona esperava, com ansiedade, o momento de ser preparada para a fome dos bugres. Ia aprender, talvez, antes de morrer, um novo gênero de tempêro, e isso despertava a sua vaidade de cozinheira perfeita. Viu, com interêsse, os índios carregando lenha, que foi amontoada ao lado de algumas pedras, formando tripeça. Viu, em seguida, fazerem o fogo, e colocarem, sobre êste, enorme vaso de barro, espécie de igaçaba, do tamanho de um barril, que en-

cheram água. E foi sem susto, sem medo, sem terror, que caminhou para um girau erguido ao lado do fogo, no qual foi esquartejada, e posta, aos pedaços, no meio da água fervendo.

Durante meia hora dansaram os restos de Dona Perpétua no turbilhão da igaçaba fumegante, cujo perfume fazia arreganhar o dente aos selvagens. De repente, porém, a sua cabeça conseguiu sair do fundo do panelão de barro. Subiu e, chegando à tona, abriu a boca, para lembrar, num derradeiro alento de entendida:

— E o sal?

E desapareceu, de novo, na fervura.

## XI

### A TÊLHA

Na sua *Histoire Générale du Feminisme*, informa Léon Abensour que em nenhum país do mundo a mulher é tão humilhada, tão rebaixada, tão aviltada como na China. O casal cujo primeiro fruto seja uma menina, considera-se vítima de punição inominável. A espôsa é, sob todos os aspectos, uma escrava, não só do marido, como de todos os seus parentes. Desobedecer a qualquer deles é pedir a morte. O mais vil dos vermes da terra não tem, pode-se dizer, destino mais deplorável. E era dessa situação que nos dava notícias, uma vez, o Sr. Dr. Rodrigues Alves, nosso ministro naquele país, quando, a certa altura, informou:

— A condição da mulher é, em suma, de tal ordem, que, ao nascer uma menina, os pais a deixam três dias ao abandono, deitada na terra, tendo ao lado uma têlha e um tijolo. Só depois dêsse prazo, se a criança não morre, é que a mãe a levanta, passando, porém, a criá-la como se se tratasse de um cão.

Esse tratamento, embora bárbaro, selvagem, deshumano, era, aos meus olhos, com-

preensível. Que significavam, entretanto, aos olhos do chinês, a telha e o tijolo, que punha ao lado da filha recém-nascida? O ilustre diplomata satisfez-me, porém, a curiosidade, explicando:

— Significam, sr. conselheiro, a humilhação, o aviltamento, o rebaixamento da criatura.

E esclareceu:

— Para o chinês, nada há tão humilde, tão vil, como a telha e o tijolo. A telha, porque é deixada ao relento, exposta ao sol, à chuva, às tempestades, sacrificando-se em benefício daqueles a quem abriga; e o tijolo, porque é feito para ser pisado, cuspidor, subjugado. Assim, acham os chineses que deve ser a mulher.

— Miseráveis!... — foi o comentário que, punhos cerrados, mordendo os dentes, fez, a nosso lado, a uma certa altura da palestra, a viúva Berredo Maia, que nos ouvia sem ser presentida.

— Fosse eu chinesa, — acrescentou, — e, se fizessem de mim, telha, eu havia de me vingar. Não abrigava ninguém; não cobria nada!

E indignadíssima:

— Havia de ser uma telha inútil, inservível, imprestável!

E ameaçadora, dentes cerrados:

— Uma telha rachada!...

## XII

### O TEMPORAL

Alta, forte, corpulenta, com quarenta e dois anos feitos, Dona Luiza passava uma vida triste ao lado daquele maridinho enfezado, ranzinza, encolhidinho, que havia feito do lar, em vinte e três anos de casado, um desdobramento, apenas, da sua repartição. Tudo, naquela casa, era método, praxe, regulamento. E era evidente que, se o processo convinha ao Sr. Filipe Caldeira, não convinha, absolutamente, à sua cara-metade, nascida e criada com aspirações menos modestas.

Prisioneira assim, não era de estranhar que Mme. Caldeira se tornasse, às vezes, pensativa, e que, nas suas cogitações românticas, estendesse os olhos pelas paisagens circunvizinhas. De igual modo, não era de admirar que, ao examinar as paisagens, a matrona descobrisse no fundo do quintal dos Monteiro, que limitava com o seu, o vulto do jardineiro, o Sr. Manuel, um portuguêsão de vastos bigodes alourados, e cujos braços,

robustos e cabeludos, recordavam os grandes ursos selvagens.

Respeitador embora, o Sr. Manuel não era indiferente ao modo por que Dona Luiza estendia os seus olhos moles para os lados viridentes da chácara. E assim era que, às vezes, ao descobri-la na janela da sua casa, abandonava o regador, acendia um cigarro ordinário, encostava-se a uma latada, e ficava horas e horas a contemplá-la, esquecido das roseiras que o olhavam, de longe, pedindo-lhe uma gota d'água pela bôca vermelha das rosas.

Uma tarde, passeava Dona Luiza as suas banhas pelo quintal, pondo em relêvo, sob o *peignoir* branco jungido à cintura, as suas formas opulentas, quando caiu, de repente, um aguaceiro formidável, com pingos do tamanho de um caroço de milho. Atarantada, a pobre senhora não sabia o que fizesse. Como porém, nesses momentos, as resoluções tomadas são, sempre, as piores, a de Dona Luiza foi, por ficar mais perto, pular o muro e ir pedir agasalho, medrosa, no casebre do jardineiro.

Quando a nuvem passou e o sol raiou de novo, Dona Luiza saiu do albergue, caminho de casa. E tão boa foi a palestra que teve durante o temporal, que, na tarde seguinte, com o sol faiscando no céu, o seu primeiro

cuidado foi pôr a cabeça por cima do muro,  
e chamar, para o outro lado:

— Sr. Manuel?

— Senhora! — atendeu o jardineiro.

E ela, a voz doce:

— O senhor não está sentindo um chuvisquinho?

### XIII

## A LIÇÃO

Dizem as crônicas sagradas que o temporal mais violento que já desabou sôbre a terra foi o do Dilúvio. Galgando montanhas, derrubando árvores, afogando humanos e bichos, a água havia, quasi, inutilizado, para sempre, a obra divina. Aguaceiro não houve, porém, até hoje, que tanto interessasse os homens casados, como o que tombou, há dois meses, sôbre a cidade do Rio de Janeiro.

Um inquérito aberto por um grupo de senhoras demonstrou que, nunca, nesta cidade, houve tanto marido que dormisse fora de casa. Paralisados os bondes, recolhidos os automóveis, não era possível, realmente, a um jornalista, a um empregado dos Telégrafos, a um trabalhador noturno de qualquer categoria, recolher-se ao lar, nos subúrbios, em Botafogo, na Gávea, em Santa Teresa, para onde o tráfego havia sido suspenso.

O caso mais grave, entre centenas de outros, foi, porém, o do Dr. Elpídio Miran-

da, figura de destaque em um dos clubes esportivos da capital. Chamado nesse dia ao centro da cidade para um entendimento com outros consócios, foi o jovem bacharel obrigado a dormir longe da família, pernoitando em lugar de onde saiu, de manhã, completamente enxuto. Ao amanhecer, tomou um auto e correu para o seu palacete, no Alto da Boa Vista, onde Dona Gracinha o esperava, tranquila, na sala de jantar.

— Bom dia, filhinha! — exclamou o bilontra, ao enveredar pela casa.

— Onde passaste a noite, ontem? — indagou a moça, olhando-o, sem dar resposta à sua saudação.

— Eu? ah, eu nem te conto! — começou o rapaz. — Imagina tu que ficamos sem bonde, sem automóvel, sem condução de espécie alguma. Felizmente, encontrei na Brama o Batista Maia, o qual me convidou para dormir com êle no seu consultório de dentista. Aceitei, e fiquei lá até agora, de manhã.

— Pois, olha, foi pena ter te acontecido isso! — obtemperou Dona Gracinha, mexendo lentamente a sua chícara de café. — É pena porque, com a chuva, tivemos, aquí, um hóspede desagradável.

— Um hóspede? — estranhou o Dr. Miranda, arregalando os olhos.

— Um hóspede, sim. Imagina que o Dr. Balduino, aquele engenheiro de São Paulo, de quem tinhas tantos ciúmes, veio visitar-te, e estava à tua espera, quando a chuva caiu.

— E que aconteceu?

Dona Gracinha fitou o espôso, e respondeu, indiferente:

— Dormiu aquí. Saiu agora, de manhã!

O Dr. Elpídio não disse nada. Com o temporal de anteontem, porém, voltou a pé, de noite, para o Alto da Boa Vista!

## XIV

BIS! BIS!... BIS! BIS!...

Só, mesmo, o interêsse pelas candidaturas presidenciais poderia trazer ao Rio, em ocasião tão inoportuna, o coronel Leônicio Benevides, o conhecido chefe político de São Sebastião do Paraíso, e o seu compadre e correligionário, capitão Benedito Ramos, o próspero fazendeiro da “Água Funda”, nos altos sertões de Minas.

Chegados aquí, os dois honrados sertanejos não quiseram ir para as pensões familiares, nem, tampouco, para os hotéis elegantes. Escolheram a classe intermediária, isto é, a dos estabelecimentos confortáveis, mas sem comida, afim de poderem gozar, à vontade, as iguarias cariocas, mudando diariamente de cozinha.

Certo dia, saíram, os dois, do seu quarto, ganharam a rua, e partiram, olhando as vitrines, pulando diante dos automóveis, fazendo piruetas na frente das bicicletas, a percorrer a cidade. E era já meio-dia quando entraram em um restaurante da rua da Carioca, onde amarraram o guardanapo ao

pESCOÇO, aprontando-se, firmes, para o almôço. Toalha ao ombro, avental à cintura, o *garçon* correu, com a carta. O coronel tomou-a com ambas as mãos, correu os olhos por ela, e passou-a ao companheiro. Êste leu, leu, leu, e, vendo que tudo aquilo estava em língua que nenhum dos dois compreendia, arregalou os olhos para o colega, consultando:

— E agora, compadre?

— Agora, — observou o outro, — vamos ver o que os outros estão comendo. Só assim.

E a lembrança foi boa. Percorrendo os olhos pelas mesas vizinhas, divisaram, ambos, em caminho de uma delas, uma feijoadá suculenta, da qual emergiam, tentando o paladar e desafiando a frugalidade do próprio Santo Antão, pedaços de toucinho, de carne, e de lombo de porco.

— Vamos a uma feijoadá? — convidou o capitão.

— Vamos! — concordou o outro, lambendo o beíço.

Minutos depois, saciavam-se, os dois, no saborosíssimo prato nacional, que êles, como mineiros, podiam, mais que ninguém, apreciar.

Terminado êste, o coronel perguntou:

— E agora, compadre, que vai ser?

O capitão Ramos coçou a cabeça, aborrecido, mas tirou de lá uma idéia:

— Você não quer aquele prato que aquele sujeito está comendo ali?

O outro olhou na direção, onde um freguês comia língua com farofa, e concordou:

— Parece ser bom. Mas como é o nome?

Nesse momento, o *garçon* aproximava-se do freguês, perguntando o que iria mais.

— Bis! — pediu o homem da língua.

E como o criado houvesse trazido, logo, a repetição da língua com farofa, o coronel concluiu, de pronto:

— Aquilo se chama “bis”; sabe? Vamos pedir?

— Vamos.

Chegando o *garçon* para mudar os pratos da feijoada, indagou:

— E agora, que há de ser?

— Bis! — pediu o coronel.

— E o senhor?

— Bis! — secundou o capitão.

Dez minutos depois voltava o rapaz com duas terrinas iguais às primeiras. O coronel destapou, e olhou o companheiro: feijoada!

— O homem se enganou! — obtemperou o capitão Ramos, coçando a cabeça.

— É verdade! — concordou o outro. — E agora?

— Agora, temos que comer!

Terminada a segunda feijoada, e chamado o criado, pediu o coronel, explicitamente:

— Bis!

— E o senhor?

O capitão confirmou:

— Bis!

E estavam à espera da língua com farofa, quando o criado chegou com a bandeja, pondo-lhes diante dos olhos, vastos, enormes, suculentos, dois novos pratos de feijoada!

— Vamo-nos embora, compadre? — convidou o coronel, puxando o dinheiro do bolso.

— Vamos, compadre! — confirmou o capitão Ramos.

E, paga a despesa, saíram, os dois, abarrotados até o nariz, arrotando feijoada pelo caminho.

Eram quatro horas da tarde, quando o coronel Leôncio e o capitão Benedito passaram, cheios de feijão, de toucinho e de lombo de porco, em frente ao *Trianon*. Pararam, leram o programa, e viram que, minutos depois, começaria o espetáculo.

— Vamos entrar, compadre?

— Vamos, compadre! — apoiou o coronel.

E entraram. A sala estava cheia, mas havia, ainda, cadeira para dois. E momen-

tos depois o pano subia para dar passagem a Abigail Maia, que devia recitar, antes da peça, um pequeno monólogo sôbre a festa.

Graciosa, cabecinha de um lado, sorriso ao canto da bôca, Abigail começou. E mal terminou, reboou pela casa uma salva de palmas, aos gritos vivos, intensos, teimosos, de repetição:

— Bis!... Bis!... Bis!... Bis!...

A essas vozes, os dois mineiros puseram-se repentinamente de pé. E foi com o pavor nos olhos, que o capitão Ramos, mais expedito, intimou o coronel:

— Vamo-nos embora, compadre?

E puxando-o pela mão, horrorizado:

— Lá vem feijoada!...

E abalaram, Avenida afora, rumo da Central, onde tomaram o trem, nessa mesma tarde, caminho de São Sebastião do Paraíso.

## XV

### AS FORMIGAS

Não obstante a sua condição de casada, e ser seu marido uma das inteligências mais brilhantes dos nossos meios políticos, Dona Davina procurou para confidente, não uma das suas amigas mundanas, nem o seu espôso, cuja inteligência constituía, na opinião de todos, a garantia máxima da Nação. Discreta e hábil, escolheu a moça, para seu confessor elegante, o seu primo, o velho desembargador Saturnino de Moraes, *gentleman* da antiga escola e um dos espíritos mais agudos, mais finos, mais sutís das velhas rodas sociais.

Dona Davina não possuía um segredo, um pensamento, uma idéia, que o magistrado ignorasse. Ele era, mesmo, o espelho da sua imaginação. E com tal capacidade se desempenhava o desembargador dessas funções delicadíssimas, que se tornara o índice, pode-se dizer, da vida galante da ilustre senhora brasileira.

Essas relações vinham, já, de longe, quando, uma tarde, após o almoço que o

prestigioso homem público oferecera ao embaixador da Groenlândia, madame bateu com o leque no ombro do velho Saturnino.

— Sabes? temos que conversar!

Meia hora depois, lado a lado, eram vistos, no jardim, passeando entre as aléias de mangueiras, o vestido de sêda rosa da formosa senhora e o fraque impecável do íntegro magistrado. Conversavam com intimidade, como bons amigos, que eram.

— Então, que temos de novo? — indagou, entrando no assunto, o velho mundano.

Dona Davina cortou um ramo de samambaia, machucou-lhe as fôlhas entre os dedos afilados, e começou a explicar o seu caso, enquanto torturava, insensível, os brotos da planta:

— Eu já te contei que estou... para ser mãe?

— Se não mo tivesses dito, eu o teria adivinhado! — atalhou, rindo, o companheiro.

— Ainda bem, — tornou madame, consolada; — mas não é isso, apenas, que me preocupa.

Ouvido atento, Saturnino esperou, em silêncio, a continuação. Alguns passos foram dados, em silêncio. E madame reatou:

— Estás no conhecimento de tudo que sucede comigo. Pois, bem; uma cousa me

incomoda, neste momento: saber quem é, realmente, o pai do meu filho!

Cabeça baixa, medindo cada um dos seus passos, o magistrado continuou a andar, sem uma palavra. As idéias amontoavam-se na sua imaginação, num tumulto de reminiscências delicadas. De repente, parou olhando uma grande mangueira centenária.

— Dá-me a tua mão, — pediu.

E em seguida:

— Fecha, agora, os olhos.

Atendido, aproximou-se do tronco da mangueira, pousou nele a mão fina da companheira, comprimindo-a com a sua. Milhares de formigas, que iam e vinham, alar-maram-se, começando a subir pelos dedos da moça.

— Ai! — gritou ela, abrindo os olhos, e puxando, de repente, a mão.

O magistrado sorriu, malicioso. E, apontando o enxame de formigas, como uma resposta à pergunta que a ilustre senhora momentos antes lhe fizera:

— Qual foi, destas, a formiga que te mordeu?

## XVI

### GALILEU

O grande Galileu, apesar de sua reputação em toda a Itália, não era homem que se ativesse a conveniências. Antigo operário de uma relojoaria em Pisa, trouxera dessa antiga situação a paixão do vinho, o amor às bebidas fortes, o hábito de passar noites inteiras nas tabernas mal afamadas, embriagando-se, com palafreneiros e soldados. Não foram raras as vezes que a comitiva do duque Francisco o encontrara ébrio no adro da Catedral, mandando recolhê-lo humanitariamente à estrebaria do palácio ducal, na grande maca de cânhamo em que eram transportados, à noite, os pestosos da cidade.

Certa madrugada, saía o matemático da taverna do “Lobo Encarnado”, quando, ao chegar à praça da Catedral, notou que o templo se achava aberto. Enveredou pela porta, encostando-se a um dos pilares interiores. E assistiu, até o fim, ao santo sacrifício da missa, celebrado com toda a unção pelo cardeal Benedito.

Enquanto, porém, acompanhava, com a presença do corpo, o ato religioso, notava

Galileu que tudo girava em tórno da sua pessoa. Colunas, sacerdotes, altares, povo, púlpito, sepulcros de príncipes, tudo dan-sava, bailava, rodopiava, num galope des-comunal. Até o lampadário na nave, prêso ao teto, oscilava docemente, como num de-safio ao devoto.

— Per la madona! — exclamou o anti-go relojoeiro, passando a mão pelos olhos, e trazendo-a até o peito, que a baba umedecia.

Atordoadado, o sábio saiu para a praça, onde encontrou Jacopo Brandi, seu antigo companheiro de estudos, e professor da Uni-versidade.

— Sabes, — disse — batendo-lhe no ombro: — a Terra gira! O Sol está no es-paço, e a Terra move-se em tórno dêle!

E numa guinada:

— A Terra gira!

Essa expressão tornou-se, para Galileu, uma obsessão, principalmente pela madru-gada, quando, ao sair do “Lobo Encarnado” ou do “Corvo sem bico”, dava com os olhos na famosa torre inclinada, orgulho da sua cidade natal. E tanto insistiu nessa afir-mação, que foi prêso, e enviado para Roma, onde devia responder a processo perante o tribunal da Inquisição.

Privado do seu vinho, das suas noita-das, no “Corvo sem bico”, e no “Lobo En-

carnado”, não lhe foi difícil reconhecer, e sinceramente, a falsidade da sua teoria científica. E tanto se convenceu do seu êrro, que, na manhã de 22 de junho de 1633, em presença dos cardeais inquisidores, reunidos no convento de Minerva, na cidade dos Papas, ficou, de repente, de pé, fazendo, a voz segura, a famosa abjuração:

— Eu, Galileu, de setenta anos, tocando os Santos Evangelhos com as minhas próprias mãos, abjuro, maldigo e detesto o êrro e a heresia do movimento da Terra, a qual é fixa e não se move, como eu afirmava, em torno do Sol!

Os meses de prisão, as torturas, o pavor da fogueira, os inconvenientes da idade, haviam, entretanto, abalado a saúde de Galileu. E tais foram as emoções dêsse dia, que, ao terminar a sua abjuração, tombou o sábio para trás, com uma síncope!

— Um copo de vinho! — gritaram os cardeais, mandando vir a única medicina capaz de reanimar um pobre velho exausto, esgotado, sem forças.

Um serviçal trouxe um copo de vinho, que foi levado à bôca de Galileu. O matemático provou o líquido, virou o copo, e, minutos depois, estava de pé.

— Agora, pode retirar-se! — ordenou o cardeal Ferruti, presidente do tribunal que o julgara.

Galileu fez uma curvatura, e saiu, pegando-se às colunas. À porta, porém, deu uma guinada, e levou a mão aos olhos.

— E, no entanto, gira! — exclamou, num grito de vitória.

E sentou-se na pedra, babando.

## XVII

### A VAIDADE

Acabava Maomé de pregar às portas de Meca, diante da qual se amontoavam, em tumulto, homens cobertos de pecados e camelos carregados de mercadorias preciosas, quando aquele beduino se aproximou, pedindo-lhe, com o rosto encostado na terra:

— Profeta, eu sou o crente mais honesto de todo o Islam. Honrado e rigoroso, jamais transigí com os incrêus. Dezenas de inimigos de Alá pereceram aos golpes do meu alfange. Por onde fores, das mesquitas de Bagdá às espumas do mar de Oman, terás notícia da minha bravura. O meu braço, por humilde que te pareça, poderia ser uma das colunas do teu Império.

O profeta olhava, de olhos perscrutadores, o orgulhoso que lhe falava, e perguntou o seu nome.

— Eu sou Murad, — respondeu êle, — e provenho dos primeiros califas que fizeram a glória de Bassora.

— E que pretendes de mim? — indagou Maomé, franzindo a testa. — Em que te

poderei servir, quando, pelo teu valor, te bastas a ti mesmo?

— Eu queria, — atalhou o bárbaro, — que confiasses à minha guarda os tesouros que acumulastes em Meca. Nenhum homem, por mais dedicado, defenderá melhor, dos salteadores, as riquezas que te pertencem!

Maomé pensou um instante, a barba na mão áspera. De repente, ergueu a cabeça, e prometeu:

— Será feito o que desejas. Antes, porém, de entregar-te os meus tesouros, tão cobiçados por todos os homens, tens que guardar contra o pecado de castidade uma mulher vaidosa, escolhida por ti mesmo no teu caminho. Se a guardares pura, inaccessível a todas as tentações, durante uma lua, serás, na terra, o guardião dos tesouros de Alá. Concordas?

— Tu o disseste, — concordou o beduino.

— Vai, então, e, se o conseguires, volta, antes que a lua torne ao seu crescente, — mandou Maomé.

O beduino montou no seu cavalo, e partiu.

E nunca mais voltou.

## XVIII

### A VÍTIMA

Quando os cearenses do seringal “Bom Futuro”, no Acre, resolveram revidar os ataques bolivianos, atravessando arrojadamente a fronteira, o coronel Pedro Antunes recomendou ao pessoal:

— Nada de brutalidades com as mulheres nem com as crianças. Com os homens, sim: é olho por olho, dente por dente.

— Mas, “seu” coronel — objetou o Luiz Quixadá, caboclo entroncado, barba rala, cangote de touro, — eles não tiveram êste cuidado com a gente. Vossa Senhoria não se lembra do que eles fizeram com a mulher e as filhas do João Bonifácio?

— Seja como fôr — tornou o dono do seringal; — se eles andassem de quatro pés, comendo capim, isso não era motivo para vocês fazerem o mesmo!

Luiz Quixadá calou-se, conformando-se com a recomendação, e o pessoal foi dividido em dois grupos: o de Antônio Leitão, composto de 280 homens, encarregado de ir

na frente, assaltando as primeiras propriedades do território ocupado pelos bolivianos, e o do coronel Pedro Antunes, que o seguiria de perto, e se encarregaria de fortificar as posições conquistadas pelo primeiro. E foi assim que os dois batalhões de cearenses atravessaram o Aquirí pouco acima do seu desaguamento no Acre, penetrando francamente na zona litigiosa.

Um dos primeiros barracões assaltados foi o de Pablo Alonso, delegado aduaneiro da Bolívia, que se havia tornado famoso, em toda a região, pelas suas arbitrariedades. Certo de que os brasileiros não se aventurariam, jamais, a passar o rio, tinha êle se instalado aí com a mulher, Dona Consuelo, formosíssima rapariga de uns trinta anos, que conservava, naquelas alturas, a graça, o requinte e o bom gosto de uma senhora das capitais.

A vista da lindíssima boliviana acordou na caboclada brasileira o instinto brutal, que se justificava com a idéia da vingança. À aproximação da nossa gente, Alonso fugira, como um covarde, abandonando a esposa à bestialidade dos invasores. E foi fortalecidos por êsse procedimento do marido que os caboclos se atiraram à mulher, disputando-a, uns aos outros, como os cães disputam a presa agonizante.

Durante seis horas, rolou a pobre senhora nos braços daqueles heróis bestializados pelo perfume da carne. E só foi abandonada sôbre as tábuas do barracão, rôta, semi-morta, marcada de equimoses, quando um dos miseráveis gritou, avisando:

— Aí vem o coronel Pedrinho! A tropa dêle já está passando o igarapé!

Bravo, severo, incapaz de uma infâmia, Pedro Antunes era temido pela sua gente. E foi na certeza de que êle não perdoaria, jamais, o que se acabava de fazer, que os caboclos de Antônio Leitão trataram de abandonar a mulher de Pablo Alonso, deixando o seringal antes que o chefe brasileiro chegasse.

Momentos depois, à cabeça dos seus seringueiros armados até os dentes, chegava, realmente, Pedro Antunes diante do barracão, entrando, resoluto, no alpendre. E fechou a cara, numa expressão de ódio, de raiva, de indignação: estendida no soalho, desgrenhada, quasi despida, a espôsa do boliviano arquejava ainda, os olhos fechados, mais morta do que viva.

— Miseráveis! — rugiu o coronel, dentes cerrados, ao ver aquele quadro horrível, documento evidente da degradação dos seus homens.

Ao ouvir voz estranha no alpendre, Dona Consuelo abriu levemente os olhos.

— Ah, colonel! — gemeu, ao dar com Pedro Antunes, a quem já conhecia de vista. — Ah, colonel!

E num suspiro profundo, fechando, de novo, os olhos macerados, numa expressão de prazer, de gozo, de satisfação indizível:

— Que momentos inolvidables!...

## XIX

### O APAIXONADO

O guarda que rondava naquele trecho de rua, para os lados da Glória, notara, nessa noite de aguaceiro, a chegada do homem misterioso. Sobretudo de gola erguida, velando a metade do rosto; chapéu enterrado na cabeça, escondendo a outra metade, o desgraçado saltara na esquina, guarda-chuva aberto, empunhando um ramalhete de flôres.

— É algum maluco, — pensou o rondante, abrigado a um portal, espremido entre a fôlha de porta e as cordas de água que desciam do telhado.

Passou-se, porém, a primeira hora. Passou a segunda. Soou meia-noite. Transeúntes apressados e raros desciam, atropalhados, dos bondes, enfiando, céleres, nos portões mais próximos. Só aquele homem, com aquelas flôres na mão, alí estava encostado à parede, com os olhos postos em uma alta janela iluminada, no segundo andar.

Intrigado com o mistério, o guarda foi se chegando, discreto, cosido com o muro das casas. A dois passos de distância, chamou:

— Cavalheiro, faz favor!

— É comigo? — estranhou o desconhecido, voltando-se, desconfiado.

— Sim, senhor.

O desgraçado aproximou-se, com flôres e tudo.

— Quem é que o senhor espera? — tornou o guarda.

— Ninguém.

— Que é, então, que está fazendo aquí?

— Nada, — informou o pobre, encabulado. — Vou fazer uma visita.

— Uma visita, a uma hora destas?

— E então? Não é tão tarde. Eu estou na hora...

E indicando a janela iluminada:

— É alí...

O rondante fitou a janela em que havia luz, e indagou:

— Por que o senhor não entra?

— Não posso... — murmurou o infeliz, contrafeito.

E antes que o guarda lhe perguntasse o motivo, adiantou, com tristeza, os olhos baixos:

— Tem outro lá...

## XX

### O BANHO DO ANTÔNIO

Não obstante achar-se no Brasil há vinte e seis anos, o Antônio José Moreira não havia, jamais, abandonado a sua quitanda de São Cristóvão para um passeio à Copacabana, ao Flamengo, à Lapa, a qualquer ponto da cidade, em suma, de onde se visse um pedaço do mar. O comércio absorvia-o, tomava-lhe o dia e a noite, e êle se ia deixando ficar em casa, com a Sra. Maria, sua digna companheira, e mais o seu gato, e o seu cachorro, que constituíam o resto da família.

Em princípio de 1920, porém, o dono do prédio em que o Antônio tinha o “estabelecimento” pediu-lhe a chave, para concertos no pardieiro, e foi debalde que êle procurou uma porta para onde se mudasse. Gávea, Tijuca, Vila Isabel, Estácio, Cascadura, tudo isso percorreu, com o seu chapelão e os seus tamancos, em busca de um abrigo para a quitanda; e já estava resolvido a ir dormir, com a mulher, o cão e o bichano, sob um dos viadutos da Central, quando um pri-

mo seu, o Manuel, carvoeiro no Leme, lhe ofereceu, para hospedagem, um canto da carvoaria.

O novo alojamento do Antônio era, porém, de tal ordem que, no dia seguinte, a própria Sra. Maria não conheceu o marido: estava preto, sujo, tismado. como se tivesse nascido na Serra Leoa. E como se fosse queixar ao primo, êste opinou, logo:

— Um “vanho”, homem; toma um “vanho”.

O Manuel era, porém, mais econômico do que o parente. E foi por espírito de economia, isto é, para não gastar a água da torneira, que chamou o primo e levou-o até à praia, onde centenas de banhistas se amontoavam, recebendo a carícia da onda.

À hora em que os dois chegaram, a maré estava à preamar. Inchado, enorme, o oceano cobria quasi todo o areal, vindo quebrar-se muito em cima, quasi de encontro à muralha. E foi com a alma nos olhos e o coração na orelha, que o quitandeiro saiu de encontro à primeira vaga, mas para voltar ao sêco, no mesmo instante, de bôca aberta, aos trambolhões, com a barriga cheia de água do mar.

Com essa primeira lição, não houve mais convite, nem conselho, nem ameaça, que fizesse o Antônio entrar no oceano. E foi limpo do carvão, mas sujo da areia, que êle

voltou nessa manhã para a carvoaria, onde ainda botou, pela bôca e pelo nariz, uns dois ou três litros d'água.

O mar possui, entretanto, o dom de atrair mesmo aqueles que lhe têm horror. E foi por isso que, à tardinha, o primeiro cuidado do quitandeiro foi encaminhar-se para a praia, que se achava fervilhante de gente, de banhistas audaciosos, ou tímidos, os quais entravam, nas vestes e nos modos, em elegante contacto com a Natureza.

A essa hora, porém, a maré não estava cheia, como de manhã. Em completa vasanté, as ondas quebravam longe, a dez metros do ponto em que rebentavam horas antes. Um lençol de areia, alvo, liso, enorme, estendia-se, agora, entre a muralha da Avenida e a ourela espumejante do mar. E foi vendo essa diferença que o Antônio pôs as mãos na cintura, espantado.

— Sim, “senhôire”!... — exclamou.

E lembrando-se do que lhe havia acontecido de manhã:

— Como êste “p’soal” tem bebido “iá-gua”!...

## XXI

### O RECURSO

Não havia mulher casada e de coração que não lamentasse a sorte daquela pobre senhora. Em dez anos, doze filhos. E isto sem que houvesse esperança de modificação, porque o mais novo tinha três meses e tanto e ela, como o marido, não haviam passado a casa dos quarenta.

— Que horror, minha Virgem Maria! — exclamava uma, ao vê-la passar, à noite, rumo do cinema, a distrair o seu bulhento exército liliputiano.

— Parece rato! — observava outra, menos generosa com aquela fecundidade.

E todas lamentavam o destino da virtuosa mãe de família, cuja vida havia sido consumida, naqueles últimos dez anos, em dar de mamar a meninos.

Foi por isso que, certa noite, no aniversário do comendador Benevenuto Fontes, causou espanto a notícia, trazida, de repente, à gente do salão, pelas pessoas que se achavam no jardim:

— Dona Bibina está aí!

E foi uma alegria para todas as senhoras daquela roda, antigas companheiras de mocidade, aquele aparecimento.

— Afinal, hein? Que soberbia é essa?... — exclamava, jovial, Dona Belinha, espôsa do comendador.

E as outras:

— É verdade! Você não aparece mais, e nem dá notícias à gente!

— Que ingratidão!...

Assediada por essa maneira, Dona Bibina resolveu justificar-se. Os meninos não lhe davam tempo para nada. De manhã à noite, era uma luta com êles. O Maneco, então, era um vadio de fôrça. E o pequeno cada vez mais manhoso, mais chorão, exigindo peito a toda hora e passando a noite, às vezes, de olhos arregalados, mettendo na bôca os dedinhos do pé.

E como a palestra tombasse para êsse terreno, começaram as observações escandalizadas:

— Também, aonde vai você com isso, Bibina? Em dez anos, doze filhos!...

— E não há esperança de parar!...

— Ponha um ponto final na família, menina!

Bondosa e simples, a querida senhora sorria, fazendo ressaltar no rosto largo e claro os seus lindos dentes muito alvos. E como as amigas insistissem, justificou-se:

— Isso é assim mesmo, meninas. Ora, esta!...

E rindo:

— Quem anda à chuva é para se molhar... Não é?

As senhoras acharam graça daquela explicação, e iam, talvez, replicar, quando notaram, a dois passos de distância, o comendador, que chegava, arrastando à frente, como um grande baú de quinquilharias de turco, o seu enorme ventre carregado de berloques e medalhas. Vendo-o, a roda feminina calou-se. Mas havia sido tarde, porque o velho banqueiro tinha ouvido, pelo menos, a última frase. E como quisesse ser gentil com as damas, foi chegando, e intervindo:

— Aí está uma cousa com que eu não concordo. Palavra! Eu não acho que, quem anda à chuva, tenha fatalmente de molhar-se.

E ingênuo, no meio daquelas maliciosas:

— Para que foi, então, que se inventou a capa de borracha?

## XXII

### FRANCISQUINHO

Quando o Francisco chegou aos quinze anos, o Sr. Vitorino viu, logo, com os seus olhos de pai, que o rapaz não passaria, durante toda a vida, de um toleirão. Aquele riso apalermado, aquela timidez diante das mulheres, aquele rubor imprevisto, todas as vezes que se aludia, na sua presença, a um caso galante, enchiam o lavrador de apreensões, que se tornavam, dia a dia, mais fundadas.

— É o primeiro palerma da família!  
— queixava-se, desolado, o pobre pai.

Mas acentuava, numa esperança:

— Quem sabe, porém, se, casando, êle não endireitará?

Foi com êsse pensamento que o Sr. Vitorino pensou em casar o Francisquinho. Alto, forte, espadaúdo, com um rosto de moça e um arcabouço de gigante, o rapaz encontraria, sem dúvida, uma rapariga que o quisesse para marido. O essencial era, porém, que a noiva não fosse uma ingênua, uma toleirona como êle, mas uma criatura

expedita, jeitosa, experiente. Enfim, que êle fizesse a escolha, arranjando uma companheira, cujo convívio lhe fizesse a revelação gloriosa da vida.

Consultado o bobalhão, êste pensou um instante, corou duas vezes, e, na terceira, confessou:

— Eu, meu pai, por mim, escolhia a Luizinha, filha de Dona Janoca!

O primeiro gesto do lavrador foi arregalar os olhos. A Luizinha era uma linda menina, muito ajuizada, muito direita, muito trabalhadeira. O seu único defeito era a inocência, o desconhecimento da vida, que é um jardim, e do pecado, que é a sua flôr. Desde, porém, que o filho a escolhia, o sr. Vitorino concordou com êle, reservando-se, porém, o direito de fazer-lhe as necessárias recomendações.

Estabelecido o noivado e realizado o casamento, o lavrador chamou o filho, à-parte, para científicá-lo dos seus deveres. E explicou-lhe:

— Olha, Francisquinho, presta bem atenção ao que eu te vou dizer. Quando os convidados saírem e te recolheres ao quarto com a Luizinha, aproxima-te dela, senta-te ao seu lado, e dá-lhe um beijo na bôca.

— Um beijo, papai? — estranhou o pamonha, vermelho de pudor.

— Um beijo, sim, — confirmou o velho.

E continuando:

— Depois, dás outro, outro, mais outro... Mas não te apresses, para não atordoar a menina. Os primeiros devem ser espaçados, de dois em dois minutos; os outros, de minuto em minuto; depois, dois por minuto. E assim por diante.

Francisquinho olhava o lavrador, espantado.

— Então, papai, tem que me emprestar seu relógio...

— Não é preciso relógio, não, "seu" tôlo! — emendou o velho.

E após um instante de meditação:

— Olha, eu vou orientar-te, eu mesmo, nesse negócio. Quando os convidados saírem e tu entrares para a alcova com a Luizinha, eu fico aqui fora, no corredor, com o tambor do compadre Nicoláu, que está aí guardado. Quando eu der uma pancada, tu dás um beijo na menina. Guia-te pelas pancadas, que irá tudo muito bem.

Às onze da noite, com a casa silenciosa e os noivos no quarto, o Sr. Vitorino sentou-se em uma cadeira, pendurou o tambor ao pescoço, empunhou os cambitos, e fez fogo:

— Plan!

Cinco minutos depois, repetiu:

— Plan!

Após dois minutos:

— Plan!

E já estava com duas pancadas por minuto, quando o Francisquinho gritou do quarto:

— Papai!

E numa súplica:

— Rufa o tambor... Sim?

## XXIII

### A ARTILHEIRA

O salão de banquetes do Jóquei Clube estava repleto de cavalheiros e senhoras, que tomaram lugares em tórno à grande mesa em forma de Z, quando nele penetraram, lado a lado, aquele cavalheiro e aquela senhora.

— É o Dr. Borges Borba, — informaram alguns convivas, voltando-se nas cômodas cadeiras de palha.

O casal era, realmente, daqueles que chamam a atenção. Alta, esbelta, cabelos negros, cobertos por um chapéu pequeno, de que se desprendia, como uma flâmula, uma grande renda de sêda, Dona Alicinha podia ser considerada, num certame sincero, a mais bonita mulher da cidade. Possuía um modo de rir todo seu, voltando a cabeça para cima, afim de mostrar a perfeição de todos os dentes. Apenas, como tinha os olhos ligeiramente convergentes, contraía-os discretamente, usando, ainda, a *lorgnette*, numa encantadora miopia de encomenda.

Podia ter vinte e oito anos, no máximo. Estava casada há uns dez e alimentava pelo

marido uma dessas amizades carinhosas, que valem mais, às vezes, do que o amor. E essa amizade, essa estima, patenteava-a a moça por toda parte, cercando-o de atenções, de cuidados, de demonstrações de ternura a que não falta, nunca, uma ponta de bom humor.

À chegada dos dois, o almirante Ribas correu, sorridente, a encontrá-los.

— Chegamos tarde; não? — observou a moça, num gorjeio.

— Não, senhora; V. Ex. nunca chegará tarde, — opinou, gentil, o velho marinheiro.

E com a sua galanteria habitual:

— Eu já havia mandado parar o sol, como Josué, para que V. Ex. chegasse à hora marcada!

A desordem havida na distribuição dos lugares, fez com que Dona Alicinha, muito contra seu gosto, não ficasse perto do marido. Ficaram, contudo, um em frente do outro, sentando-se a moça ao lado da baronesa de Pedra Negra, e ficando o Dr. Borges, com o seu *cavaignac* louro e cuidado, à esquerda do velho almirante.

O banquete correu, como todas as festas sem grande etiqueta, no meio da mais ampla cordialidade. Não obstante o número de convidados, superior a sessenta, conversava-se como em família. E foi no meio dessa intimidade que o brilhante marinheiro ofereceu a festa, num discurso jovial e ma-

ravilhoso, ao seu velho companheiro de classe, o Sr. almirante Alexandrino de Alencar, ministro da Marinha, a quem chamou, entre os aplausos gerais, o “último descendente brasileiro dos risonhos estrategos de Atenas”.

Esvaziadas as taças espumantes, esperávamos, todos, o café e os licores, quando Dona Alicinha, ansiosa por um carinho do marido, começou a fazer, com os dedos claros e afilados, pequeninas bolas de pão, que lhe atirava, com graça, por cima da mesa.

— Lá vai uma... É no coração... — dizia, a cabecita de um lado, a bolinha na ponta dos dedos.

Alvejado quatro ou cinco vezes pela encantadora artilheira, o Dr. Borges Borba sorriu, com bondade. Em certo momento, porém, voltou-se para o almirante Ribas, que lhe ficava ao lado:

— O senhor, que é militar, diga-me uma cousa, almirante: que é que me compete fazer, para acabar com êste bombardeio?

— É simples, meu caro doutor; é muito simples! — informou o grande marujo.

E como o outro esperasse a resposta:

— Entupir a peça!

## XXIV

### O P A P ã O

(SOBRE UMA ANEDOTA ESPANHOLA)

Coração singelo e alma pura, o Arnaldo Batista nutria pelo Bernardo Botelho, desde o colégio, uma estima fraternal. Encaminhados para o comércio, tiveram casa na mesma rua, estabelecendo-se um com farmácia, outro com papelaria. Uma única deliberação os separou: Batista casou-se, ficando o outro solteiro. Isso não influiu, porém, na amizade que os ligava, e de tal maneira que Bernardo não perdia, duas vezes por semana, os jantares do amigo casado, com direito, ainda, a outras visitas esporádicas.

Ao fim de dois anos de casamento, a Enedina, isto é Mme. Arnaldo Batista, brindou o espôso com um pimpolho que era um encanto.

— Vou pôr-lhe o nome de Bernardo! — sentenciou, logo, o farmacêutico. — É o meu melhor amigo; mais do que meu irmão.

A espôsa recusou. O Bernardo era muito de casa, muito íntimo. Podiam ma-

liciar. O melhor seria dar outro nome, como, por exemplo, o de Antenor, o de Paulo, o de Luiz.

— Pois, então, será Luiz, — concordou o Batista. — Chamá-lo-emos Luizinho!

Robusto, forte, cabelos muito louros, faces muito coradas, o Luizinho tornou-se o ídolo da família. O pai era doido por êle; a mãe adorava-o. E o Bernardo manifestava pelo pirralho tal ternura, tal entusiasmo, tal estima, que não ia para a sua casa de negócio, sem dar, primeiro, um beijo no pequeno. Às vezes voltava à hora do almoço, e ainda ao anoitecer, para trazer-lhe umas balas, um brinquedo, um livro de figuras.

Ao Arnaldo encantava, sinceramente, essa afeição do amigo. E só o censurava, quando êle, desconhecendo a moderna puericultura, isto é, os novos métodos de educação infantil, punha uma toalha à cabeça, avançando para a criança...

— Lá vai o papão!... Lá vai o papão!... Lá vai o papão comer o Luiz! — dizia, curvado, a voz mudada, caminhando para o menino, que fechava os olhos, tremendo, assustado, agarrado às saias de Dona Enedina.

— Não faças isso, Bernardo! — pediã o farmacêutico. — Isto faz mal. A criança vai ficando amedrontada, apavorada, poden-

do isso causar, mesmo, sérios distúrbios nervosos.

E amigável:

— Não faças mais isso; eu te peço...

Não obstante êsse pedido do amigo, o Bernardo tomou um mau costume: sabendo que o Arnaldo só voltava da farmácia, nos dias de plantão, depois da meia-noite, insistia em ir, às nove horas, amedrontar o pequeno. Quando êle entrava na casa, o Luiz estava, geralmente, no quarto do casal, com a sua mamãe, que, já metida no seu traje de dormir, procurava adormecê-lo. Pé ante pé, chegava na sala de jantar, tirava as botina, o paletó, a calça, tomava uma toalha, e enveredava pelo dormitório, vergaão, coxeando, a voz cavernosa:

— Olha o papão!... Olha o papão, que vem comer o Luiz!

— Olha o papão, meu filho! — dizia Dona Enedina, apontando o fantasma ao pirralho. — Anda, dorme logo!

Apavorado, Luizinho fechava os olhos, dormindo até de manhã.

Certa noite, o papão acabava de entrar no quarto, onde Dona Enedina, em camisa, adormecia o pirralho, quando se ouviu, no jardim, a corrente do portão.

— Minha Nossa Senhora, é o Arnaldo!  
— gemeu Dona Enedina, torcendo as mãos.

Aflito, o papão enfiou para debaixo da cama, com toalha e tudo. E mal havia desaparecido, quando o dono da casa, que se aviara, nessa noite, mais cedo, empurrou a porta do quarto.

— Ah, papaizinho! O papão! — gritou Luizinho, abrindo os olhos, e atirando-se ao pescoço do pai.

E indicando para debaixo da cama:

— Ele está aí, papai! Ele está aí, escondido! Ele se meteu debaixo da cama, papai!

Ante essa insistência do filho, Arnaldo ajoelhou-se no tapête, puxando, daí, o amigo, em meia e ceroula, a toalha no ombro.

— Sim, senhor, “seu” Bernardo!... — exclamou, sacudindo a cabeça. — Sim, senhor!

E em tom de censura:

— Eu não lhe tenho pedido tantas vezes que não meta medo ao menino?

## XXV

### A FILOSOFIA

O tempo andava mau para aquelas bandas. As chuvas, outrora tão frequentes, haviam desaparecido, contribuindo para que as lagoas secassem e não houvesse, mesmo, nem relva, nem fôlha, naquela margem do rio.

— Isso assim vai mal! — filosofou, um dia, a Preguiça, levantando morosamente o braço. — Se a estiagem continuar, eu terei, com certeza, de mudar-me.

Ao fim de seis meses, a situação era a mesma. Do alto da árvore nua que lhe servia de abrigo, o feio tardígrado notou que um grupo de homens construía uma ponte, ligando as duas margens do rio.

— Vou aproveitar aquela passagem! — disse.

E começou a descer da árvore.

Um ano depois, estava no chão. E, passado outro ano, viu-se, na sua marcha vagarosa, a poucos metros da ponte.

O tempo, o sol, as intempéries haviam inutilizado, em parte, aquele trabalho da engenharia sertaneja. Os barrotes estavam

podres, velhos, carcomidos. Ao menor sôpro do vento, as tábuas rangiam, balouçando sôbre a correnteza. E a Preguiça olhava aquelas oscilações, parada, imóvel, quando viu passar, no rumo da ponte, em marcha de quem não quer chegar, uma tartaruga.

— Que animal apressado!... — exclamou. — Parece até um automóvel!

Arrastando a carapaça incômoda, a tartaruga chegou à cabeça da ponte, e começou a passá-la. E estava quasi do outro lado, quando, a uma lufada maior, as tábuas desabaram, levando nos seus escombros o pobre quelônio que a atravessava!

Ao ver o desastre, a preguiça meditou um pouco e sorriu. E foi sorrindo, triste, que acentuou, filosoficamente, referindo-se à pobre tartaruga vitimada:

— Aí está; viram?

E concluindo o seu profundo pensamento:

— Aí está em que dão as pressas!...

## XXVI

### GARANTINDO A PASSAGEM

A revolução mais grave que se operou nos nossos costumes, foi a que registou no terreno do casamento. Antigamente, um homem que não fosse casado com o auxílio de todos os sacramentos não podia, absolutamente, aparecer em sociedade. Os salões, mesmo os mais humildes, fechavam-se diante do seu nariz. A igreja negava-lhe baptismo aos filhos e não havia senhora de família, por mais liberal, que não recusasse cumprimento à dama que vivesse com um homem à revelia do padre e do pretor.

Hoje, não. Hoje, homens e mulheres casam-se como se casam, nas mesas de jôgo, as cartas de baralho. Se az de copas aparece, agora, em companhia do dois de paus, pouco depois estará, com o mesmo desembaraço, ao lado do sete de ouros, bastando, para isso, baralhar novamente as cartas.

O reverendíssimo padre Nataniel Chagas, antigo vigário de Pau dos Ferros, era um dêsses sacerdotes bondosos e intransi-

gentes, que não admitia, jamais, na sua paróquia, ligação que não fosse legítima. Para êle, a mulher só podia chegar à casa de um homem com escala pela porta da igreja. A cama de casal, era, aos seus olhos de homem puro, um dêsses móveis que só deviam ser ocupados passando por debaixo do altar. O mais era obra do demônio, tentação do capeta, ajuntamento ilícito de que só podia nascer um macaco ou um bode.

Foi por êsse tempo que chegou a Pau dos Ferros, tocado pelas sêcas cearenses, o conceituado fazendeiro capitão Jesuíno de Brito, homem sério, grave, possuidor de alguma fortuna, e cuja vida era maculada apenas por um defeito: viver maritalmente com a Clemência, cabocla de olhos grandes e dentes pequenos, a qual tinha fama, fora de casa, de não haver, jamais, enjeitado o namôro. Perspicaz e bem informado, o fazendeiro sabia de tudo; era-lhe, porém, necessário uma pessoa que lhe tomasse conta da casa, que lhe costurasse as meias, que lhe fizesse os remédios, e o melhor, na sua opinião, era fazer vista grossa, e ir vivendo, bem ou mal, em companhia da rapariga.

Certo dia, o capitão adoeceu, e de tal modo, que foi considerado em perigo de vida. E como, nesses casos, a primeira cousa que se tem a fazer é reconciliar o cristão

com o seu criador, correu a Clemência à casa do padre Nataniel, pedindo-lhe que fosse, paramentado, ministrar os últimos sacramentos ao seu companheiro de tantos anos.

Meia hora depois estava o sacerdote à cabeceira do enfêrmo, ouvindo-o em confissão. E assim que o infeliz, ansiando, acabara de relatar as abominações que havia praticado neste mundo, o padre, debruçando-se sôbre êle, observou, a voz doce:

— Entre os seus pecados, filho, um há, principalmente, que impede a salvação da sua alma. É a sua vida ilícita, morando com uma mulher que não é sua espôsa.

Jesuíno arfou, o peito oprimido e o reverendo continuou:

— A sua salvação está, entretanto, em tempo. Tome como sua espôsa diante de Deus a mulher com quem vive, e a sua alma estará no céu, nas mãos do Senhor.

Outro suspiro de Jesuíno, e o padre insistiu:

— Para entrar à porta do Paraíso, meu filho, é indispensável, creia, que você se case com a Dona Clemência!

Estertorante embora, o enfêrmo franziu a bôca, num sorriso triste.

— Qual, padre: é engano seu! — retrucou.

Sorriu de novo, e objetou:

— Se eu me casar, então...

E concluiu, com ironia:

— É que eu não entro! Sabe?

E passou a mão, de leve, pela cabeça...

## XXVII

### A CEARENSE

O Joaquim Lourenço e o Manuel Falcão chegaram ao Rio de Janeiro no mesmo dia e no mesmo vapor. Embarcados em Fortaleza, procediam, um, do Icó, e outro, de Morada Nova. Estabeleceram relações a bordo do navio do Lloyd, e contaram, um ao outro, a que vinham, empreendendo viagem tão longa.

Tanto o Manuel Falcão como o Joaquim Lourenço pretendiam trabalhar. O Ceará estava exausto, vencido, acabado. A sêca devorava tudo, e era mister que o homem abandonasse a terra inclemente, procurando solo menos ingrato.

— Eu não quero mais negócio de lavoura, não! — declarava, na sua fala arrasada e cantada, o antigo agricultor de Morada Nova.

E coçando a cabeça, chata como um cabo de almofariz:

— Plantação é como mulher: se o cristão não trata dela, ou morre ou degenera!

Joaquim Lourenço preferia a lavoura à criação:

— É engano, “seu” Manuel Falcão; é engano seu! Trabalho perdido é trabalho que se tem com bicho vivente.

E imaginoso:

— Boi é como menino: soltou êle de mão, morreu!

Era nessa discussão que vinham os dois quando o João Vidal, outro cearense, que os ouvia, propôs, para liquidar a questão:

— Vamos decidir êsse negócio. A Felismina está aí dentro do camarote do mestre, gemendo com a dôr santificada. Fica decidido isto: se for menina, o melhor é vocês dois se meterem na vida da lavoura; se for menino, vocês se metem no comércio... Está feito?

— Está feito! — concordou Joaquim Lourenço.

— Está dito! — secundou o Falcão.

A dois passos do monte de cordas em que os dois discutiam à proa do navio, a Felismina gemia, num camarote de terceira classe, padecendo as dôres da maternidade. De repente, parou de gemer, e ouviu-se um chôro tímido de criança recém-nascida. Ansiosos, os rapazes esperavam, do lado de fora. E estavam, já, inquietos, quando o João Vidal abriu a porta, e, apresentando nas mãos um pirralho, exclamou:

— Pronto, pessoal. Vocês dois vão para o comércio: é homem!

Nesse momento, porém, a Felismina começa a gemer de novo, e se cala. E, de novo, aparece o João Vidal, com outro recém-nascido:

— Está empatado, minha gente; a lavoura também é boa; esta é menina!

Fatigada do sofrimento, a Felismina, dentro, solta um gemido de alívio. E ia fechar os olhos para dormir, quando o Falcão, tomando uma cousa por outra, interrompeu, alarmado:

— Siá Felismina?

— Senhor! — atendeu a pobre, de dentro.

E o Falcão, do monte de cordas:

— Não é preciso mais, não; a aposta era só entre dois!

## XXVIII

### SATURNO

Com a sua mania, tantas vezes censurada, de invocar, a qualquer propósito, a mitologia grego-romana e os fatos históricos da mais remota antiguidade, o desembargador Abelardo havia desgostado mais uma vez as senhoras daquela roda encantadora, contando-lhes, com ênfase, a famigerada lenda de Saturno.

— A senhora, Dona Luizinha, — aventurou o velhote; — a senhora conhece, com certeza, a velha lenda...

— Conheço, sim, senhor; conheço — precipitou-se a moça, a ver se impedia, pelo menos daquela vez, a intolerável sabatina do magistrado.

— Mas eu não a conheço, não, desembargador, — acudiu, contrariando o resto do auditório, uma senhora ainda jovem, olhos negros, recentemente chegada de Pelotas, onde se casara com um funcionário público, e que se singularizava entre as outras por um sorriso de candura, de pureza, de castidade doce, e, depois disso, por um sinali-

inho escuro, um pouco acima da sobrancelha esquerda.

Tornada inevitável a narração, as senhoras fizeram silêncio, e o velho juiz enxugou o suor da fronte larga, que a calvície multiplicára até o meio do crânio, e começou, a voz pausada:

— Saturno, filho do Céu e da Terra, e marido de Réa, tinha o pressentimento de que seria deposto do trono, um dia, por um dos filhos que lhe nascessem. Vaidoso e sem escrúpulos, imaginou, logo, êsse deus, um meio de impedir a fatalidade. E como o melhor seria evitar a formação da prole, passou a comer, invariavelmente, todos os filhos homens que a mulher concebia.

— Comia os próprios filhos! — estranhou, a mão no queixo macio e moreno, a encantadora senhora gaúcha.

— Os próprios filhos! — confirmou o magistrado, desvanecido por encontrar, naquele meio, uma pessoa que o ouvisse de boa vontade.

Testa franzida, olhos semicerrados, Dona Palmirinha, a linda rio-grandense, continuou a ouvir, sem interrupção, a digressão mitológica do antigo membro da Côrte de Apelação. Mas não percebia nada; o seu pensamento andava por longe, errando entre cenários de fogo, ferindo-se no espinho de umas lembranças vagas, que se lhe multi-

plicavam no cérebro. E foi sem dar conta de si mesma que testemunhou o termo da lenda, sem saber, mesmo, se esta havia acabado.

À noite, de regresso do chá elegante naquela casa de amigos, estava a moça recolhida, já, ao seu leito, quando o marido chegou. Percebendo-o no aposento contíguo, chamou-o:

— Belarmino!

O rapaz apareceu à porta, alto, forte, espadaúdo, rosto escanhado, charuto à boca, despindo a casaca.

— Vem cá. Senta-te aquí, — convidou, cedendo-lhe lugar à beira da cama.

E após tê-lo a seu lado:

— Dize-me uma cousa, tu tens medo que, nascendo um filhinho nosso, êle tome o teu lugar no ministério?

— Não. Por que? — estranhou o boêmio, achando graça naquela extravagância.

— Por nada... — respondeu a moça, desviando os olhos, envergonhada de si mesma.

E com tristeza, quasi com amargura, como quem não compreende certos mistérios, ou, melhor, certas maldades:

— Eu pensei; sabe?

## XXIX

### OS JUDEUS

Isaac Ben-Ackar, filho de Aarão e de Raquel Ben-Ackar, veio ao mundo em um sobradinho da rua da Alfândega, no qual o pai possuía uma pequena loja de fazendas. Três incêndios, um naufrágio e quatro roubos de mercadorias que estavam no seguro, garantiram ao honrado comerciante uma velhice tranquila, e a seu filho, que o sucedeu no negócio, uma juventude próspera e uma confiança absoluta na proteção de Jeová.

A compra de um cobertor, a prestações, e os vários incidentes que sobrevieram no curso do pagamento, acabaram por estabelecer entre nós certas relações de amizade. E de tal modo essa intimidade se estreitou, que Isaac Ben-Ackar não se sentia humilhado, perante o seu Deus, em frequentar a minha casa, nem eu prejudicado, em objetos ou em dinheiro, quando saía da sua.

Certa noite, estávamos conversando familiarmente sobre o destino melancólico do povo de Israel, quando o filho de Aarão, fazendo o elogio da sua raça, começou a contar

aquela famosa lenda judaica dos exilados, que serviu de tema poético a uma das mais belas páginas de Catule Mendés.

— Na terra do exílio — começou Isaac, afagando a barba hirsuta e grisalha, — os judeus iam, todas as tardes, para a praia solitária, sentando-se na areia, em dolorosa meditação. As nuvens, no ocidente, formavam castelos incendiados, que o vento fazia e desfazia. E êles alí ficavam até que as claridades do sol se apagavam, e que Jeová lançava sôbre todas as cousas o seu imenso manto de estrêlas.

Nesse ponto, Isaac coçou a barba, com fôrça, e continuou:

— Um dia, appareceu na terra do exílio um ancião, que se disse enviado de Jeová, para conduzir o seu povo a Canaan. Divulgada a notícia e o convite, os judeus se aglomeraram, todos, uma tarde, na praia, à espera do novo Moisés. Êste chegou. Era um homem alto, robusto, de palavra clara e fisionomia doce. Olhos iluminados, ergueu o braço, e apontou para longe, no mar, onde as nuvens se amontoavam.

— Jerusalém brilha, acolá! — disse.

E com alegria no coração:

— Vinde comigo, filhos de Israel!

Dito isto, o ancião juntou as mãos, e, cabeça alta, passo firme, começou a penetrar no oceano. Atrás dêle, três a três, iam

os judeus, com a mesma fé, a mesma serenidade. Em breve, a água atingia-lhes os joelhos, o peito, o pescoço. O ancião e os três rabinos que iam na frente, desapareceram. O mesmo sucedeu aos que iam logo atrás. E, assim, três a três, até o último, deixando a praia, para sempre, deserta...

Isaac Ben-Ackar ia enxugar, ao término da narrativa, a primeira lágrima desinteressada que chorara na sua vida, quando o seu filho menor, o Daniel, de sete anos, que se achava presente e ouvira tudo com atenção, o interrompeu, curioso:

— Papai, você me diz uma cousa... Diz?

E, muito vivo, os olhinhos muito arregalados:

— Quem foi que atirou o tostão no fundo do mar?

## XXX

### O VIAJANTE

À sombra da grande mangueira que unia, pelo espaço, o teto do palacete às rígidas palmeiras da rua, conversavam os dois, às últimas claridades do dia moribundo, naquela doce visita de despedida.

Jovem e linda, ela possuía nos olhos verdes a malícia misteriosa do oceano. Cabelos de ouro, boca miúda como um beijo, colo farto como uma onda. Ele era mais velho do que ela doze anos, e ia partir para longe, para o estrangeiro, continuando a sua vida incômoda de turista infatigável. Sentados um ao lado do outro, o rapaz falava-lhe de cousas encantadoras e vagas, quando, estendendo o braço pelo encôsto do banco, sentiu, de repente, a suave tepidez da-quele corpo sem dono.

Avançar a mão até atingir, com os dedos trêmulos, o macio pescoço da linda viúvinha, foi questão de um minuto. Era preciso, porém, disfarçar a temeridade do ato com o pretêsto da palavra, e o moço passou, de pronto, a falar da sua viagem.

— Vai ser uma peregrinação demorada, a que vou fazer, — começou. — Pretendo ir, daqui, a Portugal.

E avançou o braço, atrevido, pelo ombro da moça.

— Em seguida, — acentuou, — irei à Espanha. Visitarei Madri, Barcelona, Cadiz, Oviedo, San Sebastian.

E avançando a mão:

— Depois irei à Inglaterra.

Enquanto descrevia o adiantamento da indústria inglesa, o progresso das suas fábricas, o desenvolvimento das suas usinas, ia arrastando os dedos, um a um, de leve, pelo braço da linda senhora, cujo interêsse pela viagem era tão evidente que ela não dava, sequer, pela branda carícia que lhe faziam. Tanto assim, que, nesse ponto, foi ela mesma quem perguntou:

— E depois?

— Depois — tornou êle, avançando a mão, descendo pelo busto macio, rumo da frente; — depois...

E num avanço brusco:

— Subirei os Alpes!

A viúvinha fechou os olhos, como quem imagina montanhas de neve, muito alvas, muito rígidas, de cimos raramente tocados.

E foi com os olhos cerrados, que indagou, quasi num desmaio:

- E lá... é muito frio?
- Não, senhora, — atendeu o rapaz.
- Pelo contrário...
- E baixinho:
- É muito... quente!
- E continuou a viagem...

## XXXI

### AS ESCÔVAS

(DE CABELO)

Recentemente chegada de Santo Amaro, na Baía, onde fôra, na mocidade, uma das mulheres mais lindas da terra, dona Maria Luiza guardava, no tumulto desta Babilônia, os mesmos sentimentos puros, a mesma alma simples, que trouxera da sua cidade natal.

Hóspede da sua sobrinha Palmira Nóbrega, espôsa do ex-deputado Vicente Nóbrega, a virtuosa sertaneja não podia ouvir sem arrepios as cousas que esta conversava com as amigas. Educada em um ambiente em que, na expressão popular, “mulher de homem fede a defunto”, isto é, em que a honra da mulher só pode ser desagravada com a morte do sedutor, dona Maria Luiza ficava horrorizada quando, ao comentar os *potins* do dia, a sobrinha informava a alguma visita do seu tope:

— Viste aquele escândalo da Colombo?  
A Lulú Freitas Guedes, não obstante achar-

-se com o marido, não tirava os olhos do Fernandinho Borges.

— Pudera! Êles se encontram todos os dias, quasi às barbas do Guedes.

— Não sabia.

— Pois, é cousa sabida, na cidade!

Impressionada com essas histórias, que ouvia diariamente, a virtuosa matrona não podia absolutamente se conformar. Tudo aquilo seria, mesmo, verdade? Se existia tanta mulher pecadora, desviada da lei de Deus, como é que as ruas não estavam transformadas em rios de sangue?

E foi com essa dúvida no coração que, uma noite, no quarto de vestir, dona Maria Luiza interpelou a sobrinha:

— Mas, Mimi, tu me dizes uma cousa?

— Se eu souber...

— Será possível que todas essas histórias que vocês conversam, sôbre desvios de senhoras casadas, sejam mesmo verdade?

— Oh, titia! A senhora, então, duvida? São absolutamente verdade, e adiantolhe mais, não são nem a décima parte do que acontece no Rio de Janeiro!

E enquanto arrumava uns objetos de *toilette*:

— Olhe, há mulheres no Rio que são como esta escôva de fato, mas como essas escôvas de portaria de hotel: é do dono, mas toda gente se escova com ela!

E rindo:

— É por isso, talvez, que há, hoje, tanto homem “escovado”!

O queixo na mão, olhos parados, dona Maria Luiza quedou-se, meditativa. De repente, observou, num suspiro:

— Sim, senhora; quanta perdição!

E após um momento:

— Na Baía, também, minha filha, as mulheres são como as escôvas. Mas como as escôvas de dentes.

E levantando-se, enquanto concluía:

— Cada um tem a sua!

## XXXII

### O CALVÁRIO

— O martírio, meu filho, — dizia-me, de olhos no céu, o virtuoso e santo abade Fortunato; — o martírio é que eleva o homem, dando-lhe o conhecimento do mundo. Sem sofrimento não há perfeição. A Bondade é água pura; mas a Dôr, só ela, ela só cristaliza a água, tornando-a em diamante.

Sòzinhos, de pé, à porta do pequenino templo cristão, suspenso, como um ninho de águia, no cimo da penedia, nós olhávamos, os dois, a agonia melancólica daquela tarde. Ao longe, para além das montanhas cinzentas, o céu ardia, numa grande fogueira. Nuvens imensas franjavam-se de púrpura e ouro, como grandes cortinas de uma enorme sala de festa. Mais longe, outras, aglomeradas, lembravam, rubras, um monte de lençóis ensopados de sangue, atirados, à-toa, do leito de um moribundo.

Padre Fortunato olhava, em silêncio, a apoteose do ocidente, quando, de repente, prosseguiu:

— A Bondade, tu o sabes, é como a terra firme em que se pisa. O Martírio

fica acima da Bondade como a Cruz ficava acima do Calvário.

E voltando-se para o interior do templo, onde as últimas claridades do dia convergiam, num feixe, sôbre a imagem do Crucificado:

— Só daquela altura, meu filho, é que se pode ver, de olhos limpos, a grandeza e a miséria do mundo!

Do alto da tôrre desceram, nesse momento, como pétalas de uma rosa de som que se desfolha docemente no espaço, as pancadas da Ave-Maria. Ajoelhamo-nos, os dois, enquanto as nossas almas tomavam as asas e se elevavam, em silêncio, para recolhê-las comovidamente nas mãos...

## XXIII

### A INDIGNAÇÃO DE JUDAS

Eu voltava, madrugada alta, do ponto do litoral em que estão sendo lançadas, dia e noite, as areias do Castelo, quando, no começo da Avenida, notei que havia um vulto acocorado nas escadarias do Monroe.

— É algum desventurado, — disse, — que não encontrou onde fosse dormir. Porque é preciso ser muito desgraçado, e viver em penúria completa, para passar uma noite destas, tão fria e tão úmida, inteiramente desagasalhado.

E como a idéia de um infortúnio me batesse, teimosa, à porta do coração, encaminhei-me para o lado em que estava o infeliz, disposto a atirar-lhe uma prata, ou duas, para o pão do dia ou para o simples café da manhã.

Ao aproximar-me, verifiquei que era um indivíduo de estatura mediana, orçando, mais ou menos, pelos quarenta e cinco anos. O rosto magro, escaveirado, terminava por uma barbicha negra e insolente, puxada para diante, como a dos bodes. O cabelo maltratado caía-lhe em feixe sobre a testa bai-

xa, que era como a parede dianteira de uma palhoça, que escondesse, discreta, as duas janelas dos olhos. O nariz aquilino curvava-se-lhe sôbre a boca funda, emprestando-lhe à fisionomia, ao mesmo tempo, um todo de desgosto e de maldade. Trazia a cabeça descoberta, calçava alpercatas poídas, e vestia uma túnica de tecido grosseiro, de um vermelho escuro, que o tempo desbotara. Com a minha presença o desgraçado baixou o rosto, procurando esconder, entre as dobras do manto, qualquer cousa que trazia na mão.

— Bom dia, amigo! — exclamei, parando ao pé dêle, que se sentara no terceiro degrau da escadaria. — Madrugou hoje, não?

Animado pelo tom da minha palavra, o mísero levantou o rosto, confiante:

— Eu? Nem dormí esta noite, acredite!

Ao encarar aquela figura extravagante, franzi a testa, espantado:

— Diga-me uma cousa: o senhor é daqui?

— Não, senhor. Eu estou aquí por fôrça das circunstâncias. O senhor nunca ouviu falar em Judas Iscariotes?

— É o senhor?

— Exatamente, — exclamou o infeliz, ganhando coragem. — Sou êle, em pessoa.

Aquele encontro, em tal lugar, pareceu-me curioso. Entretanto, indaguei:

— O senhor foi eleito deputado?

— Não, senhor. Apresentaram a minha candidatura, mas eu não quis.

E virando-se para cima, para a porta do Monroe:

— Não valia a pena. Esse “pessoal” me vendia...

Inimigo de política, desviei, logo, a conversa:

— E que faz, então, por aquí?

Irreverente como sempre, o miserável puxou de sob a túnica o pequeno saco de moedas, e esbravejou:

— Olhe, porque estou aquí; olhe!

E com os olhos faiscantes:

— Imagine o senhor, que eu saí, ontem, com êste “cobre”, disposto a jantar e a dormir bem. Fui a um restaurante, e sabe quanto me pediram por uma costeleta de carneiro? Setenta dinheiros! Um desafôro! Irritado, resolví dormir com o estômago vazio. Fui a uma estalagem, e pedi um quarto. E sabe quanto? Quarenta e cinco dinheiros! Um roubo! um verdadeiro assalto à bolsa do próximo! Furioso, atirei-me para cá, onde passei uma noite de cachorro, estirado na pedra, onde o senhor me veio encontrar.

Trançou o pano da velha túnica, e insistiu:

— Os preços, como o senhor sabe, subiram desesperadamente. O açougueiro aumentou o da carne, o padeiro o do pão, o proprietário o da casa. Entretanto, eu, que sou, de todos, o mais honesto, continuo a vender Cristo por trinta dinheiros, isto é, pelo mesmo preço do mercado de Jerusalém, sob Tibério!...

E dentes cerrados, punhos ameaçadores:

— Um desaforo! Uma injustiça! Uma desigualdade!...

Amanhecia. Atordoadado com a luz, que crescia, Judas Iscariotes arrepanhou a túnica, e estendeu-me a mão infame:

— Até para o ano! — disse.

E voltando-se, mais uma vez, para a porta do Monroe, punhos cerrados, olhos fuzilantes:

— Classe desunida!...

## XXXIV

### CABOTAGEM

Desde menino, seguindo a profissão do pai, o Antônio Bernardo servia na pequena navegação costeira, viajando, como tripulante do iate “Flôr das Ondas”, entre o Rio de Janeiro e o Cabo Frio. Perito e corajoso, conhecendo os caprichos do vento e os infinitos acidentes da costa, contavam-se por centenas, já, as viagens que havia feito. E não registava um encalhe, um naufrágio, um abalroamento, uma simples vela rôta, no tumulto das vagas, pelo sôpro irreverente das tempestades.

Aos vinte e dois anos, o Antônio Bernardo resolveu casar-se. E como o seu coração não fosse exigente, dois meses depois levava êle à pretoria, aquí, no Rio, a Esmeraldinha Benevides, filha mais moça do João Benevides, contra-mestre do iate “Pedro I”, que fazia carreira para as salinas de Macaé.

Realizado o enlace, e despedidos os convidados, penetrou o valoroso marujo o quarto nupcial, onde a sua Esmeraldinha, muito

vermelha, muito tímida, o esperava, de pé, com todos os seus trajos de noiva, diante do leito alvo, em que as rendas espumavam como vagas que se quebrassem na praia.

Rude como o próprio oceano, rosto queimado de sol e cabeleira cheirando a maresia, o piloto da “Flôr das Ondas” não sabia, realmente, o que fizesse, naquela emergência. A novidade da situação atordoava-o, confundia-o, perturbava-o, e foi perturbado, confuso, atordoado, que êle se sentou na cama, torcendo as mãos. De repente, teve uma idéia:

— Esmeraldinha ! — chamou, carinhoso.

A moça virou-se para êle.

— Arreia a bujarrona ! — ordenou.

A moça despregou o véu, pondo-o sobre uma cadeira, ao lado.

— Desce o traquete ! — tornou o rapaz.

Esmeraldinha desabotoou o vestido, deixando-o cair no tapête, no meio do quarto.

— Desce a gata ! — comandou, ainda, o rapaz.

A calça da noiva tombou-lhe aos pés, desabotoada.

— Arreia a mezena !

A camisinha, que lhe velava o corpo, acompanhou, no chão, o destino da calça.

— Larga! — berrou o rapaz, pondo-se de pé, apontando-lhe o rumo do leito.

Esmeraldinha, obediente à ordem de comando, pulou para a colcha da cama.

E saíram, barra a fora, debaixo de coberta enxuta.

## XXXV

### O PRIMEIRO DIVÓRCIO

Para aquela população barulhenta, composta de leões, camelos, rinocerontes, girafas, hipopótamos, papagaios e outros bichos da terra e do ar, fôra um escândalo a notícia aparecida, de manhã, nos vários jornais publicados no Paraíso. E os telefones, logo, tilintaram, levando a novidade:

— Então, leste o que aconteceu?

— Não; que foi?

— Adão, o Homem, surpreendeu Eva, companheira dêle, comendo a maçã, oferecida pela Serpente!

— Que horror, meu Deus!

E um arrepio de terror fazia estremecer a zebra, a corça, a vaca, a toupeira e outras senhoras da alta sociedade primitiva, que jamais haviam tido notícia, entre os animais, de semelhante descaramento.

Certo dia, passava o primeiro Homem, de automóvel, por uma das aléias do Eden, quando um veado, que tomava sorvete de manga na *terrasse* de uma confeitaria da moda, se pôs, de repente, a rir, passando o

lenço pelo chifre. Testa franzida, barba revôlta, a espalhar-se pelo peito nu, o ofendido bateu no ombro do chimpanzé que guiava o auto, mandando parar o veículo.

— O senhor está zombando de mim? — indagou, feroz, o Homem, passando a cabeça, com dificuldade, pela portinhola.

Interpelado assim, o veado marchou no rumo do auto, e, sem se conter, desafiou:

— Olha, animal de dois pés: se tu és Homem, sai dessa caranguejola. Sai!

Os olhos de Adão fuzilaram de raiva. De um salto, com toda a musculatura à mostra, o Homem pulou do carro, e enfrentou a alimária. E avançaram um para o outro, lutando, terríveis, ferozes, desesperados, num duelo de vida e de morte.

Oito dias depois, o anjo-correio chegava ao céu com um envelope grande, trazendo, em cima, as armas da primeira casa nobre estabelecida à superfície da terra.

Era Adão que requeria divórcio.

## XXXVI

### RECONCILIAÇÃO

Adalgisa, a formosa cantora que tantos aplausos recebera no Lírico, estava, já, com a sua capa de banho, quando a criada lhe foi comunicar:

— O dr. Antunes está aí.

— Manda-o entrar aquí para a sala de vestir, — ordenou a rapariga, puxando a porta do banheiro.

Momentos depois tomava assento em um divã coberto de almofadas um rapaz de meia estatura, cabelo de fogo e olhos negros, que piscavam insistentemente através do *pince-nez*. Calça clara, paletó azul-marinho, colête de sêda marron, ostentava uma elegância sóbria, de homem fino, polido, afeito à sociedade.

Dentro, no banheiro, a água chiava, jorrando do chuveiro. E quando o líquido parou de fazer barulho, o recém-chegado deu sinal da sua presença.

— Bom dia, Dadá!

— Oh, Álvaro, bom dia! És tu?

E após um momento, em que se ouvia o gorgolejar da água na banheira:

— Não te esperava mais, por esta casa!

Folheando uma revista que escancarava as páginas na mesa do centro, o rapaz achou que era o momento de justificar-se.

— Eu voltei para ver-te, e para pedir-te perdão... Sabes? Fui um grosseiro contigo. Um estúpido!

— Ainda bem que tu o dizes! — exclamou, do banheiro, a rapariga, passando o sabonete cheiroso pelo dorso claro, harmonioso, admirável.

— Eu espero, porém, que tu me perdoarás... Não é? — tornou o visitante.

Nesse momento, Adalgisa, que continuava a sua ablução, deu uma risadinha, garôta.

— Pois, bem; será como quiseses.

E sem deixar de rir, enquanto se ouvia, fora, o espumar do sabão:

— Tu sabes, filho, que, depois dessas brigas, eu passo uma esponja por tudo!

## XXXVII

### O COMPADRE

Em todo o bairro de Botafogo, não havia, talvez, dois casais tão amigos. Virtuosa e inteligente, Dona Armandinha achava que o marido, o dr. Praxedes Correia, deputado de incontestável influência, fazia uma obra meritória protegendo o coronel Benício Trindade, que não era senador, nem chefe municipal, nem intendente, nem, mesmo, um homem remediado. Por seu turno, Dona Belinha, a espôsa do coronel, considerava uma felicidade aquela proteção de personagem tão ilustre, e de tal maneira que, nascido o primeiro filho, foram padrinhos dêle, com aplauso de toda a família, o deputado e a senhora.

Dentro de pouco tempo, os dois casais tratavam-se, quasi, como parentes. Excluindo Dona Armandinha, cuja gravidade de maneiras não comportava intimidades maiores, viviam o deputado, o coronel e Dona Belinha como se fossem velhos amigos, velhos primos, velhos camaradas. Às vezes, aparecia um intruso, e observava o exa-

gêro daquela amizade. Dona Belinha era, porém, a primeira a desculpar o deputado, protestando:

— E que mal faz, gente? Nós, então, não somos compadres?

Audacioso, embora, nas suas aventuras, o deputado Praxedes temia, e sinceramente, um escândalo. O coronel devia-lhe, sem dúvida, muitos favores e, mesmo, o emprêgo que ocupava; tratava-se, porém, de um homem honrado, que adorava a espôsa, e que perderia, com certeza, a cabeça, no dia em que soubesse da sua vergonha.

E êsse dia chegou. Era um sábado quente, dêsses em que a atmosfera pesa sobre a gente como aquelas chapas de chumbo do Inferno dantesco. Fatigado, suado, aborrecido com uma discussão que travara na Câmara, o brilhante parlamentar deixou o Monroe, e, como a casa do coronel ficasse antes da sua, saltou lá, e entrou, para uma ligeira palestra com a comadre.

— Oh, compadre, como você está suado! — exclamou, ao vê-lo, Dona Belinha.

E carinhosa:

— Tire o paletó; sim? Vista uma camisa do Benício... Entre alí para a alcova. É um instante!

Instado pela gentileza de Dona Belinha, o deputado entrou, fechou a porta, pôs-se à vontade, e, com a fadiga, deitou-se na ca-

ma do casal. E estava, aí, de perna estirada, olhando a delicadeza com que a comadre lhe calçava um par de meias do marido, quando êste fez tilintar, com um empurrão, a campainha do corredor.

— Meu Deus, é o Benício! — exclamou, empalidecendo, dona Belinha, saltando da cama, em que se havia sentado.

— E agora! — gemeu o deputado, sem poder fazer o mesmo, por não ter perto uma das peças do vestuário.

Essas cogitações eram, porém, tardias. Sem encontrar ninguém na sala de jantar, Benício foi enveredando pela casa, até que empurrou, de repente, a porta da alcova. Empurrou, e recuou, horrorizado.

— Que é isto? — exclamou, a voz trêmula.

Tomou fôlego, e insistiu, com os olhos em Praxedes.

— Sim, senhor, “seu” compadre!

E com um sorriso ao canto da boca:

— Você não tem mêdo que a comadre Armandinha saiba?

## XXXVIII

### REPRESÁLIAS

(A SOCIEDADE PROTETORA DOS ANIMAIS)

— Vá deitar-se, Luizinho. São nove horas.

Recebida esta ordem, abençoado, abraçado, e beijado pela sua mamãe, pelo seu papai e pelo seu vovô, que o tinha ido visitar naquela noite, recolheu-se o pequenito ao seu quarto, mudou a roupa, que a ama lhe apresentava, fez o sinal da cruz, e dormiu. Mal, porém, conciliara o sono, sentiu-se como que transportado para uma campina imensa, que se achava coberta de animais de toda espécie. Prestou atenção, e viu. Eram macacos, cegonhas, ursos, raposas, galinhas, leões, camelos, canários, patos, hipopótamos, zebras, girafas, lobos, corujas, e veados, e carneiros, e touros, e sapos, e coelhos, um tumulto, em suma, de jardim zoológico, em dia de fome, de guerra, de anarquia. Espantado, o pequeno começou a olhar aquela bicharia barulhenta, que parecia não dar, sequer, pela sua presença, quando se encontrou, de repente, di-

ante de um papagaio, que fazia uma atoarda ensurdecadora, devorando uma dourada espiga de milho. Como fosse aquele o mais humano de todos os bichos, e o único, talvez, com que pudesse entrar em explicações, chegou-se para êle o Luizinho, e indagou:

— Meu louro, diga-me uma cousa: que país é êste, em que vim bater?

— Êste? — gorgolejou o papagaio, espanejando-se. — Não sabes, então? Êste é o outro mundo, o reino dos mortos, o lugar aonde a gente vem ter, depois que passa pela terra.

— Então, eu já morrí? — gritou o pequeno, alarmado, tornando-se pálido como cera.

— Com certeza, — atalhou o louro. — E vieste aquí para pagar o que fizeste, na outra vida, aos outros animais. É neste lugar que os homens nos pagam tudo que nos fazem na terra. Ainda não viste? Olha!

Só então foi que o Luizinho, estendendo os olhos pela campina sem têrmo, viu o horror que em tórno dêle se desenrolava. Suspensos, em grandes gaiolas, homens e mulheres gritavam, dilacerando-se as vestes, ensanguentando-se as mãos, arranhando-se, ferindo-se, debatendo-se. Alguns, aos quais se havia arrebatado os filhos, cantavam, loucos, umas cantigas melancólicas e doloridas, ao mesmo tempo que, em tórno,

fora da prisão, os rouxinóis, os sabiás, as graúnas, os melros, aplaudiam, boquiabertos, a beleza daquele espetáculo!

Apavorado, o pequeno afastou os olhos daquele quadro, mas foi cair em outro, ainda pior. Era uma espécie de circo de feira, em que eram os bichos os espectadores. De repente, a um sinal do leão, abriu-se uma grande jaula, e dela saiu um homem, amarrado pelo nariz, e que era puxado por um urso. Chegado ao meio do campo, o bicho começou a dar socos na corda, fazendo o homem dansar. E o desgraçado pulava, obediente, fazendo trejeitos, enquanto a multidão manifestava o seu aplauso, berrendo, zurrando, relinchando.

Voltou os olhos, mas foi ainda pior. Do outro lado da planície, eram macacos que faziam dansar os ciganos; eram cavalos, com esporas nas patas, retalhando a barriga a antigos cavaleiros; eram cães a puxarem senhoras amarradas pela coleira; uma inversão, em suma, de tudo que êle vira na terra, nas relações dos homens com os irracionais.

— Minha Nossa Senhora, que vai ser de mim! — gemeu o pequenito, agoniado, torcendo as mãos.

Mal, porém, soltara essa exclamação, recuou, aterrorizado: atrás dêle, com um dos pés suspenso, olhava-o, irônica, uma

enorme galinha *leghorn*, que parecia à espera de uma ordem qualquer para investir. Nos seus olhos redondos, cortados em rubí e topázio, rugia, mal dominado, o espírito de uma vingança sinistra. Luizinho mirou-lhe os pés munidos de unhas sólidas, afiadas, ponteagudas, e não se conteve: soltou um grito de desespero, e, quando deu por si, estava na sala de jantar, com os olhos muito esbugalhados, abraçado com a sua mamãe, com o seu papai, sem compreenderem o que havia amedrontado o menino, fazendo-o precipitar-se, aos gritos, escada abaixo:

— Que foi isso, meu filho? Que foi que você viu? Hein? — indagava dona Fúlvia, acariciando-o.

Com o terror no rosto, Luizinho não podia, sequer, chorar. Passado, porém, um instante, gemeu, de olhos suplicantes, juntando nervosamente as mãos pequeninas:

— Pelo amor de Deus, minha mãe, pelo amor de Deus!

E desatando a chorar:

— Não me manda ver... mais... se as galinhas... têm... ovo!... Sim?

## XXXIX

### A MULHER FEIA

Entre os sessenta ou setenta funcionários daquela secção do ministério, era o Absalão o mais infeliz em matéria de promoções. Nomeado amanuense em 1906, vira passar adiante dezenas de companheiros mais novos na casa e na idade. Assíduo como nenhum outro, só faltara à repartição duas vezes, em quinze anos. Êsse amor ao trabalho nada valia, entretanto, aos olhos do ministro, que sempre o deixava à margem toda a vez que se dava uma vaga na secretaria.

— É um caipora como eu nunca vi! — comentava o dr. José de Miranda, chefe da secção. — O Oliveira, que entrou no mesmo ano, é, já, diretor do Arquivo; o Mendes, que veio depois, é 1.º escriturário. E o Absalão, amanuense!

O pacífico burocrata não levantava, entretanto, uma queixa contra semelhante injustiça. Quando se abria qualquer vaga, êle arranjava aquí uma carta, alí um car-

tão, juntava um memorial, e remetia tudo ao ministro. Ao fim de alguns dias vinha do gabinete ordem para lavrar portaria, nomeando outro.

Modesto de maneiras e de roupas, morava Absalão no Meier, em uma casinha de porta e janela, pela qual pagava setenta mil réis. Era magro, alto, anguloso, bigode escuro invadindo a boca. Usava o clássico paletó de alpaca da profissão, gravata preta, calça de casimira com joelheiras, botinas sem graxa, meias de algodão amarradas com o cadarço da ceroula. Era casado, possuía filhos, mas ninguém lhe tinha visto, jamais, a família.

Estava Absalão com dezesseis anos de secretaria quando, uma tarde, adoeceu. Não podendo sair, pediu, no dia seguinte, à mulher, que fosse à repartição, procurasse o dr. Miranda e explicasse o motivo do seu não comparecimento. Dona Paulina foi, e desobrigou-se da incumbência.

Dona Paulina era uma digna espôsa do Absalão. Alta, magra, sem dentes, possuía olhos de quem chora todo o dia e mãos de quem lava, em casa, as roupas e as panelas. Recebida, depois de longa espera, o dr. Miranda ouviu-a, atento, e despediu-a, carinhoso. Ao vê-la, porém, desaparecer, cur-

vada melancòlicamente para diante, sob o veludo verde do reposteiro, gemeu, triste:

— Coitado do Absalão!...

E sacudindo a cabeça, desolado:

— Agora é que eu compreendo por que êle nunca foi promovido!...

## XL

### A OBSTRUÇÃO DAS RUAS

Uma questão que o feminismo está criando, e que é a mais grave de quantas porventura têm aparecido, é a suposta igualdade da mulher em relação às infidelidades conjugais. Esquecem-se os partidários dessa teoria de que o homem é, por natureza, polígamo, e que a mulher não faria nenhum esforço conservando a sua honestidade. O natural, na espôsa, é a fidelidade; no homem, é exatamente o contrário, e isso menos por culpa sua do que por fatalidades atávicas de que se não pode emancipar.

Desconhecendo essas particularidades sociológicas, a virtuosa viúva Teixeira Barreto pertence ao número das senhoras puritanas e incorruptíveis, que nada perdoam, nos homens ou nas mulheres. A vida, aos seus olhos, deve ser constituída por uma sucessão de renúncias, de martírios, de sacrifícios, de atos que contrariem a natureza. E era firmada no seu ponto de vista que

palestrava, uma destas tardes, num cinema da Avenida, onde se exhibia uma das novas criações humorísticas de Max Linder.

— Os homens, sr. conselheiro, — dizia-me a distinta senhora, consertando as penas do seu chapéu, arrepiadas pelo ventilador; — os homens deviam ser, todos, enforcados na hora do nascimento, com a tripa do próprio umbigo.

— Mas, minha senhora, — atalhei, — há homens sérios, homens honestos, homens que não rompem, jamais, o pacto matrimonial. Se não somos muitos, somos, pelo menos, alguns...

Nesse momento, uma gargalhada reboou pela sala toda. A fita adquiria interesse, tornando-se cada vez mais engraçada, mais espirituosa, mais humorística. Firmei os óculos, e vi. Era no momento em que, obtida a certeza de que Max engana a sua sobrinha, a tia desta ordena ao criado que ponha na rua, pela janela, todos os objetos e móveis pertencentes ao miserável.

À passagem dêsses quadros e das respectivas legendas, a viúva não se conteve:

— Está vendo, conselheiro? O senhor está vendo? Assim é que todas as mulheres deviam fazer: lançar à rua, limpando a casa, tudo que pertencesse ao marido bilontra!

Ante essa opinião, protestei:

— Não, senhora dona Mariquinhas; não, senhora! Isso, também, seria demais!

E seria mesmo. Que direito têm, realmente, as mulheres, de obstruir as ruas de ponta a ponta, tornando-as intransitáveis?

## XLI

### O SACRILÉGIO

Em que se mostra que, mesmo com a certeza de todas as felicidades possíveis, o homem não deve desafiar, jamais, a grandeza divina.

O arquiduque Abelardo havia sido avisado pelos astrólogos de que a sua casa se desdobraria, em breve, em um rebento masculino, quando chamou, contente, a arquiduesesa Fernanda, e avisou, na ebriedade do seu orgulho:

— Agora, ninguém mais poderá impedir a realização do meu sonho. Se o que se lê nos astros, na claridade variável das estrêlas, é a própria palavra de Deus escrita nas alturas, nem Deus poderá impedir mais, que o meu desejo se torne uma verdade na terra!

E enlaçando, com o braço faiscante de alamares, a cintura maravilhosa da espôsa jovem, confessou, risonho e feliz:

— A minha aspiração consistiu, sempre, em fazer do meu filho um deus. Loucura ou não, o meu pensamento foi, e é, vesti-lo como o menino Jesús, e, principal-

mente, que êle calce, no dia do seu nascimento, os sapatinhos de ouro que a minha avó, a princesa Maria, ofereceu à imagem do Menino, e que se acha, hoje, na catedral de Santa Estefânia.

— O sapato de ouro do Menino Jesús, Abelardo? — exclamou a arquiduquesa, horrorizada. — Não temes, porventura, um castigo, pelo sacrilégio que vais cometer?

— Castigo? Mas que castigo será êsse? Os fados já anunciaram nas estrêlas que meu filho nascerá, viverá, reinará. Que posso eu, portanto, temer, da terra ou do céu?

Seis meses se haviam passado sôbre o anúncio meticuloso dos astrólogos, quando o palácio se encheu de alvôrço, como uma grande colmeia assustada. Do alto das tôrres, pagens, embocando longas tubas de prata, avisavam os povos circunvizinhos de que estava a caminho do mundo o herdeiro venturoso daquelas terras. Cavaleiros, vestidos de púrpura e ouro, aprestavam-se para partir, rápidos, em todas as direções, levando a notícia alviçareira aos parentes e aliados longínquos. Agitado, passeando de um lado para outro, no vasto salão de armas, onde se erguiam, nas molduras, os seus valorosos antepassados, o arquiduque esperava que a porta se abrisse pela mão respeitosa das aias, para ir beijar o seu filho,

e calçar-lhe, êle próprio, os sapatos do Deus Menino.

Súbito, a porta escancara-se, e o arquiduque precipita-se, rindo e chorando, para o berço do infante, levando nas mãos os sapatinhos de ouro. Aflito, abre a cortina de sêda que o guarda, remexendo, ansioso, nos linhos que o agasalham. E recua, espavorido, horrorizado, soltando um grito de dôr.

A criança havia nascido sem pés!

## XLII

### O PERDÃO

Foi com um gesto de horror, escancarando a boca e os olhos, que dona Guilhermina ouviu do marido, aquela confissão inaudível:

— Foi uma loucura, minha mulher, — dizia êle, a andar de um lado para outro do quarto, a arrancar os cabelos. — A rapariginha fez-me perder a cabeça, e eu subí ao seu quarto, cometendo aquela brutalidade. Deixei-a sem sentidos, e, agora, tenho horror de mim mesmo. Sou um monstro!

— E a Polícia? Tu já pensaste na Polícia? — lembrou dona Guilhermina. — Se a rapariga dá queixa à Polícia, comunicando a sua deshonra, será um escândalo, uma vergonha para nós. É preciso impedir essa queixa, quanto antes.

E encaminhando-se para a escada:

— Eu vou lá, falar com ela.

Ao empurrar a porta, dona Guilhermina estacou. Sentada no seu humilde leito de copeira da casa, a cabeça nas mãos, a roupa em desalinho, os pés nus pousados no soalho sem tapête, a Isaura soluçava,

como quem sente todo o horror da sua infelicidade.

Era uma criaturinha de dezessete anos, enfeitada, apenas, pelas galas da mocidade. Não tinha beleza nenhuma e se conseguiu tentar o sr. Arquimedes foi, apenas, com a visão daquele ondulado colo de rôla. E foi a contemplar a pobre rapariga, que dona Guilhermina avançou, e bateu-lhe familiarmente no ombro:

— Não chores, minha filha, — começou. — O Arquimedes contou-me tudo, e eu o perdoei. Agora, é preciso que tu o perdoes, não dizendo nada à Polícia. Ele seria processado, condenado, e recolhido à prisão. E que lucrarias tu com isso? Nada!

— A senhora quer... então... que eu não diga... nada... à Polícia? — soluçou Isaura, levantando para a patrôa os seus olhos muito vermelhos.

— É preciso, filha; é preciso silêncio. A maior interessada na condenação dêle seria eu; e no entanto, eu o perdoei, e espero que o perdoe também.

A essas palavras, a rapariguinha enxugou o rosto, banhado de lágrimas.

— E se eu perdoar? — disse.

E com os olhos, muito grandes, muito inchados, no rosto da patrôa:

— Se eu perdoar, a senhora deixa êle vir outra vez... Deixa?

## XLIII

### SOLICITUDE

A virtude mais preciosa na mulher casada é, depois da honestidade, a dedicação à pessoa do marido. A espôsa deve ser, para êste, uma espécie de anjo da guarda, cercando-o de carinho, rodeando-o de ternura, providenciando para que nada lhe falte, no pequenino mundo encantado que é, nos lares felizes, o ambiente doméstico.

Senhoras há, nas várias camadas da sociedade, que podem ser apontadas como o exemplo mesmo da solicitude matrimonial. O caso de dona Rute Bandeira Pinto é clássico em todo o bairro de São Cristóvão, onde as mães o contam às filhas, como um ensinamento inesquecível. E o fato não era, realmente, para menos.

Dona Rute dedicava ao espôso, desde que se casara, um carinho verdadeiramente excepcional. De manhã, quando o sr. Bandeira acordava, encontrava, logo, ao lado da cama, a toalha de rosto, a escôva de dentes, o pijama de andar em casa, tudo, enfim, que era indispensável à primeira *toi-*

*lette*. E à noite, não pegava êle no sono sem que dona Rute lhe pusesse as chinelas debaixo do leito, para que o marido, ao levantar-se, não pisasse no chão.

Certa noite, porém, a moça teve uma síncope, e morreu. E no outro dia, à tarde, era o corpo conduzido para o cemitério de São Francisco Xavier, sob um monte de coroas e palmas de rosas, enviadas pelos parentes do viúvo e pelas amigas da finada.

Ao ser aberto o caixão, junto do túmulo, para reconhecimento da morta, notaram os presentes que os músculos do cadáver se contraíam, como se a defunta quisesse dizer alguma cousa. E assim era, na verdade; porque a moça entreabriu os olhos, franziu ligeiramente os lábios de cera e chamou:

— Antonico!

O viúvo chegou-se, mais pálido do que a defunta.

— As tuas chinelas — disse-lhe esta, numa voz branda, que era um suspiro; — as tuas chinelas estão no quarto de dormir, debaixo da mesinha de cabeceira.

E fechou os olhos, para ser enterrada.

## XLIV

### O VÉU

Dois dias após o casamento, Marieta ergueu-se muito cedo e, sacudindo o marido, que ainda dormia, gritou-lhe, doce:

— Acorda, dorminhoco! É meio-dia!

Fernando estendeu os braços, espreguiçando-se, de olhos fechados, e nada havia murmurado ainda quando a moça acrescentou, beijando-o:

— Eu vou à missa; ouviste? Vou à Nossa Senhora Auxiliadora, cumprir a promessa.

— Promessa? — indagou o rapaz, estremunhando-se. — É dinheiro?

— Não, filho. Deixa de sovinice! É o meu véu. Eu prometí à Nossa Senhora ir depositar nos seus pés o meu véu de noiva se ela permitisse que eu me casasse êste ano!

A igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, no bairro de Santa Rosa, em Niterói, começava a povoar-se de fiéis, para aquela missa dominical. De vez em quando um vulto feminino atravessa a porta monumental, entrando, nas pontas dos pés, para não

quebrar o silêncio da nave. Meninos de túnicas brancas, sacristães dos pequenos altares, cortavam o templo aquí e alí, conduzindo jarros com flôres, acendendo velas, carregando pequenos objetos sagrados. No alto de uma coluna, entradas pelas ogivas abertas, duas cambaxirras se desafiavam sonoramente, cantando, talvez, na sua linguagem incompreendida, a suprema glória de Deus.

Pé ante pé, Marieta entrou, tendo à mão um pequeno embrulho de papel de sêda, amarrado com uma fita azul-claro. No fundo do templo, suspendeu o reposteiro que cegava a pequena porta provisória e entrou na sacristia, onde padre Reinaldo, a cabeça muito alva, os óculos faiscando, as mãos quasi diáfanas, tomava a paramenta. A moça encaminhou-se para êle, tomou-lhe a bênção e pediu-lhe, os olhos baixos:

— Padre Reinaldo, eu queria que o senhor me fizesse um favor.

— Oh, filha; pois, não.

Marieta explicou-se:

— Eu tinha feito uma promessa à Nossa Senhora Auxiliadora, de oferecer-lhe, quando me casasse, o meu véu de noiva, para ser depositado nos pés dela. E venho entregá-lo a padre Reinaldo para que mande colocá-lo no altar.

Piedoso e simples, o sacerdote pousou os seus pequenos olhos de míope no vulto da moça.

— Ah, filha; que pena eu tenho de não poder servi-la sem, primeiro, submetê-la à confissão! Mas, há ordens severas, aqui, do sr. bispo, sôbre êsse assunto. Nós temos sido ilaqueados na nossa boa fé, por noivas pouco escrupulosas, cujo véu não está revestido de toda a castidade, de forma que, para impedir êsse sacrilégio, só se coloca nos pés da Senhora Santíssima o véu das noivas que assegurarem, sôbre os Santos Evangelhos, a sua condição de pureza no dia em que o usaram!

Fernando Aires estava à mesa, tomando o seu café, quando Marieta voltou da missa. Vinha nervosa e trazia na mão o embrulhinho branco, amarrado com fita azul-claro.

— Luiza! — foi chamando, ao entrar.  
E entregando à criada o pacotinho:  
— Toma; bota pra lá...

## XLV

### O AMOR E O CASAMENTO

Olhos vermelhos, pele arranhada pelos espinhos inclementes, afastavam-se os dois réprobos da porta de fogo do Eden quando ouviram um choro tímido, medroso, assustado, que partia de uma touceira de rosas. Coração compadecido, Eva estacou, arregalando os seus grandes olhos inocentes, e insistiu, com doçura, para que o companheiro parasse também.

— Vê o que é; sim? — pediu, limpando uma lágrima, pequenina com o lenço de ouro dos cabelos.

Sem uma palavra, o primeiro homem encaminhou-se para o ponto de onde vinha o choro infantil e, curvando-se, de leve, sobre a moita que lhe fazia sangrar os dedos, arrancou de sob as fôlhas um pequenito de pouco mais de um palmo, que lhe suplicava, choroso, torcendo as mãozinhas delicadas:

— Levem-me daqui; sim? Levem-me com vocês! Levem-me!

Penalizada, Eva pediu ao companheiro que não abandonasse o pequenino:

— Levemo-lo; sim? Quem sabe se êle não nos fará uma consoladora companhia?

E voltando-se para o menino:

— E tu, quem és?

— Eu? — estranhou o pirralho. — Eu sou o Amor. Não me conheces, então?

A contar dêsse dia, os dois fugitivos tiveram ao seu lado, vivendo com êles, dormindo com êles, o pequeno intruso encontrado no Deserto. E sentiam-se felizes, contentes de si mesmos, quando Eva teve uma idéia:

— Sabes o que eu queria?

Adão olhou-a, sem compreender. E ela, na ânsia de uma novidade, como todas as mulheres que vieram depois:

— Eu desejava que nos casássemos, pedindo a Jeová que nos considerasse unidos para a vida e para a morte.

— Casarmo-nos? — estranhou o primeiro homem, coçando a barba emaranhada, que lhe cobria uma parte do peito.

E uma tarde realizou-se a grande cerimônia. Descido das nuvens mais altas, especialmente para aquele ato sagrado, o anjo Gabriel ministrou aos dois infelizes, em nome de Deus, a bênção matrimonial.

À noite, lado a lado, olhos na terra, os dois voltaram para a caverna em que habitavam, à margem rumorosa do Eufrates.

Mal, porém, retiraram a pedra que lhes servia de porta, recuaram, entreolhando-se.

A caverna estava deserta. O Amor, que êles tinham deixado a vigiá-la, havia desaparecido...

## XLVI

### O SALVADOR

Madrugada ainda, o Leôncio Batista apertou à cintura a cartucheira, empunhou o estôjo da espingarda, carregada de véspera, e, abrindo a porta da sua casa de vila, à rua Conde de Bomfim, tomou, a pé, o rumo da Tijuca. Às cinco e pouco, quando o céu se encheu de claridade, estava êle, já, a duzentos e tantos metros de altitude, embrenhado na mata verde, à espera das pacas, das cotias, e das inhambús precavidas, que costumavam descer, àquela hora, ao bebedouro da fonte das Pedras.

O lugar em que o rapaz se acoitara à espera da caça era admirável, como paisagem e como ponto estratégico. Dalí mesmo, do tronco daquela paineira centenária, via êle, lá embaixo, a cidade, a romper, como uma borboleta, o casulo de bruma que a envolvia. Do outro lado, era a mata luxuriante, irrompendo das intermitências da pedra, pela qual corria, despenhando-se, aquele fio d'água tumultuoso.

Daquí e dalí chegavam, pulando de galho em galho, ou batendo as asas irrequeie-

tas, pequenas aves canoras. Pousavam, desciam sôbre um garrancho ou sôbre um seixo, metiam o biquinho nágua, suspendiam a cabecinha três, quatro vezes, para engolir a gotinha cristalina, e partiam, de novo, rumo dos ninhos distantes. Lagartos desconfiados corriam, céleres, no folhedeo sêco. Ao longe, uma inhambú gemia alto, como se chorasse pela sua garganta viva o coração misterioso da montanha.

Quieto, a espingarda na unha, ouvido atento ao menor barulho das fôlhas, o rapaz estava, já, há meia hora, naquele lugar, quando resolveu experimentar outro ponto de espera, alguns metros adiante. Pisa aquí, salta alí, vencendo obstáculos de toda ordem, demandava a nova tocaia quando, de repente, estacou: a cinco metros dêle, estava amarrada a um tronco de árvore uma mulher jovem ainda, de fisionomia simpática e formas tentadoras, que parecia achar-se naquela posição desde as primeiras horas da madrugada. De pé, de costas para o tronco, apresentava as mãos atadas para trás, e o vestido rôto, dilacerado na frente, patenteando uma parte do colo moreno.

Espantado com o encontro, o moço caçador aproximou-se, apressando os passos.

— Que foi isso? — indagou, detendo-se diante da desventurada. — Como foi que

a senhora veio parar neste lugar, neste estado?

Pondo nele os seus olhos macerados e suplicantes, a rapariga contou o que lhe acontecera. Estava a passeio em casa de uma família amiga, no Alto da Boa-Vista, e, à tarde, saíra para conhecer a mata circunvizinha. Perdera o rumo, embrenhara-se no matagal, e dera, noite já, com dois indivíduos, que a subjugaram, e que a haviam levado para alí, onde a amarraram, abusando, depois, da sua triste situação.

— Deram-lhe abraços? — indagou Leôncio, olhando-a de alto a baixo.

— Sim, senhor... — confessou a rapariga, corando, e baixando os olhos.

— E beijos?

— Também... — informou a infeliz.

— E por que não gritou por socorro?

— Eu gritei, — tornou a pobre, justificando-se.

— E não apareceu ninguém?

— Ninguém!

A essas palavras, o caçador sorriu. Olhou para um lado e para outro, e encostando a espingarda a um tronco próximo:

— Então, com licença!

E atirou-se à moça, por sua vez.

## XLVII

### O BURRO FILÓSOFO

Olhando a campina imensa, que se estendia diante dos seus olhos resignados, trocavam idéias, naquela tarde, entre as câncas daquele pequeno quintal de fazenda, um cavalo e um burro.

— Não sei por que, — dizia êste — mas eu gosto desta prisão. Aquí, eu tenho tudo: palha, repouso, água e, uma vez ou outra, o pequeno esforço de uma viagem, que nem ao menos me fatiga.

— Pois, eu, — opinou o cavalo, mastigando um punhado de capim, que lhe dançava na queixada ronflante; — eu não penso dessa maneira. Para mim, o essencial é essa ventura de correr pelas campinas, medindo, com as minhas patas, a extensão das várzeas enormes.

— São opiniões... — obtemperou o burro.

— E cada um deve respeitar as opiniões alheias... — tornou o rocinante.

Momentos depois, entrou no curral um homem calçando grandes botas de monta-

ria, e que trazia na mão um rebenque. Chegou, meteu um cabresto na cabeça do cavalo, puxou-o para fora, selou-o, montou-o e partiu.

À tarde, continuava o burro a comer a sua palha, quando o cavalo entrou no curral. Vinha suado, cansado, derreado.

— Foste passear? — perguntou-lhe o asno.

— Fui. Dei uma voltazinha por aí.

— E que tal?

— Excelente. A campina estava tão bonita. . .

— Foste até à lagoa?

— Não; não pude.

— Por que?

— Ora, por que? Porque o homem que ia montado puxava a todo o momento as rédeas, dando-me direção inteiramente contrária àquela que eu pretendia.

O burro soltou um relinchozinho perverso, e acentuou, mau:

— Aí está em que um cavalo se parece com um homem. A liberdade é o seu sonho; e, no entanto, quando se diz livre, é, exatamente, quando mais sofre a tirania do cabresto, do chicote e da espora!

E baixou a cabeça, filosoficamente, sobre o monte de palha.

## XLVIII

### O "ALMOFADINHA" NO CÉU

Foi um alvoroço no Paraíso quando as sentinelas destacadas ao longe, nas nuvens, anunciaram a aproximação de uma alma sem pecado. Esquecido das suas próprias funções, por falta de trabalho, São Pedro acordou, estremunhado, correndo, trôpego, a meter a chave na porta. Fazia, porém, tanto tempo que esta se não abria para dar passagem a um bem-aventurado, que a chave emperrou na fechadura, recusando dar a volta. Com um pouco de azeite retirado das lâmpadas das estrêlas, cedeu. Mas, para criar novo obstáculo: os gonzos emperaram com a ferrugem, obrigando o velhinho a pedir o auxílio de meia dúzia de serafins, que conseguiram, felizmente, abrir alguns palmos de porta.

Olhos espetados no caminho, os bem-aventurados aguardavam, ansiosos, o novo companheiro. Mais arrojado que os outros santos, São Jorge passou a perna no seu cavalo arreado de astros, pronto para ir ao encontro do venturoso viajante. Compri-

mindo-se em multidão, as onze mil virgens punham-se nas pontas dos pés, procurando ver, pela abertura da porta, se a terra lhes mandava, depois de tantos anos, uma nova companheira.

De repente, soaram as vozes das sentinelas mais próximas. O viajante havia parado à distância, à espera da comissão de sindicância. Nomeada esta, que foi composta de Santa Brígida, de São Leôncio e do bem-aventurado Abelardo, virtuoso bispo de Amiens, os peritos passaram a inquirir o recém-chegado:

— Seu nome?

— Janjão, — respondeu o rapazola.

A comissão entreolhou-se.

— É homem? — indagou, espantado, São Leôncio.

E éle, a vizinha doce:

— Acho que sim, meu bem!

No dia seguinte, porém, as onze mil virgens eram, na estatística celeste, onze mil e uma.

## XLIX

### OS ECOS

Machado ao ombro, afastando com o braço direito a ramaria densa que tentava impedir-lhe a passagem, caminhava o lenhador pela floresta enorme, à procura de uma árvore forte, e reta, para seu penoso trabalho daquele dia. De vez em quando, o homem parava ao pé de um madeiro alto, soturno, veterano da selva, medindo-o com os olhos. Perito na escolha, examinava-lhe a curvatura dos galhos, a linha do tronco, a saúde da casca, a resistência da fibra. E como lhe não servisse, continuava o seu caminho, machado às costas, arredando os cipós.

Em certo momento, porém, deteve-se olhando um jequitibá de fronde vasta, que agasalhava, com a sua sombra generosa, milhares de arbustos enfezados. Mirou-o, examinou-o, e, levantando no ar o machado, desferiu, com êle, o primeiro golpe. Altivo, sereno, majestoso, o madeiro não teve, sequer, um tremor de fôlhas. E por muito tempo os golpes se sucederam, multiplican-

do-se em ecos pela mataria silenciosa, que repetia, de furna em furna, de bosque em bosque, de frança em frança, cada uma daquelas pancadas.

Ao ouvir aquelas vozes misteriosas, que a mata propagava, o lenhador deteve-se, de repente. E pôs-se a meditar. Ao fim de alguns minutos, sorriu, satisfeito.

— Como são justas as matas! — commentou.

E retomando o machado, antes de continuar a derrubada:

— Basta que um homem trabalhe, para que ela se encarregue, ela mesma, de espalhar por toda parte, desdobrando os sons, a notícia do acontecimento!...

E vibrou o machado, com mais fôrça.

## L

## A M ã E

(QUADRO BURGUEZ)

Eram oito horas da noite e dona Perpétua ainda estava à janela, devassando a rua de um lado e de outro, com os óculos para vista cansada.

— Sim, senhor, — dizia, de vez em quando, sòzinha; — onde andaré esta menina, que não acerta com a casa! Saiu às dez da manhã, sem almoçar, para comprar um carretel de linha e um par de sapatos, e são oito da noite, e nem sinal!...

Não acabava a honesta senhora de alinhar, no fio das suas cogitações, essa meia dúzia de palavras maternas, quando appareceu na curva da rua, andando muito ligeiro, muito agil, o vulto da Carlotinha.

Cabelos negros, olhos vivos, é um desses tipos de brasileirinha burguesa com que a gente cruza, frequentemente, na Avenida. Veste organdí branco, chapéu de *paillasson* e traz nos lábios muito vermelhos o vestígio do *rouge* recente. O colo moreno está em-

poado de novo, como na hora em que saíra de casa.

— Boas horas, senhora minha filha! boas horas! é a saudação que lhe faz, abrindo a porta do corredor, a virtuosa dona Perpétua. — Para ir, então, à cidade, passa a senhora um dia inteiro!...

Sem uma palavra, certa de que aquela tempestade cessaria, Carlottinha vai passando para o quarto, afim de mudar de roupa. Dona Perpétua acompanha-a, porém, pisando-lhe nos calcanhares, protestando contra aquele excesso de liberdade, aqueles modos, aquelas maneiras, que não são, positivamente, de uma menina de família.

Enquanto ouve o sermão, vai Carlottinha se despojando, sob os olhos maternos, das peças de vestuário, que são, como diria um poeta, as pétalas daquela rosa. De repente, estaca, como quem toma um susto. Dona Perpétua percebe a agitação da menina e adivinha tudo.

— “Cadê” o corpinho? — indaga, a voz trêmula, os óculos faiscando. — Você saiu de corpinho, e como é que volta sem corpinho?

Pálida, de cera, o beijo branco, todo o corpo num tremor, a mocinha não sabe, ao certo, o que responda. O pensamento lhe foge ao menor esforço como o fruto ao ges-

to de Tântalo. E no meio dessa perturbação geme, sem saber o que diz:

— Eu perdi... na sapataria!

— Na sapataria? — indaga, as mãos na cintura, dona Perpétua. — Então, para comprar um sapato, já se precisa tirar o corpinho?

É preciso, porém, ter confiança na filha. Aprofundar êsses mistérios, êsses segredos dolorosos da vida, é apunhalar, sem remédio, o próprio coração. E como essa filha moderna é filha de uma velha mãe digna do seu tempo, dona Perpétua sacode, apenas, a cabeça conformada:

— Ai, mundo!... mundo!...

E, maternal, outra vez:

— Anda; vai jantar...

## LI

### AS CONDECORAÇÕES

Com a distribuição de comendas, medalhas, condecorações, crachás e cousas iguais que têm nome diferente, feita pelos governos europeus, coube ao Brasil, como ninguém ignora, um grande número de homenagens dessa espécie, das quais foram alvo ministros, deputados, senadores, magistrados, comerciantes, militares de terra e mar e, porque não houvesse mais a quem dá-las, alguns homens de letras, de maior ou menor notoriedade. Essas distinções são concretizadas, porém, como se sabe, em uma placa de metal, em uma fita ou, mesmo, em um botão de sêda, que os condecorados podem trazer, como uma rosa pequenina, na botoeira da casaca, do *smocking*, do fraque, do paletó.

Distinguido pelo govêrno francês com o título de cavaleiro da Legião de Honra, o tenente Simeão Caldas recebera do embaixador da França, aquí, os distintivos que lhe cabiam: um, grande, quasi do tamanho de uma rosa, para ser usado sôbre a farda

nas grandes solenidades, e outro minúsculo, delicado como um botão de flôr, destinado à botoeira da sua roupa civil. E foi com êste último que êle compareceu, uma noite, à casa do comendador Vicente Rodrigues, cuja filha, a encantadora Donatila, ou Dondon, como a tratam na intimidade, constituía, desde que o jovem marinheiro regressara da Europa, a maior preocupação da sua vida.

Recebido, nessa noite, que era a primeira de um noivado em perspectiva, achou o jovem oficial que lhe não ficaria mal o uso daquele ornamento significativo. E foi comovido que êle subiu, um por um, os degraus do palacete, na rua Conde de Bomfim, empertigando-se no seu terno escuro como se empertigava, nos dias de parada, à frente da sua companhia de fuzileiros.

A recepção, na sala de visitas, foi a mais gentil e cordial. Olhos muito negros, rosto afogueado pela emoção, Dondon estava maravilhosa. E afinavam pela amabilidade da moça, não só o comendador, homem simples, mas cortês, como dona Adeline, espôsa dêste, e, sobretudo, o Leléu, filho mais novo, e até tardio, daquele casal abençoado.

Peralta e amável, o Leléu, que ia apenas pelos quatro anos, podia, êle só, entreter um visitante. De vez em quando, é cer-

to, o pai o chamava à ordem, com um olhar, ou a mãe, com um beliscão vigoroso. O pirralho dava meia volta à conversa, obediente, mas para fazer jus, mais tarde, a uma nova repreensão.

Coração de marujo, amante da família e de um lar que sempre lhe ficara distante, o tenente Caldas ria, satisfeito, das pilhérias do pequenito. E isso enchia de coragem, de confiança, a temeridade do Leléu, que se foi chegando, pouco a pouco, até que se sentou, sem mais cerimônia, nos joelhos do rapaz.

Uma vez aí, sentiu-se satisfeito. Chegara onde queria. O botão de sêda da botoeira do tenente tentara-lhe, desde o princípio, os olhos perscrutadores, e alí estava êle a meio palmo daquela maravilha, que tanto lhe aguçara a curiosidade infantil.

Olhos faiscando, dedinhos irrequietenos, o pequenito avançou a mão, resolutos, até a botoeira do oficial.

— Que é isso? — perguntou.

— É uma comenda, — explicou Simeão.

— Comenda? E que é comenda?

Aflito, o comendador olhou o pirralho. Testa franzida, dona Adelina mordida o lábio, na previsão de uma tolice do filho. Vermelha, Dondon torcia, inquieta, as mãozinhas nervosas. Leléu estava, porém, de

costas para a família, e o rapaz teve, mesmo, de responder, como pôde:

— Comenda é uma distinção que se recebe. Isso quer dizer que eu sou condecorado.

Leléu pensou um instante, mas para indagar:

— E a mana também é?

— ?!...

— Ela tem duas, quasi assim, mas não usa por cima da roupa. É por dentro, sabe?

E, virando-se para a família, que desaparecia, envergonhada, pelo corredor:

— Não é, não, mana?

## LII

### O F A R O L

A maior preocupação do comendador Alexandre era, naquele tempo, o casamento da filha. Mariazinha andava, já, pelos vinte e um anos, e, como não tivesse irmãos, nem irmãs, era natural que o pai cuidasse de acautelar os interesses da família, introduzindo nesta um homem de bem, que, na sua velhice, ou pela sua morte, lhe administrasse inteligentemente a fortuna. Aquela festa, no aniversário da moça, não tinha, pois, outro fim, que não a solução dêsse grave problema doméstico.

Os salões do honrado comerciante estavam repletos, às dez da noite. As cadeiras, os canapés, os bancos do terraço, tudo se achava ocupado por uma multidão *chic*, distinta, aristocrática, alterada, apenas. aqui e ali, pela figura bonachona desta ou daquela sumidade comercial, cujo convite era, para o comendador, uma espécie de obrigação. E no meio de tudo isso, a linda Mariazinha, com os seus olhos negros faiscando no rosto moreno, a distribuir beijos

pelas amigas, doces pelos velhos, sorrisos pelos rapazes.

A filha do comendador Alexandre era o tipo, mesmo, da brasileira familiar. Educada pela própria mãe no tempo em que o pai realizava economias forçadas, ficara ela, na opulência, com a singeleza, a modestia, a timidez, dos dias de necessidade. Vestia-se com discreção encantadora, e de tal modo que era a sua, talvez, a *toilette* mais simples que aparecia na festa. Era um vestido branco, de sêda, com uma rosa de sêda azul à cintura, e patenteando, sem escândalo, um colo de rôla, que era um deslumbramento, e o contôrno de uns braços modelados, que fariam, com certeza, a tortura de um estatuário. Mais despretenhoso do que o vestido era, porém, o espírito de Mariazinha; e tanto assim que o relógio andava, já, pelas proximidades da meia-noite e ela se não lembrara, ainda, que aquela festa devia assinalar, mais ou menos, a mudança do seu destino.

Às onze e tanto, quando as dansas já haviam começado, foi a moça, de repente, chamada pelo pai:

— Minha filha, venha cá.

Ela correu, risonha:

— O dr. Sílvio Nogueira, — apresentou o velho, indicando-lhe um rapaz, que

se curvava diante dela. — É um bom amigo meu, vai dansar com êle.

Só depois do *fox-trot* foi que Mariazinha atentou para o seu par, que era, realmente, uma bela figura de homem. Alto, esbelto, olhos claros, cabelos ponteados, aqui e alí, pelos fios de prata, irradiava do seu rosto escanhoadado, uma simpatia, uma atração, verdadeiramente curiosa. Um defeito, apenas, poderia ser, logo, apontado no rapaz: a vaidade com que exhibia, no anular da mão esquerda, um brilhante enorme e de grande custo, que dava idéia, ao mesmo tempo, do seu espírito e da sua fortuna.

Aos olhos percucientes da moça não passou despercebida aquela circunstância. Sílvio, que ela já conhecia de nome pelas suas aventuras amorosas, não podia ser um espôso desejável. A sua fama e o seu aspecto de sedutor, matavam-no para o seu coração. E estava êle, já, completamente inutilizado no seu pensamento, quando Mariazinha chegou a uma roda de senhoras e cavalheiros, na qual pontificava, como sempre, o velho e querido almirante Ribas. E a palestra do ilustre marinheiro, era, como não raro acontecia, sôbre cousas do mar.

— O navegante de hoje, — dizia êle, na ocasião, — só se perderá, mesmo, nas ondas, por absoluta ignorância. O litoral de todos os países está semeado de faróis. Er-

guido sôbre um promontório, sôbre um rochedo, sôbre uma pedra do oceano, o farol é um grito de luz perdido na escuridão, a avisar, eterno, ao beduino do mar: “Afasta-te, incauto; foge! O perigo está aquí!”

A essas palavras, Mariazinha estremeceu.

— Minha Nossa Senhora, de que me livrei eu! — gemeu, de si, consigo.

E baixinho, despeitada, mordendo a unhazinha côr de rosa:

— É por isso, com certeza, que êle tem um “farol” no dedo!...

E correu para o seu quarto, chorando.

## LIII

### MME. BARALHO

Era tradicional no velho Clube dos Setenta, à rua dos Ourives, aquela pequena mesa de *poker*, em que se reuniam o capitão Venâncio Borges, o comerciante Paiva Cunha, o deputado Borba Coelho, o comendador Bernardo do Vale, e, mais infalível que todos, o dr. Moreira Souto, médico de nomeada e uma das figuras mais veneráveis da classe. Às seis da tarde começavam a entrar os parceiros; e era com a claridade da manhã que êles, muitas vezes, se separavam.

Naquela noite, o jôgo estava animado, quando o criado avisou:

— Senhor doutor, estão chamando ao telefone.

Voltando as cartas sôbre o pano verde, o médico foi ao aparêlho, falou ligeiramente, e, ao regressar à mesa, avisou:

— É um caso urgente. Uma cliente minha está com dôres sagradas, e deseja a minha presença. Vou deixá-los.

E pedindo o chapéu e o sobretudo:

— Até logo, ou até amanhã!

Meia hora depois, estava o dr. Moreira Souto à cabeceira, ou, antes, do lado dos pés da enfêrma, cumprindo o seu dever profissional.

— A senhora precisa ser aliviada quanto antes, dona Lulinha, — observou, preocupado com a situação do caso. — E eu vou, já, intervir.

Olhos fechados, como quem conhece a sua profissão, o doutor interveio, como as circunstâncias requeriam. E momentos depois, apresentava à cliente um pirralhito congestionado, que se pôs logo a berrar desabaladamente.

— É um valete! — exclamou Moreira Souto, satisfeito, examinando o sexo do recém-nascido.

O estado da cliente exigia, porém, providências novas. Intrigado, o ilustre homem de ciência, recorreu, de novo, à caixa de ferros, apresentando à pobre senhora uma nova criaturinha, cujo sexo foi, igualmente, examinado.

— Uma dama! — informou.

E ia, talvez, insistir em nova pesquisa, quando o dono da casa interveio:

— Não, doutor; não!

E como jogador, que era, também:

— Baralhe, primeiro!

## LIV

### AS FILHAS DO SR. BARNABÉ

Afirmam os homens que o pecado original foi uma consequência, apenas, da curiosidade feminina. Proibida de comer a maçã, considerada nociva à tranquilidade humana, entrou Eva em entendimento com a Serpente, desobedecendo ao Criador. E quando deu acôrdo de si, estava no meio do Paraíso, em *toilette* de baile, enquanto o companheiro arranjava, para os dois, meia dúzia de fôlhas de parreira.

Eu não queria acreditar nessa versão, e, ainda menos, nos versinhos a que ela tem dado oportunidade, quando chegou ao meu conhecimento o caso do Clube Recreativo e Beneficente Pedro Pernambuco, situado, como se sabe, à rua Santo Amaro, subindo, já, as encostas de Santa Teresa.

Fundado por um grupo de pernambucanos regionalistas, o Clube Pedro Pernambuco visava, inicialmente, não só a proteção aos coestaduanos que chegavam ao Rio, como a aproximação dos que já aqui residem, por meio de reuniões dansantes, realizadas semanalmente. Pouco a pouco,

porém, foram entrando para êle elementos estranhos à colônia, e o resultado foi que, seis meses depois, estava a associação transformada em uma espécie de *cabaret*, em que se dansava dia e noite, enquanto em baixo, no porão, a roleta descarocava a fortuna de meia dúzia de ingênuos.

Reduzido o grêmio, sem conhecimento do patrono, a essa deplorável situação, os vizinhos protestaram. E o primeiro a reclamar foi um velho funcionário público, o sr. Barnabé Coutinho de Souza, pai de cinco meninas casadouras, o qual, procurando o presidente da conhecida instituição, expôs a sua queixa.

— O senhor compreende — dizia êle — que eu me não posso conformar com isso. Aberto, como é, o edifício do Clube, as minhas filhas não podem chegar, sequer, às janelas laterais do nosso palacete, sem assistirem às vergonheiras que se fazem nesta casa. Por mais que elas não queiram ver, são obrigadas a isso, e a correrem para dentro, envergonhadas com as cenas que aqui se desenrolam.

Compreendendo a justiça da queixa, o presidente do Clube, que é deputado federal, não opôs resistência ao velho burocrata, e prometeu:

— Vá descansado, sr. Barnabé; vá descansado. Eu vou fazer um muro alto, se

parando o nosso edifício do seu. Dentro de oito dias, da sua casa não se verá nada, absolutamente nada, do que se fizer aquí.

E despedindo-se, na escada:

— Vá descansado!

Oito dias depois, estava levantada, realmente, entre as duas casas, uma parede de tábuas que ia, quasi, à altura dos telhados. O isolamento era completo. Passados, porém, mais quatro dias, era o sr. Barnabé quem recebia a visita do presidente do Clube.

— Chegou a minha vez, meu amigo, de fazer a minha queixa! — disse êste.

— Uma queixa? — estranhou o funcionário.

— Venha ver! — convidou o outro.

O sr. Barnabé foi, e empalideceu.

As meninas tinham feito quatro buracos no tabique.

## LV

### A REPÚBLICA DAS MULHERES

O desembargador Cotrim, cuja barba descia até o peito da camisa clara, pondo nesta uma grande mancha prateada, contava às damas, no terraço do seu amigo Veridiano Barradas, as suas mais curiosas impressões de viagem. Interessadas pelo tom pitoresco da palestra, e, não menos, pela voz doce e arrastada do riquíssimo celibatário, as senhoras curvavam-se para ouvi-lo, deixando patente a curva maravilhosa do decote. Um perfume suave, de jasmims torturados pelo calor, subia do jardim mergulhado na sombra. A orquestra vascolejava, na sala de música, uma dansa moderna e quente, que os pares jovens aproveitavam. E o desembargador, acentuando cada palavra para não trair a sua condição de cosmopolita, contava ao seu gracioso auditório:

— Em uma cidade da Rússia, no Mar Negro, as mulheres tentaram, depois da guerra, viver, inteiramente, sem homens. Animadas de espírito revolucionário, mete-

ram-se todas em um navio que estava no pôrto, transportando-se para uma ilha deserta, separada do continente por uns seiscentos metros de mar. Chegadas lá, tomaram todas as providências para impedir quaisquer comunicações com os homens; e a primeira foi incendiar a embarcação, para que nenhuma voltasse.

— E deram-se bem? — interrompeu mme. Taveira Mendes, o cotovêlo no joelho, apoiando o rosto na luva.

— Maravilhosamente, — continuou o elegante homem do mundo. — Animadas pelo espírito feminista, elas chegaram a organizar um verdadeiro Estado moderno. Finanças, agricultura, indústrias, administração, tudo isso foi instituído com ordem, com arte, com sabedoria, de modo que nada lhes faltava naquele isolamento voluntário.

— E continuam? — indagou, curioso, o dr. Jaime de Vasconcelos, que chegava na ocasião, imaginando, talvez, já, a fundação, alí, de uma agência do Banco do Rio de Janeiro.

— Infelizmente, não, sr. doutor, — respondeu, com um suspiro longo, o simpático viajante. — Não continuam, porque morreram todas, uma a uma, até a última.

— De saudades? — perguntaram, unânimes, as damas que o ouviam.

O desembargador sorriu, triste, enxugou uma lágrima pequenina, mas indiscreta, e informou:

— Não, minhas senhoras; não foi de saudade.

E, olhos baixos, limpando o *pince-nez* de cristal no fino lenço de sêda creme:

— Morreram afogadas, quando atravessavam a nado, numa noite de tempestade, os seiscentos metros de mar...

## LVI

### A PULGA DA RAINHA

(HISTÓRIA DO SÉCULO XVIII)

A notícia do acontecimento foi motivo para um reboliço na Côrte. E não era para menos. A fama daquele domesticador de pulgas havia se espalhado pelo país inteiro, sendo natural, portanto, que o Rei, a Rainha, as damas de honor, os fidalgos, em suma, presenciassem, também, tão extraordinária novidade. Nem era para outra cousa que alí estava, cercado pela multidão de nobres, aquele estrangeiro de rosto queimado e barba áspera, carregando nos bolsos fundos meia dúzia de vidros claros, entupidos de algodão.

Conciente da honra que lhe era concedida, ao ser recebido, assim, na intimidade real, o aventureiro tomou os vidros entre os dedos e explicou a sua utilidade. Aqueles vasos eram o camarim, os aposentos dos seus artistas. Alí viviam as pulgas da *troupe*, umas, sòzinhas, levando vida aristocrática e superior, como as atrizes de grande fama; as coristas, as dansarinas de

segunda ordem, outras em conjunto, às três e às quatro, como o pessoal, enfim, que forma o soco, e pedestal, das grandes celebriedades artísticas. E destapando um vidro:

— Aquí, neste, reside a pulga-estrêla, a figura mais ilustre da companhia.

Tomou o minúsculo parasita na ponta dos dedos, tonteou-o com a pressão, pondo-o, em seguida, em cima da mesa, transformada em palco da curiosa *troupe* de artistas.

— Estas aquí, — tornou, abrindo outro vidro, — são o galã e a ingênua da companhia. Moram juntos porque são casados.

E, assim, dando explicações, ia êle abrindo os frascos, e expondo sôbre a lâmina da mesa os insetos sábios, com que se propunha divertir, naquela noite, aquêla fina sociedade de aristocratas. Ao chegar, porém, ao fim, empalideceu. Olhou em tôrno, curvou-se sôbre a mesa, examinou os “artistas”, contou-os e, a voz trêmula, confessou, voltando-se para o monarca:

— Majestade, uma desgraça!

O soberano encarou-o, severo, supondo-se vítima de um engôdo premeditado. E o desventurado, juntando as mãos:

— A *estrêla* da Companhia... fugiu!

O inopinado da notícia fez abrir num sorriso a fisionomia serena do monarca. E foi com êsse sorriso que êle ordenou à Rainha:

— Majestade, as pessoas que se achavam mais perto da mesa éreis vós e vossas damas. Peço-vos, pois, que entreis com elas, para os respectivos aposentos, e procureis, lá, nas vestes, a “artista” que desapareceu.

Recolhidas as damas, e a Rainha, voltaram, todas, ao salão, meia hora depois.

Cada uma trazia, cautelosa, uma pulga entre os dedos.

## LVII

### O PEDACINHO

Casados há um ano, o dr. Daniel e donã Florzinha aguardavam, com deliciosa ansiedade, o nascimento do seu primeiro pirralho, herdeiro natural das virtudes maternas e do dinheiro, da energia, da vigorosa inteligência do pai.

— Quero que seja menina! — dizia à noite, manejando a sua agulha de *crochet*, a jovem e encantadora senhora. — Se for mulher, terá o nome de Heloísa. É tão bonito!

— Eu quero que seja um homem, — aparteava o marido. — Se for, chamar-se-á Luiz e entrará para a Marinha, como o avô. Não quero mais bacharéis na família. Nós precisamos de um almirante!

Durante dois ou três meses, que dona Florzinha consumiu na fabricação de sapatinhos, toucas e fraldinhas de pano delicado, não se falou, na casa, em outra cousa. Era essa, mesmo, a palestra, uma tarde, em torno à mesa de jantar, onde a moça fazia serão, quando esta observou, de repente:

— Sabes, Daniel? é menina mesmo, como eu queria...

— Menina? — estranhou o espôso, sorrindo com bondade. — Duvido!

— Duvidas, por que?

— Porque não é.

— E eu te digo que é.

— E eu te afirmo que não é.

— Vamos apostar?

— Vamos.

— Cem mil réis contra cem mil réis!

— Duzentos contra duzentos!

— Está combinado.

Não haviam os dois terminado êsse diálogo entretecido de beijos, quando dona Florzinha sentiu em si mesma um estremecção, seguido de uma pontada de um lado. A esta sobreveio outra, e outra, e mais outra.

— Eu não estou me sentindo bem, não, filhinho, — informou a moça, mordendo o beicinho sem sangue. — As dôres estão aumentando...

— Queres que previna a parteira?

— Seria bom. Ela já devia, mesmo, achar-se aquí, desde ontem.

Meia hora depois, estava o palacete do dr. Daniel de Miranda em formidável reboliço. Estendida na cama, o rosto muito pálido, os olhos muito fundos, o beicinho muito branco, dona Florzinha gemia, estor-

cendo-se. Na cozinha, atarantadas, as criadas ferviam água, lavavam bacias, passando para a alcova, às pressas, com grandes chaleiras fumegantes. E às duas da manhã, dava dona Florzinha ao mundo uma criança robusta, rechonchuda, côr de rosa, que era um encanto.

— Ganhei a aposta, Daniel! — exclamou a moça, alva, de cera.

E com um sorriso pálido, mas de doce felicidade:

— É menina!

— É verdade; perdi! — exclamou o advogado, olhando a pirralha.

E, marcando no dedo uma extensão de dois ou três centímetros:

— Mas, também, perdi por um pedacinho assim... Não foi?

## LVIII

### O CASTIGO

O Luizinho andava pelos três anos, e era o encanto da casa, quando começou a tornar-se insuportável. Não havia açucareiro que ficasse cheio por muito tempo, nem prato à beira da mesa que não viesse ao chão. Com o intuito de castigá-lo, a mãe soltava-o no quintal e fechava a porta; e não decorriam dez minutos que as galinhas não comessem a cacarejar. Era o Luizinho que as espantava do ninho para roubar os ovos, ou que perseguia as ninhadas para estrangular, um a um, os pintainhos.

Alarmada com aquela tendência do filho, dona Estêla metia-lhe toda a sorte de sustos, criando as lendas mais fantasiosas. Falava-lhe do Inferno, do Purgatório, de lugares de suplício, onde se aplicavam castigos inomináveis. E quando nada tinha mais a inventar, lembrou-se, na ocasião em que dava banho no pirralho:

— Você sabe, meu filho, o que acontece aos meninos traquinas?

E passando-lhe sabão, fazendo espuma, nas proximidades do umbiguinho moreno, miúdo como o dedo mínimo do pequenino:

— Nosso Senhor corta isto... Ouviu?

Com a sua idade, o Luizinho pouco se incomodava com suplícios daquela espécie. Tanto fazia aquilo como um dedo; contanto que o não privassem de esvaziar o açucareiro ou de depenar, à tarde, as galinhas do quintal.

O mesmo não aconteceu, entretanto, à Lolinha, mais velha ano e meio que o irmãozinho. Aquela revelação impressionou-a, atormentando-a durante toda a manhã. E foi debaixo dêsse pavor, da impressão forte deixada pelas palavras maternas, que, ao mudar a roupinha, à noite, para dormir, interpelou dona Estela:

— Mamãe, tu me dizes uma cousa?

E agradando o rosto da boa senhora:

— As meninas, quando são pequenas, são todas muito vadias? São?

## LIX

### O JOGADOR

Habituação, desde rapazola, a jogar o *poker*, o Atanásio Mendes Coutinho constituía, aos cinquenta anos, o terror dos parceiros. O processo de que lançava mão para ganhar, ninguém conhecia; o certo era, porém, que arrebanhava o dinheiro todo, com aparências da mais rigorosa honestidade.

Certo dia, Atanásio morreu. E ninguém falava mais nele, nem na terra, nem no céu, quando São Pedro, uma tarde, ao passear nos jardins da divina mansão, descobriu uma sombra furtiva, que se esgueirava entre o arvoredor silencioso.

— O Mendes Coutinho no Paraíso? Como foi isto?

Era, realmente, um escândalo, a presença daquele jogador em lugar tão sagrado, e em que só podiam penetrar as almas puras, limpas, libertas de todo o pecado. Foi, pois, aflito, as mãos trêmulas, que o chaveiro procurou o Onipotente, comunicando-lhe o fato:

— Senhor, meu Senhor! uma desgraça!

— Que foi, Pedro? — indagou o Eterno. — Que foi?

— O Mendes Coutinho está no Paraíso, Senhor; e eu não sei como êle entrou! E agora, é preciso expulsá-lo!

Bondoso e tolerante, Jeová tranquilizou-o:

— Não te aflijas, Pedro. É preferível que o convertamos. E o melhor, para isso, é pô-lo de bom humor. Dize-lhe que venha jogar um *pokerzinho* comigo. Dentro de duas horas, estará convertido.

— Mas, Senhor... — aventurou o porteiro celeste.

E não acabou; o Eterno havia feito um daqueles gestos que não admitem réplica, obrigando-o a retroceder, de olhos baixos, para cumprimento da ordem recebida.

Instantes depois chegava ao pé do trono em que pousava o Altíssimo o miserável espectro de Atanásio Mendes Coutinho. Chegou, saudou, numa reverência humilde, e, como fosse recebido com benevolência, levantou a cabeça grisalha.

— Então, Atanásio, que é que se faz por aquí? — indagou o Supremo.

— Nada, Senhor. Estou até arrependido de ter vindo a estes lugares...

— E se eu te convidasse para um *pokerzinho*?

Mendes Coutinho sorriu, lisonjeado, os olhos brilhantes.

Posta a mesa, que foi trazida por quatro anjos, sentaram-se, de um lado, Atanásio Mendes Coutinho, e do outro, o Supremo Arquiteto. Partido o baralho, ia o Eterno dar as cartas, quando o parceiro o deteve.

— Com uma condição! — disse.

E segurando a mão do Criador:

— Não se admite milagre; compreende?

E ganhou, até de manhã.

## L X

### VAIDADE

Apressadinha, nervosa, cheirando, desconfiada, cada poste do caminho, passava a cachorrinha pela rua Uruguaiana, quando no canto da do Ouvidor lhe surgiu à frente, obrigando-a a desviar-se, um cachorro da mesma raça.

Baixar os olhos, mostrando preocupação, foi, para ela, obra de um instante. Aquele animal não lhe era estranho. Há tempos, ao passar pela rua Sete, êle a havia seguido teimosamente, embora de longe. Estava, então, mais magro, e com um ferimento na orelha, como se tivesse travado luta. Agora, encontrava-o outra vez.

Ao ver a cachorrinha, o cão estacara, de súbito. Esperou, talvez, que ela paras-se. E como a visse continuar o seu caminho, seguiu-a. De repente, ela parou junto a um poste.

— Irá tomar o bonde? — pensou.

A cadelinha olhou para um lado, olhou para outro, desconfiada. E, dando com os olhos no seu galante perseguidor, arrepiou-

-se toda, e continuou na sua carreirinha saltitante, arrependida já daquela aventura.

Num momento, o cachorro estava a seu lado. Evitou-o, sem grosseria.

— Dou-te um vestido que é uma beleza! — rosnou o conquistador.

Focinho baixo, ela não respondeu.

— Iremos morar numa casa de madeira, que só nos caiba a nós dois! — tornou o Don Juan de rabo e focinho.

Indiferente, ela continuou a correr.

E ia trotando, cada vez mais ligeira, mais nervosa, quando viu, na calçada fronteira, uma cadelita de luxo, trazendo ao pescoço uma coleira tilintante, de metal dourado.

— Dou-te um colar dos mais ricos! — disse o perseguidor, quasi ao ouvido.

A cachorrinha estremeceu.

Dias depois, passava ela pela mesma rua, com uma coleirinha de guizos, desafiando, vaidosa, a modéstia de todas as cadelinhas honradas...

## L X I

### CACHORRO!...

Órfão de pai e mãe aos dois anos e meio, foi o Antoninho internado naquele asilo de crianças e confiado, sob a proteção de Deus, ao cuidado daquelas religiosas. Aos dez anos, passou para um colégio de padres, de onde saiu aos dezenove, com o coração carregado de inocência e o espírito repleto de bondade, fortalecida no jejum de todos os carinhos. Aos vinte, já na rua, entregue a si mesmo, comprou um bilhete de loteria no Campeão do Sul. A roda correu. O bilhete conferiu. E o Antoninho viu-se, de repente, no mundo, com cem contos em dinheiro, a que desejava dar a mais honesta das aplicações.

Instintivamente, surgiu-lhe uma idéia: casar-se, como se casavam aqueles rapazes que êle via sair da igreja, nos seus tempos de seminarista, ao lado de uma mulherzinha encantadora. Ajuizado, pediu uma menina das vizinhanças da pensão em que morava, mobiliou a casa, casou-se, e, um mês depois do prêmio, estava êle unido à Lêda.

Broxado, filha do sr. Antônio Broxado, farmacêutico em São Cristóvão. E sentia-se feliz com a sua companheira, que o cercava de atenções, de carinho, de ternura, quando o sogro o convidou para um passeio.

— Vamos dar uma volta por aí, Antoninho?

— Vamos! — concordou o rapaz.

Em caminho, percebeu o antigo interno do Asilo de Órfãos que o sogro lhe queria fazer qualquer revelação. Não fez, porém, grande caso daquele interesse, até que, ao chegarem, os dois, ao largo da Carioca, o velho lhe tocou afetuosamente no ombro.

— Veja só você — disse, — a lição que a Natureza dá aos homens!

Antoninho voltou-se, e viu o que o sogro lhe indicava. Soltos, livres, dez ou doze cães brincavam no cimento e no gramado da praça, correndo, pulando, divertindo-se. De vez em quando, um, mais esperto, chegava até às proximidades de uma cachorrinha, farejava-a, festejava-a, e corria até um lampião, ou a uma parede, onde se desalterava, sem maior cerimônia. Outros repetiam a cena, dando àquele quadro urbano, tão natural nas cidades sem policiamento, um cunho de naturalidade e, ao mesmo tempo, de canalhice irreverente.

— É uma lição ao homem! — tornou o sr. Broxado. — É uma lição ao homem!

Aquela insistência, acompanhada de olhares significativos, deu a entender ao Antoninho que havia, naquelas palavras, uma alusão à sua pessoa. À sua vida matrimonial faltava, com certeza, alguma coisa que o sogro lhe queria dizer, e não dizia, mas que êle devia adivinhar, naquele momento. E como lhe parecia ter compreendido tudo, convidou o velho a continuarem no passeio, do qual voltaram tarde da noite, na melhor camaradagem.

Oito dias depois, começou o sr. Broxada a notar, dentro da casa, na qual morava com o genro, um cheiro desagradável. Estranhando o fato, chamou a filha, e indagou:

— Lilina, o gato tem dormido aqui dentro de casa?

— Não, senhor, papai.

— E o cachorro?

— Também, não, senhor.

— De onde vem, então, êste cheiro exquisito?

Lilina corou, fazendo desconfiar o velho.

— Anda; vem cá, — disse êste, bondoso. — Conta-me o que há. Que cheiro é êste?

Vermelha de vergonha, a moça baixou a cabeça, titubeando. Mas o pai insistiu, e ela gemeu, trêmula:

— É o Antoninho.

— O Antoninho? — indagou o velho, sem compreender.

E ela, tentando explicar-se:

— Êle deu, agora, para cheirar meu pescoço, dá uma carreirinha pelo quarto e fica um tempo enorme com uma perna suspensa, junto da parede.

O velho Broxado empalideceu. E foi pálido, punhos crispados, que rugiu, entre dentes:

— Cachorro!...

## LXII

### A ALIANÇA

Desde que principiara a falar, tornara-se o Julinho de uma loquacidade comprometedora. Queria saber tudo, indagava de tudo, fazendo, a todo momento, perguntas inconvenientes. Logo ao amanhecer, quando a mãe lhe punha o guardanapo ao pescoço para o café, começava êle as consultas:

— Luiza, a gente foi feita mesmo de barro?

— Foi, sim, “seu” Julinho.

— E os pretos?

— Também.

— Mas, então, foi com barro de carvão; não foi?

Às vezes, as perguntas colocavam o pai em situação embaraçosa.

— Papai, quando a gente sopra no fogo, no fogão, acende; não acende?

— Acende, meu filho.

— E por que é que, quando se sopra o fogo da vela, a vela se apaga?

Preocupado com essa precocidade do filho, o dr. Valentim propôs, um dia, a dona Almerinda:

— Nós precisamos sair daqui, filha. O Julinho está se tornando muito vivo, muito curioso, e isso está me incomodando. É preciso dar-lhe outro ambiente mais simples, em que êle se distraia, deixando adormecer um pouco a inteligência.

— Então, vamos, Valentim. Se é preciso... — concordou a moça.

Antes da partida, porém, ficou resolvido que o casal fizesse algumas visitas.

— E o Julinho vai? — indagou dona Almerinda.

— Vai, sim, — confirmou o pai.

No salão dos Alves de Albuquerque, onde foram carinhosamente recebidos, o menino observou, pela primeira vez, as “alianças” das pessoas presentes.

— Papai, — indagou, — que anel é êsse?

— É “aliança”, meu filho.

— E que é “aliança”?

— “Aliança” é um anel liso, sem pedra nenhuma, que os casados usam desde o dia do casamento.

— Ahn!... — fez o pirralho.

Dias depois, na fazenda da Boa Viagem para onde haviam ido, passava o garoto pelo pátio da casa, quando viu ruminan-

do, à sombra de uma árvore, o “Bonito”, enorme boi de carro, às narinas do qual haviam pôsto, como é de costume, uma grande rodela de ferro, para prender a corda. Espantado, o menino correu para o interior da casa, comunicando:

— Papai, sabe quem está aí no pátio, deitado debaixo da mangueira? Aquele boi casado!

E ante a admiração do pai, que arregalava os olhos, sem compreender:

— Aquele, papai, aquele que tem a “aliança” no nariz... Sabe?

## LXIII

### MATERNIDADE

Um cavalheiro de notória inteligência e fino espírito escrevia-me, um dêstes dias, uma carta, perguntando por que eu não abria uma campanha séria a favor do engrandecimento do Brasil, pela multiplicação dos seus habitantes. E juntava, a propósito, duas publicações, uma francesa e outra alemã, em que os governos de Paris e de Berlim recomendam a fundação de novos lares, e, nesses lares, a constituição de famílias sadias e numerosas.

A lembrança do nosso patricio nasceu, talvez, do espetáculo de abandono que oferece a maior parte da nossa terra. E como acha que o melhor povoador do Brasil é o brasileiro, deseja que a população aumente, sem escândalo, mesmo ligeiro, da alma nacional.

Em verdade, o Brasil precisa de habitantes. Qual será, porém, o melhor processo para satisfazer essa necessidade da pátria? Premiar as famílias fecundas? Socorrer os casais que tenham muitos filhos?

Eu, por mim, acho que o melhor é deixar as coisas como elas estão, sem que metamos o dedo no assunto.

As senhoras brasileiras são, na sua generalidade, boas mães. O instinto da maternidade aparece, nelas, em tal grau que assume a feição de uma virtude. Nem era de esperar outra coisa, quando, mesmo as mulheres francesas, estão sendo arrastadas, hoje, pela força dêsse sentimento. Aquele caso contado por Jean Bonot, em uma fôlha parisiense, é sobejamente significativo.

Vítima dos velhos preconceitos com que París perturbou, antes da guerra, a marcha da Humanidade, mme. Atanásio Fessié tinha horror à maternidade. Um filho causava-lhe, a ela, um pavor irresistível. E era horrorizada, e com arrepios pelo corpo, que se referia, às vezes, à possibilidade de uma descendência, mesmo que esta se limitasse a um único representante do seu sangue.

Certo dia, porém, foi a jovem senhora castigada por Deus: o seu lar ia abrigar um pimpolho, um anjito louro e rosadinho, que seria, provavelmente, no futuro, o supremo orgulho dos pais. Homem de coração, o sr. Atanásio andava de um lado para outro, no meio da casa, esfregando as mãos, de contente. A espôsa, entretanto, não se cansava de recriminar o bárbaro, rogando pra-

gas ao pobre marido, a quem acusava, indignada, do tormento que a ameaçava.

Ao fim de alguns meses de espera, foi anunciada, enfim, que era chegada a hora do Atanásinho. Aflita, a desventurada mãe gemia, desolada, amaldiçoando o espôso. E foi penalizado com o sofrimento dela que o rapaz correu à farmácia do canto, onde o farmacêutico lhe deu um remédio tão positivo, tão eficaz, tão santo, que o menino, minutos depois, vinha ao mundo, entre as imprecações e os gemidos da mãe.

Serenados, porém, os ânimos, foi a enferma a primeira a chamar o marido:

— Atanásio!

O rapaz correu. E madame, a voz branda:

— Onde está aquele remédio que tu me deste?

— Está ali, filhinha. Por que?

— Não o ponhas fora, não, Atanásio.

E com doçura, embalando o filho:

— Guarda-o para a outra vez... Sim?

## LXIV

# OS FILHOS

(SOBRE UNS VERSOS DE HUGHES DELORME)

Fatigado pelo trabalho que lhe dera a criação dos filhos, um pelicano reuniu a prole, e partiu pelo mundo, a conhecêr as novidades da terra. Ao fim de algumas semanas, ao despertar, notou que descera no meio de um areal, em um grande deserto, no qual não havia peixe, nem, mesmo, água. Ouvindo os filhos piar de sêde e de fome, a pobre ave procurou, debalde, um pouco de alimento; e quando chegou a noite, não encontrando um ninho para os agasalhar, arrancou, generosa, as penas do próprio peito, forrando, com elas, a pequena cova de areia em que os pequeninos foram dormir.

No dia seguinte, pela manhã, as avezitas acordaram piando, de sêde. Aflito, não sabendo onde ir buscar a gota d'água que as dessedentasse, o pelicano meteu o bico no próprio corpo e, abrindo nele um buraco, fez com que os filhos bebessem, aí, o seu próprio sangue. As avezitas continuavam, porém, a piar. O sol vergastava o areal.

imenso, transformando-o em um oceano de fogo. Apesar de faminta, com as asas cansadas, quasi inertes, a ave não se lembrava de si mesma. E como os filhos reclamasse alimento, piando dolorosamente, arrancou o pelicano um pedaço da sua própria carne, e meteu-a, abnegado, no bico dos pequenitos.

No outro dia, a fome atormentava os viajantes. Abatida pelo sacrifício, a ave não podia continuar no seu vôo. Os filhos piavam ainda, e ela, não tendo mais carne que o bico alcançasse, meteu-o nas entranhas e arrancou, de lá, um pedaço delas, para matar-lhes a fome. As avezitas devoraram com fúria o manjar horrendo, e calaram-se. Ao amanhecer do dia seguinte, porém, voltaram a reclamar alimento. E como o pai repetisse o mesmo gesto de abnegação, oferecendo-lhes o resto das entranhas sangrentas, um dos filhos deu um passo em frente e protestou, insolente, repelindo a comida:

— Desaforo! Isto é um desaforo!

E com raiva, atrevidíssimo:

— Agora, é esta miséria: tripa de manhã, tripa de tarde, tripa de manhã, tripa de tarde!

E atirou longe, com fúria, o último pedaço das entranhas do pai.

## L X V

### A CARTA DO JUVÊNIO

O Juvêncio, filho mais velho do coronel Antônio Benigno, fazendeiro no Cariré, no Ceará, estava casado há menos de vinte dias quando, ao regressar inesperadamente de uma visita à fazendola, notou a presença de um homem junto à cêrca do seu quintal. Deu volta à casa, e, ao chegar perto, viu: sua mulher, a Belinha, estava aos beijos com o Cazuzinha Monteiro, conquistador profissional, cuja audácia tinha feito a infelicidade, já, de várias famílias da localidade.

Constatada a senvergonhice da espôsa, correu à casa dos pais, e, contando-lhes o ocorrido, explicou o seu propósito:

— Embarco amanhã mesmo para o Amazonas, para o Acre, para o Inferno. Vou curtir a minha vergonha longe daqui, num lugar em que ninguém me conheça!

E, no dia seguinte, cumpria, sereno, a deliberação tomada.

Durante seis meses não houve, no Cariré, a menor notícia do rapaz. Pessoas vindas do Norte diziam havê-lo visto em

Belém, de passagem para o Alto Madeira. Outros afirmavam tê-lo encontrado em Manaus, com a idéia de subir o Solimões. O certo era, porém, que ninguém o vira, nem sabia, sequer, antes da chegada ao Ceará, que o filho do Antônio Benigno havia abandonado o sertão.

Ao fim de um ano e quatro meses, estava dona Perpétua a dar de comer às galinhas, quando o velho João Timóteo, agente do Correio, enveredou pela casa, até sair no quintal.

— Minhas alvícaras! Minhas alvícaras! — exclamava, exibindo um envelope. — Uma carta do filho!

Comovida, as pernas trêmulas, dona Perpétua deixou cair ao chão, pesada, a cuia do milho. E foi com os olhos úmidos, enxugando as mãos molhadas e grosseiras no fôlho da saia de chita, que pediu:

— Leia, compadre. Leia; sim?

O velho sertanejo tirou do bolso da blusa de riscado os óculos de aro ordinário, amarrados, já, com fios de linha preta, escanchou-os no nariz grosso, abriu o envelope, exumou dêle uma fôlha de papel e, pondo-a à distância, começou a leitura.

As notícias eram boas. Chegado ao Pará, havia o rapaz encontrado logo um patrício, o Antônio Bandeira, de Morada Nova, dono de uns seringais no Xapurí.

Entrara em acôrdo com êle, fizera sociedade e era, agora, com a saída do sócio, proprietário único das terras da Cachoeira, até a confluência do rio Manduruteba. E terminava, entusiasmado:

— “O Amazonas, minha mãe, é um verdadeiro Paraíso. Só não enriquece aquí aquele que não quer trabalhar. Nunca vi uma terra tão farta, nem um clima tão bom. A menor plantação dá dinheiro. O menor trabalho dá recompensa. Eu só queria que os maridos enganados, aí do Cariré, fizessem como eu, porque esta terra estaria, em breve, coberta de riquezas. Diga, pois, por aí, minha mãe, que eu não desampararei os meus companheiros de desgraça e que cada espôso traído, dos que aí vivem, me encontrará, aquí, de braços abertos para recebê-lo e ajudá-lo”.

Ao chegar a êsse ponto da carta, dona Perpétua interrompeu a leitura, pedindo, as mãos juntas, olhos súplices, ao velho Timóteo:

— Compadre, faça-me um favor. Não diga a ninguém que eu recebi essa carta! Sim?

E como o agente a olhasse por cima dos óculos:

— Porque, se você espalhar, compadre, amanhã, ou depois, não haverá mais um único homem no Cariré!

## L X V I

### O LAMPIÃO E O PAVIO

Dona Joaninha Pilares andava já pelos quarenta e seis anos quando o coronel Marcolino Sampaio a viu no Municipal. Ocupavam camarotes vizinhos, na terceira ordem, e foi por mero acaso que os olhos dos dois se encontraram. Sorriso nos lábios, fitaram-se de novo. E de tal forma reincidiram, que o velho celibatário deixou o seu automóvel em frente ao Jóquei Clube para acompanhar a risonha senhora, a pé, a ver o bonde que ela tomava. À rua Sete, viu que o seu *flirt* morava para as bandas da Aldeia Campista. E ao fim de oito dias havia progredido tanto, que sabia, já, tratar-se de uma senhora solteirona, irmã de um antigo senador e pessoa da mais acenhuada distinção.

A dama que chegara tão tarde ao coração do coronel não era, positivamente, uma jovem. Andava nessa idade que, no dia da vida, não é ainda crepúsculo, mas que não é mais, também, de sol causticante. Era fruto maduro, é certo, mas ainda saboroso.

E como o coronel Sampaio não fosse dentadura para fruto verde, entenderam-se os dois admiravelmente, concertando, pelo telefone, a hipótese de um casamento, com todas as particularidades da liturgia.

Homem de fortuna, o coronel sonhara, sempre, com um herdeiro, um pimpolho que fosse, com a primavera que acompanha as crianças, o conforto do seu inverno. Casando-se aos cinquenta anos, êle sabia que lhe não era possível, mais, abraçar um filho crescido, homem feito. Sorria-lhe, entretanto, a idéia de possuir um pirralhito, que fosse a hera tenra, fresca, florida, a vestir de alegria risonha a limosa tristeza do muro velho. E era a falência dessa esperança acentuada em quatro anos de casado, que lhe fazia dizer, desolado, a dona Joaninha:

— Sim senhora... Que *bluff*!...

— A culpa é tua, Marcolino! — desculpava-se a pobre senhora, convencida.

— Minha, não; tua! — protestava o ancião.

Foi por êsse tempo que o coronel resolveu ir passar uns dias na sua fazenda de "São Gualberto", no Estado do Rio. E foi lá, no silêncio das noites bucólicas e meditativas, que o ancião se queixou, de novo, à mesa do jantar:

— É verdade! Assim, vou eu enve-

lhecendo... envelhecendo... e o filho não vem!

— A culpa não é minha, Marcolino...

— protestou a senhora, como de costume.

— Há de ser minha, com certeza!...

— observou o coronel, com ironia. — Os teus quarenta e oito anos não querem dizer nada, neste assunto!

Inteligente, fina, e, sobretudo, com aquela malícia tão feminina das mulheres cariocas, dona Joaninha não retrucou à indelicada observação do marido. Encaminhou-se, porém, para a cozinha, e chamou:

— Minervina!

Apareceu uma crioulinha, cria da casa.

— Traze do quartinho aqueles dois lampiões que estão lá, o novo e o velho.

Trazidos os dois *belgas* de fazenda, d. Joaninha encheu-os de querozene, e, pondo um pavio velho no lampião novo, acendeu-o, levando-o para a varanda. A luz era, porém, tão triste, tão pálida, que o coronel exclamou:

— Que luz é essa, Joana? Não tem por aí outro lampião?

— Tem, sim, — confirmou a senhora.

E trazendo para a varanda o lampião velho, passou para êle o velho pavio. A luz continuou, entretanto, mortíça, baixa, agonizante.

E o velho reclamou, de novo:

— Êste ainda está pior, filha. Dá um jeito nisso, senão nós ficamos no escuro!

A êsse pedido, dona Joaninha foi à cozinha, trouxe de lá o pavio novo, e acendeu-o. E toda a varanda irradiou, iluminada, alegre, numa grande festa de luz.

— Estás vendo, Marcolino? — exclamou a boa senhora, maliciosa; — estás vendo?

E batendo, perversa, no ombro do coronel:

— Para lampião velho dar a luz, meu caro, é preciso... pavio novo!

E sorriu, vingada.

## LXVII

### AS SAIAS-SINO

A imprensa carioca tem sido infatigável, ultimamente, na campanha contra os indivíduos incívís que fazem parada, de um lado e de outro, na Avenida, e que levam a tarde a dirigir pilhérias às senhoras. A princípio, êles eram apenas meia dúzia; hoje constituem legião, que aumenta dia a dia, ameaçando a cidade.

Às modas femininas cabe, em parte, a culpa dessa pouca vergonha, que se está tornando comum. A senhora que exhibia, há seis meses, uma saia acima do joelho, e que a substituiu, agora, por outra que lhe vai ao tornozelo, mas sob a qual não há senão a pele do corpo, — é um desafio, evidentemente, à gravidade dos homens mais circunspectos. Uma mulher impudica é entidade tão extravagante como o touro de asas ou a cobra de pernas; e quem veria o touro alado ou a cobra quadrúpede sem soltar, de repente, uma frase de espanto?

Senhoras há, entretanto, que levam mais longe, ainda, a sua provocação aos

pelintrotos da Avenida. E não é por outra cousa que algumas se queixam de desrespeitos, como aquele de que se diz vítima a conhecida sra. Peixoto Soutelo, cujas *toilettes* são citadas, quasi diàriamente, nas secções elegantes dos jornais.

Mme. Soutelo é, indiscutivelmente, *chic*. Moda extravagante que se anuncie, é ela, sempre, das primeiras a usar. E foi essa vaidade que a fez apresentar-se, na última segunda-feira, na Avenida, passeando sob os olhares dos homens uma saia larguíssima, que fazia em tórno dela uma grande roda, como as saias-*cloche*, que bimbalhavam pela cidade há cincoenta anos. Sabendo-se alvo da curiosidade geral, madame considerava-se, nessa tarde, felicíssima. E gozava, desvanecida, essa felicidade, quando ouviu de um rapaz, à sua passagem, esta exclamação inesperada:

— Ave, Maria!

Espirituosa e atrevida, madame olhou o insolente, e retrucou:

— O cavalheiro rezou a sua “Ave-Maria” por ver passar a minha saia-sino?

— Absolutamente, minha senhora! — volveu o moço, o chapéu na mão. — A minha homenagem não foi, pròpriamente, ao sino.

E numa curvatura cínica:

— Foi ao badalo!

## LXVIII

### AMOR DE PAI

A grande tristeza do casal era, há muito tempo, aquele filho. Debalde a mãe chorava, aconselhando:

— Antoninho, pelo amor de Deus, não envergonhes teu pai! Tem pena de nós, meu filho!

E os pedidos, as recriminações, os conselhos, eram inúteis: o rapaz continuava a mesma vida de boêmia, de vadiagem, passando as noites em companhia de mulheres alegres, principalmente em uma pensão duvidosa em que se reunia a gente mais suspeita do bairro.

Ao fim de certo tempo, Antoninho não apareceu mais em casa da família. Aflita, com os olhos vermelhos de chorar, dona Matilde ficava o dia inteiro, e parte da noite, à janela, à espera do rapaz. Portadores foram expedidos, discretos, à sua procura, com a recomendação de que percorressem todos os antros, todas as espeluncas, todos os refúgios do vício espalhados pela cidade. E um desses emissários voltou, ao fim de

alguns dias, com a notícia de que êle se encontrava na pensão de má fama situada em certa rua inconveniente, onde vivia apaixonado por uma francesinha de olhos negros e cabelos dourados, que o estava iniciando nos encantos atordoantes da cocaina.

Informada do infortúnio, dona Matilde lançou-se ao pescoço do marido, suplicando:

— Vai, Alfredo, vai! Pelo amor de Deus, vai salvar nosso filho!...

Grave, severo, olhos fuzilando nas órbitas fundas, cavados no sopé de uma testa larga, que os cabelos brancos emolduravam, o antigo militar oscilava, aparentemente impassível, entre o amor pelo filho e o seu legítimo orgulho de homem de bem. A esposa continuava, porém, a insistir, banhada em lágrimas:

— Pelo amor de Deus, Alfredo! Vai! Vai salvar nosso filho! Vai!...

Sem uma palavra, com o coração aos pedaços, e, ao mesmo tempo, feroz na sua indignação sopitada, o velho coronel reformado tomou um taxi, e ordenou:

— Largo da Lapa, depressa!

Momentos depois saltava o respeitável militar no ponto indicado, pondo-se a andar, sem olhar para trás, por uma rua excusa, rumo da pensão cujo número lhe haviam dado.

O lugar não podia ser mais suspeito, mais triste, mais comprometedor. À sua passagem, braços de negras, de mulatas, de caboclas, de estrangeiras idosas e balofas, estendiam-se, funambulescos, na ânsia de apanhar-lhe a aba do paletó. Dezenas de lábios moles, repugnantes, lambusados de *rouge* ou fedendo álcool, chuchurriavam chamados, convites, palavras de amor:

— Psiu!... Psiu!... Querido!... *Mon chéri!*...

Testa franzida, revoltado com aquela ignomínia, com aquela torpeza inominável a que a polícia não punha um paradeiro, o coronel caminhava, sem voltar o rosto. Chegado a um certo ponto, olhou o número da porta, e subiu. Em cima, apareceu-lhe, sorridente, uma dama idosa, farta de banhas, que, supondo-o alguns dos frequentadores da casa, lhe foi, logo, perguntando:

— Está procurando a Lolota, aquela rapariguinha morena que chegou, ontem, de São Paulo?

Austero, testa pautada de rugas, o coronel explicou-se, logo:

— Não, senhora. Ando procurando um rapazinho claro, de olhos negros, que a senhora deve ter aquí.

— Ah, já sei! — emendou a matrona, contente.

E chamando para dentro:

— Mariquinhas?

Apareceu um “almofadinha” pálido, de olhos lânguidos, lábios vermelhos de carmin, que o coronel jamais havia visto na vida.

— É êste, meu senhor? — resmungou a velha, gentil.

É apontando-lhe, risonha, a escada suja, que dava para o andar superior:

— Suba! Pode subir...

## LXIX

### A INFLUÊNCIA DO MEIO

Não há, para os pais e noivas provincianos, perigo que mais os amedronte do que a cidade. A cidade, com os seus theatros, com os seus *cabarets*, com as suas mulheres tentaculares, atemoriza-os mais do que a onça, do que o perau do rio, do que o dente do jacaré. Daí o susto em que ficam as famílias, nos Estados, quando um rapaz, ou um homem casado, ou mesmo um velho, faz uma viagem ao Rio de Janeiro.

Mortal como os outros, o Dico Monteiro, da Feira de Santana, na Baía, resolveu, um dia, reduzir a dinheiro uma fazendola que o pai lhe deixara, e sair, sòzinho, como nos contos da “Baratinha” a correr mundo. Lágrima não houve, nem de mãe, nem das irmãs, nem da avó, nem mesmo da Rosinha Viana, sua prima e namorada, que o demovesse daquelle intento de maluco.

— Toma cuidado, Dico! — pedia-lhe a mãe, com o coração repleto de pressentimentos. — A Côrte é um foco de perdição, meu filho!

— Te lembra de nós, Didico! — gemiam as irmãs, atracadas com êle, duas de um lado, três do outro, sentadas na mesma rede, suprimdo a deficiência dos conhecimentos gramaticais com a ingênua riqueza do coração.

— Reza pro Senhor do Bomfim te guiar, Mundico! — aconselhava, batendo o queixo, a avó, a pobre dona Fortunata, com a certeza, quasi, de não mais ver aquele ingrato.

E a Rosinha, meiga, terna, os olhos úmidos, o beicito tremente, com toda a doçura da sua inocência:

— Pelo amor de Deus, Dico! Não olha para moça nenhuma; sim?

Um mês depois desembarcava no Rio de Janeiro, recomendado ao sr. senador Muniz Sodré, o Raimundo Costa Monteiro, fazendeiro na Feira de Santana. E sessenta dias mais tarde, era tal o aproveitamento do baiano, que o seu nome figurava com destaque em um conflito na Glória, onde havia ferido, a faca, por causa de mulheres, dois ingleses, um espanhol e quatro soldados da Brigada Policial.

Transmitida para a longínqua cidade sertaneja, a notícia causou, como era fatal, enorme sensação. E os comentários choviam.

— Eu não disse! — exclamava dona Brígida, enxugando os seus tristes olhos maternos. — Com aquela mania de olhar a boca de quanta mulher enxergava, o Dico havia de fazer alguma asneira!

— Não era a boca, mamãe, — atalhava a Luizinha, a irmã mais velha. O que impressionava o Dico, quando via moças, eram os olhos delas!

— Que olhos, que nada! — emendava a Tutú, um pouco mais moça. — O Dico não se cansava era de olhar para os pés da gente, na igreja. Essa maluquice que êle fez no Rio foi por pé de mulher. Vocês hão de ver!

Foi por essa altura que entrou na sala de jantar, onde a família se achava reunida, o coronel Benedito Fagundes, antigo tabelião em Remanso. E as mulheres, em côro, expondo-lhe o caso, pediram a sua opinião:

— Não acha, compadre, que foi por causa de alguns olhos?

— Não acha, padrinho, que foi por algum pé?

— O coronel não é de opinião que foi alguma boca?

Sitiado assim, o coronel passou a mão pelo queixo, ensaiando uma careta de dúvida.

— Não creio, não, comadre, — opinou.  
— Isso não foi nem boca, nem pé, nem ôlho,  
nem nada.

As mulheres fizeram silêncio. E o velho sentenciou, grave:

— Isso, comadre, só tem uma causa.

E cofiando o “cavaignac”:

— Foi a influência do “meio”...

E olhou o teto, contando as telhas.

## L X X

### O BAILADO

O sr. Benedito Venâncio andava já pelos cincoenta e oito anos quando se casou com aquela menina de dezessete. Ao fim de um decênio, Marieta estava um anjo, e o marido uma ruína. A virtude da moça era, porém, tão evidente, tão notória, tão sabida, que a víbora da maledicência quebrava nela os seus dentes, como se mordesse, impotente, a lâmina de um punhal.

Espôsa de outro homem, a linda senhora talvez constituísse um caso comum de infidelidade conjugal. Benedito Venâncio era, porém, um homem inteligente, e velava, dia e noite, pela integridade do seu nome. Conciente da sua inferioridade perante a mulher, êle sabia, de sobra, que a não podia encantar com o seu físico, com os atributos da sua mocidade, que ia longe. Havia, no entanto, o recurso das derivantes, e era com essa certeza que êle a cumulava de atenções, de carinhos, de gentilezas, levando-a a teatros, a concertos, a passeios, a tudo, enfim, que lhe pudesse atordoar os sentidos de mulher jovem.

Sob êsse ponto de vista, não havia, com certeza, senhora mais feliz. Ninguém, no Rio, tinha vestidos melhores, nem acompanhava de mais perto a evolução da moda feminina. As casas elegantes possuíam, todas, uma conta aberta, ao alcance do seu desejo. Dezenas de amigas invejavam-lhe a sorte, sem saberem que aquele luxo, aquele mundanismo, aquela opulência de *toilettes* custavam a quem os exhibia um sacrifício que elas, talvez, não suportassem com dignidade.

Casal *chic* por excelência, o senhor e a senhora Benedito Venâncio não perdiam teatro. No Municipal, a sua frisa era permanente, não só para as companhias líricas e dramáticas, como, ainda, para os concertos, para as conferências, para as festas de beneficência. Tivessem, marido e mulher, um taxímetro na perna, e levantariam, os dois, o *record* mundial de subir e descer escadas de estabelecimentos de diversões.

Elegantes assim, era natural que lá estivessem êles na sua frisa, binóculo em punho, naquela noite em que devia estrear a companhia de bailados de Eva Janegoff, a admirável artista russa que tamanho sucesso causara em Buenos-Aires. E não faltaram, realmente. Trajando um vestido verde garrafa, o colo à mostra, circundado de pérolas, dona Marieta estava deslumbrante.

de formosura. Corretíssimo na sua casa, o espôso admirava a sala, radiante de felicidade, quando, no segundo ato, entrou em cena o côro da companhia, composto, todo êle, de mulheres lindíssimas, de uma plástica irrepreensível. Binóculo no nariz, encostado à mulher, o velho capitalista devorava com os olhos, uma por uma, as bailarinas, que executavam um número de música verdadeiramente pagão, quando sentiu em si mesmo qualquer cousa de anormal. Parecia-lhe que com aquela música, o espetáculo daqueles corpos jovens, a maravilha daqueles bailados antigos, havia êle remoçado, rejuvenescido, voltando ao que era trinta anos atrás. E com essa convicção, foi que êle, a voz trêmula, os olhos suplicantes, se curvou ligeiramente sôbre a mulher, implorando:

— Nêê, vamos para casa?

Um sorriso ao canto do lábio, a moça acedeu:

— Vamos... Queres ir já?

Meia hora mais e o *landaulet* penetrava, bufando, o jardim do suntuoso palacete da praia de Botafogo. E um instante mais, estavam os dois recolhidos aos seus aposentos, trocando, como sempre, o beijo carinhoso que se dispensavam, todas as noites, antes de dormir.

Espírito sereno, dona Marieta mostrava-se tranquila, sem o menor constrangimento. Com o espôso, porém, não acontecia o mesmo. Desapontado consigo próprio, parecia-lhe que lhe sucedera uma desgraça irremediável, que a mulher nunca mais lhe perdoria. O seu engano, era, porém, completo; e tanto assim que, vendo-o aflito, foi a espôsa, ela mesma, quem lhe sugeriu uma idéia.

— Biné? — chamou, passando-lhe, carinhosa, a mão pelo cabelo ralo. — Quêres fazer uma cousa?

— Que é? — acudiu êle, indignado consigo mesmo.

E ela, a voz doce:

— Vai olhar outro bailado, e volta depressinha... Sim?

## L X X I

### I T A M A H

O chefe árabe Mesaul Efraim andava, há tempos, com o pensamento de converter-se ao cristianismo, adotando a monogamia, a vida com uma só companheira. Achava ignóbil a tradição dos serralhos, dos haréns populosos, tão prezados pelos homens da sua raça, preferindo a essa poligamia uma tenda no deserto, em que florescesse, solitário, o seu amor. Uma cousa apenas o detinha no caminho dessa regeneração: a dificuldade em encontrar na sua tribo, ou nas tribus vizinhas, uma rapariga pura, honesta, recatada, capaz de lançar na terra, ao seu lado, a base de um novo lar.

Certo dia, em confidência com uma pastora de camelos do monte Irgazah, soube o chefe árabe que na tenda de Jesaon, à margem do córrego de Yaveh, vivia uma linda moça de costumes brandos, que jamais havia conhecido na boca vermelha o beijo venenoso de um homem. A sua pele cheirava a tâmara e o seu cabelo rescendia a flôr como os tanques dos oasis em noites de luar.

Albornoz ao vento, Mesaul partiu, galopando a noite toda e metade do dia. E quando foi na segunda noite, ao nascer das estrêlas, punha à garupa do seu cavalo a moça do monte Irgazah, lançando aos homens da mesma raça o seu grito de desafio:

— Aquele de vós, cavaleiros da tribu de Jesaon, que tenha direito a esta mulher pela posse sagrada do meu corpo, que vá, no meu encalço, procurá-la no deserto!

E soltando um brado de guerra, desapareceu com ela, num turbilhão de poeira, no mistério da noite, na curva longínqua do areal.

Raptando, assim, a mulher que o seu coração desejava, acreditava o bárbaro que nenhum cavaleiro o perseguiria. Pelas tradições da tribu, só podia procurar a mulher fugitiva o indivíduo que a tivesse possuído. E aquela moça era virgem, pura como a água e intacta como as nuvens, acima, pois, do direito e da cobiça dos homens.

Sete dias passou o chefe árabe na sua tenda ignorada, na alvura do deserto sem termos. Fora, o vento sibilava e gemia, levantando turbilhões de areia, que redemoinhavam e caíam. O sol subia e descia no céu sem ver jamais o rosto do noivo, e, ainda menos, da noiva, a moça cuja pele cheirava a tâmara e cujo cabelo rescendia a

flôr, como os tanques dos oasis, em noites de luar.

Ao oitavo dia, porém, Mesaul chegou à porta da tenda, e olhou o deserto. Aquí e alí, na planície infinita, apareciam pontos negros, que se moviam, como formigas, em todas as direções.

Atentou melhor, e viu.

Andavam atrás da moça, retalhando o areal com as patas dos seus ginetes, todos os cavaleiros da tribo de Jesaon...

## L X X I I

### A LARANJEIRA

O velho André Borges costumava ir, todas as tardes, para a taberna do Joaquim Português contar histórias da sua vida e da vida alheia. Chegava junto ao balcão, puxava um tamborete, e ali ficava horas e horas narrando acontecimentos extraordinários de que só êle tinha conhecimento.

Conhecedores da imaginação com que o antigo boiadeiro bordava os seus contos fantasiosos, os fregueses habituais corriam, logo, a cercá-lo, fazendo-lhe perguntas extravagantes. O velho André tomava como pretêsto uma daquelas consultas, e fazia, com a explicação, um romance, a que não faltavam, jamais, o interêsse e o colorido. Foi a propósito de uma pergunta maldosa, que êle contou, então, naquela tarde, a famosa história da laranjeira.

— Quando eu me estabeleci neste lugar, meninos, — começou o velho, passando a mão calosa pela barba revôlta, que lhe descia até ao coração; — quando eu me estabeleci neste lugar, havia ali, entre a feira,

e a casa do padre, uma laranjeira que nunca tinha dado laranja.

— Nem “fulorava”? — indagou um dos ouvintes, com a mão no queixo.

— Nem “fulorava”! — confirmou pai André.

E reatou:

— Um dia, porém, de passagem pelo arraial, frei Daví da Anunciação se lembrou de molhar o pé da planta com água-benta, para tirar a maldição. Feito isso, declarou que a árvore ia dar laranja, mas com uma condição, que só Deus conhecia, e que se saberia depois.

— Que condição era? — perguntou uma velha, que ouvia a narrativa.

— Espere lá, — pediu o velho, com a mão espalmada no rumo da interlocutora.

— Espere lá.

E continuou:

— A condição era esta: é que as laranjas só deviam ser comidas pelos homens do arraial que fossem enganados pela mulher!

— Nossa Senhora! — exclamou alguém, ao lado do narrador.

E pai André, sem se deter:

— Ao fim de algum tempo, a laranjeira começou a florar, ficando branquinha, de tanta flôr. Em seguida, cobriu-se de fruta; e nunca se viu tanta laranja, como dessa vez. E estava pesada de cachos,

quando passou o primeiro morador, e levou a primeira laranja; passou o segundo, e levou outra. Cada marido enganado passava, e levava uma laranja, que ia comendo pelo caminho.

— E acabaram com o cacho, pai André? — indagou uma rapariga, rindo.

O ancião olhou a moça, espantado.

— Com o cacho? — disse. — Qual o que, minha filha!

E levantando-se, num gesto galhofeiro:

— Pelaram a laranjeira!...

## L X X I I I

### O HOMEM FELIZ

O rei Atanásio I, da Sudolândia, arrancava os últimos cabelos, desesperado com os sucessivos desastres dos seus exércitos, quando o velho astrólogo Nataniel, após uma consulta às estrêlas silenciosas, lhe declarou, solene:

— Vossa Majestade pode ser feliz, meu senhor, à superfície da terra. As legiões de Vossa Majestade derrotarão o inimigo e assegurarão o trono. Outras venturas pairarão sobre a casa real, que terá um herdeiro. Para isso é preciso, porém, que Vossa Majestade vista a camisa de um homem feliz.

Pedidos novos esclarecimentos, o mago adiantou que essa peça do vestuário devia ser arrancada ao felizardo no instante mesmo em que êle se considerasse venturoso. Ela devia trazer essa virtude, recebida na ocasião. Do contrário, o remédio seria inútil.

A datar dêsse dia, começou, no reino, um formidável movimento de pesquisas.

Centenas de emissários foram despachados em todas as direções, para todas as cidades e aldeias, à procura do homem maravilhoso. Ordens, as mais severas, foram expedidas, tornando obrigatória a denúncia, logo que algum súdito tivesse notícia, mesmo vaga, da existência de um indivíduo absolutamente satisfeito da vida. E cada dia que se passava, era uma decepção nova, para o desventurado monarca da Sudolândia.

Convencidos de que os homens felizes do seu reino encobriam, por cálculo, a própria felicidade, mandou Atanásio I que fosse oferecido um prêmio vultosíssimo àquele que descobrisse um homem integralmente venturoso. E como o resultado fosse, ainda, negativo, ordenou a organização de ciladas inteligentes, que surpreendessem o indivíduo procurado.

Não houve mais um lar, uma alcova, um lugar secreto, que não tivesse a presença de um espião. Criou-se para isso uma legião especial, ajudada por uma legislação de emergência, que tudo justificava. E mal foi ela posta em vigor, quando começaram a chegar ao palácio do rei centenas de cavaleiros apressados, oriundos das partes mais diversas do reino. E o monarca principiou a ouvi-los.

— Eu encontrei — dizia, cada um — o homem que Vossa Majestade procura!

E contavam o caso, como havia sido. Estava, cada um dêles, escondido num armário, atrás de uma cortina, ou no vão de uma porta, quando ouvira um gemido de satisfação. “Como eu sou feliz, meu Deus!”, exclamava alguém, na alcova. A essas vozes, o narrador compreendera, de pronto, haver chegado o momento propício. Aquele era o homem procurado, e a sua camisa ia valer, de súbito, uma fortuna.

— E a camisa? — indagou o soberano, de repente.

— A camisa, meu senhor? — titubeavam, cada um por sua vez. — Camisa, o homem não tinha!

E de olhos baixos, numa grande verdade:

— Porque os homens, meu senhor, só abrem a boca para dizer que são felizes, quando... estão sem camisa!

E entreolharam-se, maliciosos.

## L X X I V

### OS SALTEADORES

Foi uma desgraça horrível, inominável, aquela que succedeu. Raras vezes as crônicas policiais têm registado crime tão vil ou selvajaria tão revoltante.

O solicitador do fôro, Antônio Vidigal de Sampaio, havia saído para o jôgo, deixando em casa, já recolhida à alcova, a virtuosa dona Idalina. Às onze horas a rua estava solitária, não se vendo mais, em todo o quarteirão, uma única porta escancarada. Antes de meia-noite, dona Idalina dormiu e, quando acordou, às duas da manhã, foi com o estalido sêco da porta do quarto. Às escuras, a moça procurou, tateando na treva, o comutador. E quando a luz estalou, abrindo-se, como uma rosa, na salva de ouro do *abat-jour* amarelo, foi para mostrar-lhe cinco vultos mascarados que avançaram no seu rumo, decididos a tudo.

— Pelo amor de Deus!... — pediu a pobre, juntando as mãos, o rosto desfigurado pelo terror. — Pelo amor de Deus, tenham pena de mim!...

As últimas palavras já foram ditas a custo, sob a pressão dos salteadores. Dois dêstes, dos mais vigorosos, haviam-lhe pôsto a mão à boca e aos pulsos, para que a moça não gritasse ou fugisse, enquanto os outros bandidos remexiam gavetas, malas, guarda-roupas, entrouxando o que encontravam de melhor.

Terminada a colheita, um dos miseráveis procurou beijar dona Idalina. A moça desviou a boca, mas para endireitar-se de novo, e receber outro beijo, como o primeiro. Os ladrões estavam, porém, com pressa. E era atordoados que beijavam a vítima, sem que esta se pudesse defender, e, ainda menos, sentir o menor prazer com aquelas carícias brutais. Um após outro, os celerados procuravam dar à sua prisioneira a sensação do carinho que lhe faziam. O pavor de serem surpreendidos não consentia, entretanto, que êles o fizessem direito, atrapalhando-se, uns após outros, aos olhos de dona Idalina.

De repente, a moça irritada com a brutalidade dos miseráveis, não se conteve mais. E foi com uma piedade suave, doce, verdadeiramente comovedora, que levou os olhos ao céu, gemendo, desolada:

— Perdoai-lhes, Senhor! Êles não sabem o que fazem!...

E não sabiam mesmo, os brutos.

## L X X V

### OS CONTRABANDOS

O defeito físico da família Andrade Lamago era aquele excesso de carnes da cintura para cima. As três filhas do casal, isto é, a Zizi, de vinte anos; a Lolota, de dezoito e a Nenê, de quinze, possuíam, todas, o colo tão desenvolvido, que se diria senhoras de trinta, com uma prole de quatro ou cinco pimpolhos.

— Façam massagens, meninas! — recomendavam as parentas, que as viam, ou as amigas, a quem elas se queixavam. — Vocês não têm idade para possuir um busto assim.

— Experimentem a ginástica de flexões! — aconselhavam outras.

E todas, com tristeza:

— Vocês, tão jovens, tão boas, com uma cara tão bonitinha, e com uma gordura destas. Que pena!

Efetivamente, não havia, nas redondezas, fisionomias mais doces, olhos mais lindos, bocas mais encantadoras. À janela, cada uma era um anjo. Na rua, porém,

perdiam tudo, com aquele exagêro de tecidos, que às envelhecia de quinze anos, a cada uma.

E se as meninas eram assim, dona Torquata era descomunal. Para entrar num automóvel, era preciso um conjunto de manobras que chegava a irritar os *chauffeurs*. E o mesmo sucedia nos bondes, onde, quando ela tomava lugar, chegava a incomodar, com os botões da blusa, as pessoas que viajavam no banco fronteiro.

Tudo, porém, que Deus faz, é bom, e tem o seu préstimo. Aquilo que hoje nos parece inútil, como aquela aranha do apólogo para crianças, pode, amanhã, salvar-nos a vida. E isso mesmo verificou o coronel Lamego, no dia em que as duas filhas mais velhas, a Zizi e a Lolota, foram a bordo do *Limbúrgia* receber uns parentes que voltavam da Europa.

A maior preocupação de quem regressa do estrangeiro é, como se sabe, eximir aos olhos do fisco as pequenas encomendas que traz. E pensavam nisso, exatamente, as Arruda Matos, quando chegaram a bordo as Lamego, para quem elas traziam várias compras com que a Alfândega iria, com certeza, implicar.

Metidas as meninas no camarote, saíram, de lá, pouco depois, com o colo, de si volumoso, ligeiramente aumentado. E foi

com um suspiro de alívio que, ao chegarem em casa, elas meteram a mão no decote, retirando de lá, e amontoando na mesa de jantar, nada menos de uma dúzia de guardanapos, três toalhas de mesa, uma colcha de casal, dois relógios de ouro, três pulseiras de brilhantes, além de várias caixas miúdas, com estôjos para unha e vidros de perfumaria.

Chamado a ver o “contrabando”, o velho Lamego, correu, esfregando as mãos, satisfeito:

— Bela colheita, sim, senhoras! Bela colheita!

De repente, porém, mordeu o beijo, exclamando, triste:

— Sim, senhora, senhora dona Torquata, se a senhora tem ido...

E sacudindo a cabeça, desolado, no rumo da espôsa:

— Teríamos passado a pipa de vinho!...

## L X X V I

### AS LEIS SÁBIAS

Em uma das mesas da Colombo, no primeiro andar, terceira mesa à entrada do salão, tomávamos o nosso chá, eu, o senador Abdias Neves e dois outros amigos de responsabilidade política e social, quando a chegada de um cavalheiro elegantíssimo, que nos cumprimentou amavelmente, arrancou de um dos presentes êste rugido de indignação:

— Miserável! Vem gastar aquí, de mãos abertas, o dinheiro que a mulher, a estas horas, está tirando dos outros!

Essa observação foi o ponto de partida para uma série de considerações graves, em tôrno de certos costumes mundanos.

— É horrível o que se está vendo no Rio, — observou um. — Há senhoras, sabidamente pobres, cujo luxo toda gente estranha, na rua. O marido, entretanto, fecha os olhos, e é o único que não indaga de onde vem o dinheiro para aqueles vestidos, para aquelas jóias, para aqueles chapéus. Um dia, a mulherzinha abandona a casa, arrastada pela mão misteriosa que lhe dava

tudo. E fica o espôso a arrancar os cabelos e a querer esfuracar a fugitiva com a ponta do seu punhal ou com as seis pitombas do seu revólver!

— É isso mesmo! — aparteu um.

— É isso mesmo! — secundou outro.

Foi por êsse capítulo da palestra que o senador Abdias interveio, lembrando o exemplo de um país longínquo, o reino de Laore, na Ásia, o qual tem, para a matéria, a legislação mais sábia que se conhece.

— No Laore, — começou o ilustre parlamentar, pondo açúcar na sua chícara; — no Laore, quando a espôsa é surpreendida deshonrando o espôso, a lei pune severamente o sedutor, que pode ter abusado, hàbilmente, da ingenuidade da mulher. Verificado, porém, que não se trata do primeiro amante, mas do segundo, o rigor da lei cairá sôbre a mulher, que já devia ter obtido experiência com o primeiro. No caso, entretanto, de ser o terceiro ou o quarto amante, o punido será, então, o marido, o qual já devia ter descoberto a sua deshonra desde o primeiro, ou desde o segundo.

— Admirável essa legislação! — commentou um dos presentes. — Se ela fosse adotada no Rio...

E com uma gargalhada, que reboou no salão:

— Quanto marido processado!...

## LXXVII

### SALIM CHAWKI

Quando a sabedoria popular afirmou que é nos frascos pequenos que se guardam as boas essências, pensava, com certeza, naquêle turco de bigodinho negro, e olhos côr dos bigodes, estabelecido com armarinho à rua Major Facundo, na capital cearense. Salim Chawki era, em verdade, a essência da esperteza, como não havia outro, sem dúvida, não só no Brasil, mas, ainda, em toda a Turquia.

Trazido de Beirute por um tio materno que negociava de caixa às costas, Salim chegara ao Ceará com um pouco mais de dez anos. Desde que saíra da pátria, esquecera-se, porém, de uma cousa: não crescerá mais; tanto assim que chegara aos vinte anos e, mesmo, aos vinte e oito, medindo apenas um metro de altura, sem um centímetro mais, ou um centímetro menos.

Aos vinte e cinco anos, estava o antigo pirralho de Beirute estabelecido com a sua casa de fazendas e miudezas, quando teve uma idéia: dispensar a medida de metro,

e constituir-se, êle próprio, com a altura rigorosamente certa, o padrão para a venda de chita, de morim, de rendas, de bordado, de tudo, enfim, que se compra por medida de extensão. Executado o seu plano, era frequente aquela cena.

— “Seu” Salim, — pedia uma freguesa, — me dê um metro de fita?

Rápido, expedito, olhos vivos, o turco punha em movimento todo o seu vultozinho de Pequeno Polegar, subindo a escada como um macaco, para descer, com a mesma agili-  
dade, trazendo à cabeça uma caixa quasi do seu tamanho. Feito isso, desenrolava a fita escolhida, prendia-lhe a ponta no bico da botina, levantava-a até à cabeça, marcava, cortava, e afirmava, embrulhando a mercadoria e o freguês:

— Pronto; um metro!

À semelhança do que acontecia com as fitas, fazia êle com as fazendas. E foi na propaganda dessa medida, que lhe aconteceu a desgraça.

Na mesma rua em que o turco negociava, residia um guarda municipal, cujo maior mérito consistia em ser casado com uma rapariga deliciosa, descida do Crato, na última sêca. Olhos claros, cabelos castanhos, boquita vermelha, colo moço e levantado, era um encanto. Chamava-se Balduino, e era êsse, ao que parece, o seu único

defeito. As suas qualidades eram, entretanto, muitas, e entre estas estava uma certa simpatia pelo turco do armarinho, cujos olhos negros constituíam, para a sertaneja, uma verdadeira tentação. E tanto assim, que não havia dia em que ela não fosse ao “Bazar Brasileiro”, a loja do Salim, comprar qualquer cousa, mesmo que fosse um carretel de linha ou um simples papel de agulhas.

Certo dia, porém, chegou o Pedro Balbino, o guarda, em casa, e não encontrou a mulher. Indagando dos vizinhos, soube que a Balduina havia ido ao armarinho, comprar cadarço e dois carretéis de retrós. Desconfiado como andava, correu ao “Bazar”, e espiou. Salim não estava ao balcão, nem a freguesa. Onde estariam êles? — pensou. Coração aos saltos, Pedro Balbino entrou, pé ante pé, no estabelecimento. Ao chegar à porta que dava para o interior da casa, olhou, e estremeceu, dos pés à cabeça: lá dentro, estavam, o turco e a rapariga, de pé, muito agarradinhos, tão agarradinhos que pareciam uma só pessoa.

De um pulo, o guarda varou a porta e caiu, como um raio, ao pé dos dois.

— Que é isso? — gritou, as mãos crispadas, olhos em sangue. — Que é isso?

Salim recuou um passo, endireitando-se todo.

— Eu? — gemeu.

E a voz trêmula:

— Eu estava... medindo... sua...  
mulher!

Pedro Balbino mordeu o beijo, com raiva. Lembrou-se, porém, de súbito, que era um dos aferidores de pêsos e medidas, e aferiu, no mesmo instante, o Salim, com quatro facadas, multando-o, ainda, em quinhentos mil réis, por ter alterado, em seu proveito, o padrão métrico-decimal.

## LXXVIII

### O GLUTÃO

(SÔBRE UM CONTO DE ATENEU)

Grande, alto, bojudo, cara de melão, papada descendo sôbre o peitilho da camisa gomada, Policarpo Viana Júnior tinha fama de ser, no seu tempo, um dos homens que melhor se sabiam tratar no Rio de Janeiro. A sua mesa, era das mais fartas e famosas. Os seus almoços eram verdadeiros banquetes, e, se alguma vez fazia as refeições fora de casa, era para escandalizar os outros convivas com a abundância e variedade do cardápio.

A propósito do seu apetite, corriam, então, as lendas mais extravagantes. Contava-se que o seu café, pela manhã, era ajudado de carnes frias e latas de sardinha, e que êle possuía um criado para lhe preparar, às quatro da manhã, um picadinho de carne sêca com ovos. Havia quem o tivesse visto comer um leitão assado e vinte e quatro mangas de sobremesa, e quem acrescentasse, mesmo, que, após êsse almô-

ço, tomara, ainda, quatro chécaras de café com leite, com três pães de dois tostões.

À parte os exageros, as mentiras, as invencionices, Policarpo Viana era um homem que sabia comer. Quem o visse triturar entre os dentes uma asa de borracho ou de frango, sentia, logo, vontade de ajudá-lo. Éle punha na mastigação a arte, o gôsto, a volúpia, que outros põem ao beijar uma mulher encantadora, ou que patenteia o usurário ao apertar nas mãos, gananciosas, um punhado de moedas antigas.

Não obstante o seu tamanho, era o illustre glutão mais conhecido, no Rio, pelo apelido doméstico de Vianinha. Era por éle que o illustre homem de negócios acudia, quando passava, à tarde, pela Avenida ou pela rua do Ouvidor, carregando o seu ventre de tonelada e meia e agitando na mão, onde um brilhante enorme faiscava, o grande lenço de sêda clara com que enxugava a sua vasta cara de melancia.

Certo dia, os jornais da tarde espalharam uma notícia contristadora: ao almoçar, em casa, com alguns amigos, o Vianinha se sentira súbitamente mal, tendo interrompido a refeição para ser recolhido ao leito. Apesar da divergência entre os médicos, parecia tratar-se de uma intoxicação, atribuída a uma garoupa de forno de que éle havia comido a metade.

Bondoso, gentil, atencioso com toda a gente, Policarpo Viana Júnior era estimadíssimo. E daí a repercussão da notícia, e a romaria que começou em direção à elegante vivenda da rua Delfim, onde o enfermo ansiava, pálido, as olheiras fundas, suando como uma esponja espremida, e com o ventre a descer, e a subir, como uma onda de ressaca.

Às sete horas da noite, as síncope começaram a precipitar-se, afastando a hipótese de qualquer sucesso da medicina. O coração tornou-se mais fraco, mais irregular, aprestando-se para um colapso. E foi prevendo um desenlace repentino, e sabendo que o enfermo não tinha podido pôr os seus negócios em ordem, que o dr. Belmiro Valverde, médico da família, resolveu prepará-lo para o golpe final.

— O seu estado, sr. Viana, pode agravar-se, — começou o ilustre homem de ciência, cauteloso; — seria conveniente, por isso, que o senhor desse à sua família as ordens que achasse necessárias, afim de serem cumpridas.

— Eu sei, doutor, — ansiou o enfermo, percebendo nas entrelinhas o que o médico lhe queria dizer. — O senhor me aconselha que eu exponha as minhas últimas vontades... Não é?

Um silêncio de todos foi a confirmação daquela consulta.

— Pois bem, — tornou Vianinha, num esforço; — eu vou manifestar os meus últimos desejos.

E estertorando, a língua pesada:

— Tragam... o resto.. da garoupa...

## LXXIX

### DEPOIS DA ENCHENTE

Foi uma desgraça inominável, aquela. Mal se haviam casado, e ainda com a lua de mel em quarto crescente, começara o tenente Correia Bordalo a meter-se em pândegas, desertando o leito conjugal. Noites e noites chegava êle em casa já de madrugada, e, às vezes, quasi ao amanhecer, com os olhos empapuçados, a boca amargando, o colarinho amarrotado, a gravata fora do lugar. E dona Antonieta não fazia outra cousa, coitada! senão chorar, lamentar-se baixinho, confiando o seu infortúnio à discreção macia dos travesseiros.

Não há mágua de amor, entretanto, que caiba, inteira, num coração. Alma infortunada é copo completamente cheio, em que cai, de instante a instante, uma gota de chuva, que o faz transbordar. Foi isso que succedeu a dona Antonieta, cujo sofrimento, incontido, passou a derramar-se, em confidências soluçadas, no seio generoso da sua madrinha de batismo, a boa e santa dona Matilde da Veiga, viúva do saudoso almi-

rante Veiga, o famoso herói da ilha dos Cabritos.

— A minha vida, dindinha, — chorava a pobre senhora, apertando um lençol de encontro aos olhos; — tem sido um suplício, um martírio, um desespêro!

E confessava:

— O Adelino não me quer, nunca me quis. O casamento foi, para êle, um capricho, uma loucura, de que, agora, se arrependeu. Tanto assim, que não se importa mais comigo, não dorme em casa, havendo semanas e semanas em que não o tenho a meu lado!

E desatando em chôro:

— Eu sou uma infeliz, dindinha; eu sou uma infeliz!

— Sossega, minha filha, sossega! — pedia a velha senhora, penalizada.

E, acariciando-lhe os cabelos escuros, ondulados, macios como se fossem de sêda:

— Tu tens sido sempre dedicada a êle; não é assim?

— Dedicadíssima! — afirmou a moça, sem conter os soluços.

— Pois bem! — tornou a outra. — Sossega. Sossega, que êle voltará aos teus braços.

Olhou em tórno, como em busca de uma inspiração, e acentuou:

— Os homens que são sinceramente amados pela espôsa, minha filha, são como os rios que transbordam, e inundam os campos.

E com um risinho de malícia:

— Um dia, minha filha, êles voltam ao leito...

## L X X X

### A VACINA

Dora Sampaio, a formosíssima doidivas que tanto perturbava a cidade com a sua beleza provocante, acabava de espreguiçar-se, às onze e meia da manhã, quando a criada entrou no dormitório.

— Quem é, Antonia?

— É um doutor da Saúde Pública, que quer falar com a senhora.

— Comigo?

— Sim, senhora.

O ninho daquele gracioso canário humano era uma gaiola de ouro forrada de sêda e ornamentada com o que havia de mais fino, de mais caro, de mais distinto, em matéria de mobiliário. De pau setim, incrustados de bronze, a cama, o toucador, as mesas de cabeceira, constituíam verdadeiras obras de arte. Um serviço completo de prata e uma bateria de vidros de cristal da Boêmia faiscavam sôbre o mármore rosa do *toilette*. No chão, tapêtes fôfos, peles de animais do polo ou dos desertos adus-

tos, esperavam, humildes, a carícia daquelles pés pequeninos.

— Esse doutor é velho ou moço? — indagou a rapariga, recompondo os cabelos, e mergulhando a flôr dos pèzinhos miúdos na estufa de duas sandálias de sêda.

— É moço. É assim como o dr. Mirandinha; sabe?

— Dize-lhe que espere um pouquinho, vou já.

Cinco minutos depois, empoada, perfumada, resplendente de mocidade, aparecia na sala de espera, modelada pelo seu mais lindo quimono azul, com cegonhas vermelhas, aquela risonha aurora de carne. Escorregando ligeiramente pelo ombro, a sêda do vestuário deixava patente, como uma promessa, um colo que era um encanto e umas espáduas que eram um deslumbramento. A boca, sem o artifício do *rouge*, era uma rosa fresca, desabrochada naquele instante. Toda ela era graça, beleza, sorriso, provocação.

— Bom dia, sr. doutor! — saudou, estendendo ao rapaz, num gesto de abandono, a mão fina, branca, suave como uma pétala.

O jovem médico oficial resmungou um cumprimento, em que havia um pouco de desprêzo. ou, talvez, de perturbação.

— Eu vim aquí, minha senhora, para vacinar as pessoas da casa. Espero que não

porá o menor obstáculo a essa medida preventiva, cuja utilidade não desconhece.

Dora avivou o seu sorriso permanente, tornando-se mais tentadora.

— Pois, não; com muito prazer, doutor. E chamando para dentro:

— Maria? Paulo? Antônia? Tomázia?

Desarrumada a maleta, que um “mata-mosquitos” carregava, dispôs o médico sobre uma pequena mesa o algodão, o álcool, a pinça, o tubo de vacina, e, à medida que os criados apareciam, ia-os vacinando, um a um, na parte superior de cada braço.

— Lili não precisa... Não é, doutor? — indagou, rindo, a mundana, pondo ao colo uma cadelinha *loulou*, muito limpa, muito branca, ressoante de guizos.

— Não, senhora, — respondeu, sêco, o discípulo de Carlos Chagas.

Vacinada a Antônia, que foi a última criada a apresentar o braço à inoculação, o médico indagou:

— E a senhora?

— Eu? — sorriu Dora, pondo no tapete a Lili. — Ah, doutor! só com uma condição! É que o senhor me vacinará num lugar que ninguém veja o sinal!

O médico franziu a testa.

— Minha senhora, — acrescentou — eu desejaria muito cumprir o seu desejo, mas...

E com um sorriso de ironia, que lhe arrebitava, de leve, o canto do lábio:

— Onde será êsse lugar?

Dora Sampaio baixou a cabeça, triste:

— Tem razão, doutor.

E com amargura, de si, consigo, como quem passa em revista, de súbito, toda a sua vida de perdição:

— Onde será êsse lugar?

## L X X X I

### A REVOLTA DA FORTALEZA

Dois dias antes da rebelião no forte de Copacabana, estava o dr. Galdino Godinho no seu cartório da rua do Rosário quando um telegrama lhe annunciou a chegada, à noite, de sua prima Julieta, que vinha de São Paulo, onde acabava de perder o marido num desastre de automóvel.

— É o diabo! — exclamou o conhecido tabelião. — Levá-la para um hotel, não fica bem; hospedá-la em minha casa, seria um escândalo, uma vez que estou sòzinho e com a família toda em Teresópolis.

Após uma série de conjecturas, resolveu o notário arrostar os perigos da maledicência pública e, à noite, entregava o seu palacete da Avenida Atlântica à encantadora viúvinha recém-chegada.

Julieta Amorim andava pelos vinte e oito anos e era uma dessas criaturas que, sem serem bonitas, se tornam, de pronto, perigosas. Era morena, um pouco pálida, de grandes olhos negros e com uma boca muito vermelha que duas fieiras de dentes

pequeníssimos ornamentavam com certa graça. Como não tinha tido filhos, possuía um busto forte, sadio, desafiante, que ela punha em relêvo constante com umas blusas de decote em V, cuja extremidade inferior patenteava, como uma promessa, o vale caricioso de que falam desabusadamente os poetas.

Na madrugada de 4 para 5 de julho, estava, assim, a viúva Amorim na residência do primo, quando o forte de Copacabana fez o primeiro disparo. Nos armários, na despensa, na cozinha, a louça, os copos, os cristais, tilintaram ruidosamente, como num terremoto. Dois vidros das janelas, no andar superior, estalaram, vindo rebentar em baixo, no jardim, multiplicando os pedaços. Alarmada com o barulho, a viúva atirou-se do leito, em camisã, como estava, correndo a abrigar-se no quarto do primo, que já se achava de pé, amarrando os cordões do pijama.

— Nossa Senhora! — gemia a moça, muito pálida, batendo o queixo de terror.

Um segundo tiro, disparado nesse instante, deu a entender a Galdino Godinho que se realizava, finalmente, o boato político, circulante há alguns dias.

— É a revolta! — exclamou, franzindo a testa, como quem acaba de apreender

a gravidade excepcional de um momento. — E o melhor é fazermos como se fazia em Paris durante a guerra: irmos para o porão, que é subterrâneo, e onde não chegarão, absolutamente, as granadas.

Minutos depois, riscando fósforo sobre fósforo, chegavam os dois ao grande salão de cimento que havia abaixo do nível da rua, e que servia, apenas, de depósito de malas. E aí ficaram, até o alvorecer, sentados sobre um colchão abandonado, marcando com um abraço de solidariedade no perigo cada bala vomitada pela formidável fortaleza da praia.

Ao amanhecer, ficaram unidos ainda muito tempo, esperando novos tiros; e foi com verdadeira desolação que dona Julieta partiu, horas depois, para Teresópolis, lamentando, intimamente, que a guarnição do forte não fosse mais pródiga no consumo da munição.

Dois meses depois dêsse episódio, succedeu chegar de novo ao Rio, vinda de São Paulo, aquela mesma Julieta de 4 de julho. E, por uma coincidência, chegou exatamente na ausência da família do notário, que não regressara ainda de Teresópolis. Acolhida como da primeira vez, teve para dormir o mesmo quarto, recolhendo-se o dr. Galdino, como de costume, ao dormitório do casal.

As horas avançavam, e o bairro inteiro dormia, embalado pelo oceano. E o tabelião, como toda a gente, dormia também, quando ouviu, devagarinho, umas pancadas na porta do quarto.

— Primo!... Primo!...

— Que é?... Que é?... — indagou, assustado, o dono da casa.

E Julieta, do lado de fora, a voz muito branda, muito terna, muito doce:

— A fortaleza hoje não se revoltou?

## LXXXII

### A PATRÔA

Uma virtude que vai desaparecendo na família brasileira, é a superioridade, a altaneria, a maneira senhorial por que as senhoras de sociedade tratavam as suas criadas. Entre a patrôa e as serviçais, as mais catalogadas, havia sempre um valo profundo, sôbre o qual não se lançava, jamais, a ponte da intimidade. E é essa separação, êsse respeito, que vai desaparecendo com as relações quasi fraternais existentes, hoje, entre certas donas de casa e a arrumadeira, a governante, ou a ama sêca dos filhos.

Essa nova situação do ambiente doméstico foi originada, segundo se diz, pela necessidade que tinham certas senhoras de possuir uma confidente; e daí o pé de igualdade em que ficaram, de repente, patrôas e empregadas, e de que é fruto essa crise curiosa do lar em que impera a formosíssima dona Carmela, espôsa jovem e encantadora, do engenheiro Cunha Bôto.

Há dois ou três anos, admitiu dona Carmela como arrumadeira uma criadinha por-

tuguesa, que era, realmente, um modelo de formosura. Na flôr da idade, toda ela era encanto, meiguice, tentação. Às vezes, estava a rapariguinha debruçada sôbre o gavetão do guarda-vestidos, quando a moça corria para ela e, suspendendo-a por debaixo dos braços, dava-lhe, de repente, um beijo no pescoço. A portuguesita, a princípio, ria-se, achando graça. Depois, porém, começou a achar exageradas aquelas carícias, até que, um dia, reclamou aumento de ordenado.

— Quanto queres ganhar? — perguntou a moça, tomando-lhe nas mãos o rostinho rechonchudo.

— Cem mil réis.

— Pois, de hoje em diante, terás cento e cinquenta, mas com uma condição: tu ficarás mais tempo aquí em cima, arrumando a roupa.

Francisquinha, a portuguesita, aceitou a proposta. E o resultado foi estabelecer-se entre patrôa e criada uma amizade tão íntima, tão estreita, que se tornava objeto de comentários e, mesmo, de risota, entre os outros serviçais.

Certo dia, afinal, rebentou um escândalo no quarteirão: o dr. Cunha Bôto havia fugido, à noite, com a Francisquinha! Verificado o fato, dona Carmela só faltou morrer de desespero. E foi com os olhos incha-

dos de chorar que correu à Polícia, pedindo providências.

— Eu quero, doutor, — disse, chorando, ao delegado, — eu quero que tragam à minha presença, de novo, aquele coração de ferro, aquele monstro de ingratidão! Se a Polícia não me fizer isso, eu morrerei de dôr, de angústia, de tortura!

— Deixe estar, minha senhora, — consolou-a a autoridade; — deixe estar, que seu marido voltará aos seus braços.

— Como, doutor? — exclamou a moça, interrompendo os soluços. — Meu marido? Quem falou em meu marido?

E prorrompendo, de novo, em choro.

— Eu quero é... é... é... a Francisquinha!...

## LXXXIII

### O INOCENTE

A alma que foi pedir, naquela tarde, o seu lugar no Paraíso, era quasi invisível. Media, talvez, um milímetro, e nunca se tinha visto outra igual desde que São Pedro tomara conta, por decreto, das santas chaves do Céu. Ouvindo-a bater de leve, o chaveiro acorrera, solícito:

— Que deseja, meu filho?

— Entrar, meu padre! — gemeu o desgraçadinho. — Apesar de não ter sido batizado, a minha condição de inocente assegurara-me um pequeno lugar entre os anjos.

— Você? De quem você é filho? — tornou o apóstolo.

— De dona Mariazinha Broxado e do marido, o tenente Apolônio.

— Mas, eles chegaram a ter filhos? — indagou, intrigado, o porteiro celeste.

E coçando a barba, franzindo o beijo:

— Não me consta...

Aquela dúvida do santo atrapalhara de algum modo a pequenina alma recém-che-

gada. Ela procedia da terra, da qual se não lembrava muito. Do corpo em que habitara, não tinha, realmente, lembrança. Como poderia, pois, justificar-se convenientemente, para conseguir admissão no sagrado recinto?

Grave, não obstante a sua boa vontade, o apóstolo coçava o queixo venerável. Os documentos daquela santa alma não estavam, positivamente, em termos. Poderia êle, porém, duvidar da sinceridade do portador, tão ingênuo, tão doce, tão cândido?

Asas de mosquito fechadas ao longo do corpo minúsculo, o pequenino ente aguardava a deliberação do santo porteiro, quando êste o interrogou, de novo:

— Diga-me uma cousa, filho: quando foi que você nasceu?

Essa pergunta perturbou, de leve, a pequenina alma sem pecado. A falar verdade, ela não se lembrava de ter nascido.

— Não se lembra? — tornou São Pedro.

— Não, senhor, meu santo.

— E não se lembra quando morreu?

O recém-chegado fez um esforço de memória, e informou:

— Eu? Eu morrí no Dilúvio!

E com os ingênuos olhos no rosto do santo:

— Era água, meu santo, água que não acabava mais!

Um riso bom, e largo, iluminou o rosto ao chaveiro. E foi cofiando a barba respeitável que ordenou, bondoso:

— Entra, filho; entra...

E continuou a rir, compreendendo tudo.

## LXXXIV

### A PREGUIÇOSA

Retirada aos quinze anos do Colégio Sion, onde os seus hábitos aristocráticos não se haviam conformado com a severidade da educação, Sinhàzinha Prates era mais uma boneca do que, pròpriamente, uma mulher. Ao acordar de manhã, entrava-lhe no quarto de dormir uma criada, com a escôva de dentes, a água aquecida, o dentifrício e a chícara de café. Após o banho morno, em que uma empregadinha a ensaboava, a arrumadeira a vestia, passando a moça para outro gabinete, onde lhe ordenavam os cabelos castanhos, lhe puliam as unhas e lhe tratavam dos pés. Ao meio-dia, enfim, descia aquele *bibelot* humano para a sala de almôço, fazendo o pai o seu prato e, quasi, lhe pondo à boca um pedacinho de cada manjar.

Ao entardecer, trazia-lhe o *chauffeur* o automóvel para o passeio; e, à noite, ao regressar, entregava-se toda às criadas, que lhe tiravam o chapéu, os sapatos, as jóias,

o vestido, as meias, preparando-a para o jantar e, em seguida, para dormir.

Um dia, Sinhàzinha casou-se. O marido, advogado opulento, possuía dinheiro para todas as modalidades do seu capricho. E tais vontades lhe fazia, que a moça não deu, sequer, pela falta do coração do companheiro, roubado, de súbito, por uma das suas costureiras.

Dez anos passaram os dois assim, um estranho ao outro, vivendo cada um para seu lado. Ao dr. Antunes Mendes, repugnava, sinceramente, aquela coquetaria da mulher. Sinhàzinha não fazia nada, em casa. O chapéu, mesmo, com que devia sair a passeio, era pôsto na sua cabeça pela mão da criada. Era a indolência viva, a preguiça humanizada, a galanteria elevada ao último grau, na escala ascensional.

Certo dia, porém, morreu a coquetíssima Sinhàzinha. Morreu, foi enterrada, e confiada à fome dos vermes. E, anos depois, falecia o marido, que foi sepultado no jazigo da família, ao lado da "cara" metade.

Há destinos, entretanto, que perseguem a criatura, mesmo na morte. E o de madame Antunes Mendes foi um desses. Enquanto os restos mortais do marido repousavam, quietos, no fundo de um jazigo, foram os dela removidos para uma pequena urna, onde a mão de uma sobrinha os amon-

toou, sem ordem nem classificação, pondo a tíbia perto da caveira e a costela ao lado dos ossos do pé.

Assim atirados à margem da vida, não sentiram, Antunes Mendes e a sua Sinhazinha, a passagem dos dias, dos anos, dos decênios, dos séculos. E dormiam, separados, indiferentes à marcha do tempo, quando estremeceram no silêncio da morte, ao clangor de uma trombeta que sacudia as entranhas da terra.

— É o Juízo Final! É o Juízo Final! — gritavam, trêmulos, à face do planeta e debaixo do chão, vozes amedrontadas, de vivos e de mortos.

Um arrepio de pavor passava por todas as cousas. Arrebentando as campas, esqueletos saíam, chocalhando os ossos, arrastando as mortalhas dilaceradas. E, no meio dêstes, estava o de Antunes Mendes, que procurava abrir o ossuário, em que jaziam, de mistura, os despojos da mulher.

Escancarada a urna fúnebre, notou o antigo advogado que os ossos da espôsa se mexiam, misturados, sem saber como se ajustassem uns aos outros. Falanges e falangetas se ligavam, ora ao crânio, ora ao fémur, ora às tíbias, para se despregarem outra vez, procurando nova adaptação. Sentia-se que haviam perdido a consciência

da sua forma primitiva, e que se atrapalhavam, aflitos, na ânsia da reconstituição.

Impressionado, órbitas sem olhos, o esqueleto de Antunes Mendes olhava, dentes de fora, a atrapalhação daqueles ossos desarrumados. E estava para fechar a urna, quando a dança macabra cessou, e a caveira de Sinhâzinha, movendo os dentes amarelados, suplicou, num gemido de desânimo:

— Chama a arrumadeira... Sim?

## L X X X V

### OS MATERIALISTAS

Uma convicção errônea que têm em geral, os maridos jovens, é a de que as espôsas os querem apaixonados, ardentes, explodindo de desejos. Achrom êles que, se não fizerem isso, a moça amaldiçoará o matrimônio, que considerará, nesse caso, a pior das decepções. Daí o hábito, que adquirem, de importunar a companheira, a todo instante, com os seus beijos, com as suas carícias, com a manifestação, nem sempre delicada, da sua paixão irrefreável.

A esses imprudentes deviam ser ministrados conselhos proveitosos, bebidos na experiência e baseados, em esferas mais altas, no conhecimento da psicologia humana. Antes de ser a espôsa, a mulher era a criança, a virgem sonhadora, a criatura inocente. E dessa vida de sonho, de espiritualidade, de elevação moral, restarão sempre na sua alma os vestígios, que são, no caso, as penas do anjo da castidade.

Materialista e grosseiro, o dr. Pinto de Castro era um desses maridos que julga-

vam a própria espôsa pelo temperamento das mulheres que conhecera nas suas noites de boêmio. Carícias, ternuras, delicadezas, êle só as conhecia de um gênero. E é de imaginar a tristeza que isso causava à alma sensibilíssima de dona Mariazinha, que se via obrigada a ser, embora com repugnância, aquilo que o marido supunha que ela era.

Para que se imagine, entretanto, o que se tornara a vida íntima da desventurada senhora, basta contar o que ocorreu, naquela tarde, na presença da viúva Souza Botelho, que fôra visitar o casal. Anunciada a visita, e introduzida no salão de recepção, correu dona Mariazinha a beijar a velha amiga, enrolando, ainda, pelo caminho, a cabeleira farta, que se havia despregado momentos antes. E na sala, conversando com a viúva, não se sentou: andava de um lado para outro, escondendo o bico do sapatinho no tapête carmesim, quando não se encostava ao piano, para ouvir, de pé, o que lhe dizia a visitante. Em certo momento, porém, esta estranhou, num sorriso:

— Senta-te, filha! Que é isso? Não te sentas mais?

Mariazinha sorriu, brejeira, e desculpou-se:

— Não, senhora; obrigada.

— Mas, assim tu te cansas, menina! — tornou a velha.

E Mariazinha, maliciosa:

— Não, senhora; não é preciso.

E olhando o marido, que entrava no salão, vindo do interior da casa:

— Eu fico assim em pé, para descansar... Sabe?

E deu um beliscão no bruto.

## LXXXVI

### O ARGUMENTO DE HARPAGÃO

Não obstante as afinidades de sangue por serem primos, o coronel Abelardo Marinho era, como filósofo, a antítese completa do dr. Bartolomeu de Carvalho. Beirando a mesma idade, nascidos na mesma terra e procedentes de pais nas mesmas condições de fortuna, haviam êles partido por estradas tão diferentes, em rumos tão opostos, que, aos quarenta e oito anos, o coronel possuía quatro mil contos em prédios e apólices, ao passo que o seu parente se debatia nas unhas dos credores, negociando com êles os seus setenta contos de dívidas. Abelardo e Bartolomeu eram, porém, amigos, e como estavam, um e outro, satisfeitíssimos com os respectivos destinos, discutiam, frequentemente, os seus processos de orientação, como sucedia naquela tarde.

— A tua vida — afirmou Bartolomeu ao usurário, — é um insulto à face do céu. Não vais a um teatro, não dás um passeio de automóvel, não beijas uma mulher bonita. Amontoas dinheiro, e limitas a isso a tua função humana.

E virando um cálice de licor:

— É ignóbil o que fazes!

Brincando com a corrente azinhavrada de um relógio hipotético, sorriso pacífico no carão redondo, opilado pelo uso de alimentação defeituosa, o agiota ouvia o parente. e retrucava, sem pressa:

— Eu sei disso, filho; eu sei disso. Mas, em compensação, não tenho credores que me batam à porta, passo de cabeça erguida por todas as ruas da cidade, e durmo, todas as noites, sem pensar no almôço do dia seguinte. A minha vida é monótona, mas é sossegada.

Arrogante, pernas cruzadas, charuto ao queixo, o dr. Bartolomeu contrastava, naquela mesa de café, com a humildade de roupas e de maneiras do primo. E foi com essa arrogância, tão irritante, mas tão natural, que procurou confundir o outro:

— Amontoar dinheiro, como o fazes, é desvirtuar os fins dêsse mesmo dinheiro. O dinheiro foi feito para girar, para circular, para percorrer o mundo, e não para ser enclausurado em uma gaveta, em um cofre, em um subterrâneo, como o teu.

E como se tivesse encontrado um argumento irrefutável, para convencer o Harpagão:

— A própria forma da moeda está mostrando o destino do dinheiro. A moe-

da é um símbolo: quando a fizeram redonda, circular, como uma roda de bicicleta, de carro, de automóvel, foi para que ela girasse, corresse, viajasse, percorrendo todas as mãos. Compreendes?

O usurário deixou que o primo falasse à vontade, e, quando êste fez silêncio, fulminou-o, sem se alterar, com um sorriso brejeiro:

— É verdade tudo isso. A moeda é circular para que possa correr; mas, também, é chata, para um dia ficar parada.

E apagando o cigarro meteu-o, de novo, na algibeira...

## LXXXVII

### O TÊRÇO

Quando o Eufrásio chegou aos dez anos, a mãe declarou, com a convicção das criaturas piedosas:

— Tu vais ser padre. E Deus não há de permitir que eu morra sem te ouvir cantar a missa nova!

A datar dêsse dia, a vida do menino mudou completamente. O papagaio, o pião, a bola de palha de milho, foram abolidos da lista dos seus brinquedos. Em vez de ir, de manhã, ao mercado da vila, brincar com os garôtos da sua idade, passou a frequentar a igreja, a sacristia, a casa do vigário, de onde voltava sempre com um santinho, um ramo bento, um rosário ou um livrinho de reza. Parecia-lhe, na sua imaginação, que já era um sacerdote, e privava-se, por isso, espontâneamente, de todo o divertimento que estivesse em desacôrdo com a sua nova situação. Despeitados e sacrílegos, os antigos companheiros davam-lhe, já, o nome de padre Eufrásio. O pequeno erguia, porém, os ombros, simulando indiferença,

sentindo, entretanto, intimamente, uma inexplicável satisfação.

Não quis, no entanto, o céu, que a Religião possuísse um servidor tão sincero, e que dona Engrácia ouvisse, antes de morrer, a missa nova do filho: a virtuosa senhora sucumbiu, uma noite, repentinamente, deixando ao Eufrásio, apenas, um livro de orações, um têrço, e alguns santos no oratório. E foi com êsses bens que o menino passou, aos doze anos, para a casa do tio Abel, cujo primeiro cuidado foi recomendar-lhe que pusesse de parte a idéia de ser padre e tratasse, quanto antes, de cousas mais práticas, mais certas, mais utilitárias.

Convencer-se de que não podia vestir batina foi cousa fácil ao sobrinho do tio Abel. O que, porém, ninguém modificou, foi a sua tendência religiosa patenteada no amor aos livros sagrados, às orações prestigiosas e santas, que eram ditas por êle, no seu quarto, com a mais compungida devoção.

Era essa a vida que levava o rapaz na casa dos parentes quando, um dia, chegado êle aos vinte e dois anos, o tio propôs o casamento com a filha única de um amigo seu, do qual a menina seria herdeira incontestável e universal.

— Titio acha que eu me devo casar?  
— indagou Eufrásio, sem levantar os olhos.

— Então? Eu não te estou propondo um casamento? — observou o velho.

E ao fim de dois meses, casava-se, com elegância discreta, o Eufrásio Mendonça Moreira com dona Maria Felisberta Gonçalves da Silva.

Maria Felisberta ou, antes, Mariquinhas, não era, positivamente, mulher para o Eufrásio. Antes: era mulher demais. Educada longe dos olhos maternos, que lhe haviam faltado muito cedo, habituara-se a liberdades excessivas, frequentando bailaricos do bairro e debruçando-se, aos gritos, como uma doida, nas arquibancadas de futebol. Era, mesmo, mais velha um ano que o marido, e esta circunstância, aliada ao volumoso do dote, contribuía para que ela tivesse sobre o espôso uma ascendência quasi tirânica.

Desde a primeira noite de casamento a rapariga verificara que o Eufrásio não era, também, o espôso dos seus sonhos. Mal entrava na alcova nupcial, agarrava-se o rapaz com o têrço, que descaroçava horas e horas, até que, cambaleando de sono, se deixava cair para um lado, dormindo até de manhã.

Furiosa com o misticismo do marido, a Mariquinhas imaginou, um dia, prègar

uma peça ao santarrão: escondeu, bem escondido, o têrço, e deitou-se a dormir, aguardando os acontecimentos. Ao recolher-se, o beato procurou, debalde, a relíquia. E como não a achasse, perguntou à mulher:

— Mariquinhas, tu não viste meu têrço?

— Não, filho, não vi. . . Onde estava?

— Estava aquí, no espêlho da cama.

E desolado:

— Agora, como há de ser?

Pela primeira vez, Maria Felisberta achou que devia interferir na vida do marido. E sugeriu:

— Por que tu não rezas guiando-te pelos meus sinais?

Efetivamente, a lembrança era boa. Por uma coincidência curiosa, Maria Felisberta possuía no colo, até muito embaixo, um rosário de sinaizinhos, que bem podiam suprir, sob os dedos católicos do Eufrásio, a falta repentina do têrço.

— É verdade! — aplaudiu o pamonha. — Pode servir!

E começou a murmurar os padre-nossos, as ave-marias, as salve-rainhas, desfiando sob os dedos puros a série de pontinhos negros que enfeitavam, como uma constelação pequenina, o corpo maravilhoso da rapariga.

À medida, porém, que os dedos do rapaz se transferiam de um sinal para outro, sentia a moça um *frisson* delicioso, que a integrava, quasi, na doçura religiosa do ato. E tal foi a ação benéfica daquela carícia, que, quando o marido se quis benzer, encerrando a piedosa penitência, foi ela quem gemeu:

— Eufrásio?

E quasi desfalecendo:

— Quando você reza o têrço, não beija a medalha?

## LXXXVIII

### PRÊMIO DE VIAGEM

O velho capitalista não era um indivíduo sem dignidade: era, apenas, um filósofo, um homem que compreendia a vida a seu modo, e que lançava uma ponte de ouro toda a vez que encontrava um pântano no seu caminho.

Herdeiro da primeira espôsa, que escolhera idosa, e que lhe aumentara grandemente a fortuna, resolvera êle recuperar o tempo consumido com ela indo buscar para segundas núpcias, nas camadas elegantes da sociedade, uma companheira mais moça do que êle nada menos de trinta e dois anos. E o casamento fez-se no Rio mesmo, com enorme barulho dos jornais e dos amigos, para que o ruído da amizade abafasse, generoso, os comentários do despeito.

Adelina, a jovem espôsa do capitalista, era o tipo oficial da melindrosa. Pequena, magrinha, esguia, guardava nos olhos lânguidos um cansaço, uma fadiga, uma tristeza, verdadeiramente acabrunhadores. Não fossem o estabranamento dos seus mo-

dos e o movimento nervoso do seu andar, e dir-se-ia uma eterna convalescente, necessitada, sempre, dos cuidados médicos. Repousada, parecia, a quem a visse, uma colegial. Andando, era o demônio em movimentos, era o piton humanizado, era a serpente de saias, a procurar, inquieta, as derreadeiras maçãs do Paraíso.

Confiante e bondoso, o marido concedia-lhe absoluta liberdade de trânsito: mme. Augusto Ventura ia onde bem lhe parecia, frequentando, sòzinha, os chás, os cinemas, os clubes esportivos, onde jogava o tennis tardes inteiras com raquetas de empréstimo e bolas que não eram, absolutamente, do marido. Depois de um ano de casado, uma carta anônima levou, enfim, ao conhecimento do desgraçado o que se dizia pela cidade, onde o seu nome andava pelas sargetas de mistura com todas as imundícies urbanas.

Para o ancião, o golpe fôra tão grande como aquele que tivera, anos antes, ao perder mil e oitocentos contos em uma desastrosa transação de café. E foi com o mesmo espírito de homem de comércio que êle encarou a situação, disposto a resolvê-la prontamente, sem melindre da sua dignidade.

Outro marido que não Augusto Ventura teria, com certeza, pensado em uma viagem. O mar, a vista de outra gente, o

contacto de outros povos, o espetáculo de novas paisagens, tudo isso contribuiria para tranquilizar o seu coração, tirando-lhe a mancha de lodo que êle, modesto, atribuía à sua própria leviandade. Negócios urgentes reclamavam, porém, a sua permanência no Rio, e, como o essencial era afastar a Adelina do seu amante, o melhor seria mandar para fora o rapaz, ficando a mulher na cidade. Essa solução, além de cômoda, tinha a conveniência de impedir suspeitas e comentários, que surgem, sempre, quando o marido de uma senhora elegante sai com ela, de repente, a correr mundo...

Tomada essa deliberação, molhou o capitalista a pena de ouro no tinteiro de prata, e concertando o estilo do melhor modo, mandou para os jornais a seguinte nota:

#### AVISO

Um marido enganado, homem de brio, previne ao sedutor de sua espôsa que pode ir à Agência do Lloyd Holandês receber a sua passagem para a Europa, no *Limbúrgia*, que sai domingo. Se êle não embarcar, o espôso ultrajado mata-lo-á segunda-feira.

Avisada a Agência, onde o capitalista possuía um amigo íntimo, de que podia fornecer passagem a quem a procurasse em

seu nome, ficou Augusto Ventura descansado. Segunda-feira, porém, abrindo a correspondência, quasi cai para trás, ao ler a conta da companhia de navegação.

Tinham seguido viagem, por sua conta, 41 passageiros de primeira classe, 17 de segunda e 94 de terceira!

## LXXXIX

### FRASE FEITA

Um relógio da vizinhança começou a dar as suas horas, que tombavam do tímpano como gotas d'água numa bacia.

— Sete horas? — exclamou a linda senhora, sentando-se rapidamente no divã da *garçonnère*.

— Sete horas? — indagou, com o mesmo gesto assustado, o Heitor de Figueiredo, rapaz elegante, mundano, conquistador, que alí se encontrava todas as segundas-feiras com aquela flôr de carne, que era mme. Pereira de Arrais.

E como o relógio de pulso da moça e o de algibeira do seu namorado confirmassem a sentença do cronômetro do vizinho, principiaram os dois a recompor-se apressadamente, procurando em tumulto as peças do vestuário.

— O meu véu, onde está? — perguntava a moça, atordoada, sacudindo do divã e das cadeiras circunvizinhas colchas, toa-lhas, guardanapos, enfim, o que neles havia.

Ajoelhado no tapête, o colarinho desabotoado de um lado, a gravata arrastando, o rapaz espiava para debaixo da cama:

— Ora, esta! — rugia, perdendo a paciência. — Aonde se teriam ido meter os meus sapatos?

Ao cabo de algum esforço, encontrou-os: estavam debaixo de um lençol, que êle próprio atirara para um canto. Calçou-os, e olhou para a moça.

— Pronto?

— Eu estou pronta, — informou a linda senhora, amarrando a *voilete* diante do espêlho. — Vamos!

A êsse convite, Heitor de Figueiredo procurou os óculos, remexendo sôbre os móveis da sala.

— Meus óculos! — observou. — Onde estão os meus óculos?

Mãos livres, revolveu tudo. Roupas foram atiradas ao chão, e em seguida, levantadas do chão. Cadeiras foram removidas. Olhou debaixo da cama. Espiou atrás do divã.

— Sim, senhor, parece incrível! — bradou, desolado.

Pronta, mãos na cintura, mme. Arrais assistia àquela furiosa caçada, quando, de repente, sorriu, irônica:

— Mas, filho, onde estavas tu com a cabeça, quando os tiraste?

A essa zombaria, o rapaz estacou no meio do quarto:

— Queres que eu diga, hein? Queres?

— Não, filhinho; não! — exclamou a moça, arrependida da brincadeira.

E tapou-lhe a boca com um beijo.

## X C

### A HOMENAGEM DOS CONTINENTES

As festas do Centenário, além de outras vantagens, tiveram, como é sabido, a de reunir no Rio de Janeiro representantes de todos os povos da terra. Ingleses, franceses, japoneses, belgas, americanos, chineses, argentinos, — de tudo tivemos nós, à sombra da nossa bandeira. Tão cordial foi, mesmo, a nossa hospitalidade, que as raças mais separadas pelos ódios se estreitaram as mãos diante de nós, vivendo numa cordialidade que se poderia qualificar, talvez, de fraternal. Delegados houve, que se tornaram íntimos, bebendo juntos, em festas encantadoras, o vinho da alegria, passando, assim, noites breves, que permanecerão inolvidáveis.

Uma das reuniões mais interessantes que aqui se realizaram foi, entretanto, aquele banquete do comandante Stanley, ao qual compareceram o capitão Okka, da marinha japonesa; o coronel Borges Mendes, brasileiro da gema, e o dr. Pettersen, que viera da Austrália estudar o problema das carnes frigorificadas. Eram quatro os convi-

vas masculinos, mas havia “champagne” e iguarias para cincoenta, por estar presente à festa a encantadora Lili Meireles, brasileira educada em Paris e que trouxera dali, assinalando-lhe o caráter, o cunho das maiores estroinices, — e por se achar na cozinha, dirigindo as panelas, o Nicolau, preto baiano, considerado, e justamente, o primeiro cozinheiro nacional.

Após o banquete, que foi regadíssimo e que se realizou na *garçonière* provisória do comodoro Stanley, começou a orgia, com uma variedade verdadeiramente internacional. Levantada por oito braços robustos, Lili Meireles foi colocada, de pé, sôbre a toalha da mesa, para o batismo de “champagne”. Quinze garrafas espoucaram, e o vinho espumante, derramado sôbre a cabeça e nos ombros da rapariga, veio correr, embaixo, nos folhos do seu vestido, onde os convivas o apararam nas taças para um brinde pela fraternidade universal.

Dizer o que ocorreu nessa festa cosmopolita seria recapitular as pândegas de quatro povos diferentes. Um número, entretanto, mereceu registo particular, pelo inesperado das suas consequências.

Cabelos nos olhos, fardas ensopadas de vinho, os quatro oficiais riam, felizes, com o espírito de coleguismo saído das garrafas, quando o coronel brasileiro teve uma idéia.

— Vamos curvar o mundo inteiro aos pés da mulher! Uma homenagem universal ao sexo fraco, representado pela Lili!

— Very well! — aplaudiu o inglês.

— Very well! — secundou o australiano.

E o japonês:

— Aké-ni-kéri!

— Essa homenagem — tornou o coronel Borges, — constará de um beijo na boca da Lili. Cada um de nós representa uma das partes do mundo: o comandante Stanley a Europa, o dr. Pettersen a Oceania, o capitão Okka o continente asiático, e eu, a América!

Um *hurrah* de aprovação reboou pela sala. E quando as vozes amorteceram, voltaram-se, todos. É que, à porta, emoldurada pelo reposteiro escarlate, aparecia, como uma nódoa negra, a figura do Nicoláu, que suplicava, com os olhos muito brancos cravados no coronel Borges.

— Patrão, e a África?

## XCI

### OS VASOS COMUNICANTES

Antes de ser o famoso operador que é hoje, o dr. Nabuco de Gouveia foi, como se sabe, um grande estudioso de Física. Os seus preparatórios dessa matéria constituíram um verdadeiro sucesso entre os colegas de turma, e foi como físico de grande merecimento que o ilustre rio-grandense penetrou, fundo, pelo terreno da medicina.

Recebida a esmeralda simbólica, não abandonou o dr. Nabuco os estudos daquela especialidade. E estudava com afincos a ciência de Newton, quando foi procurado, certo dia, no seu consultório, por um ancião respeitável, que se fazia acompanhar, na ocasião, por um rapaz extremamente magro e por uma senhorita extremamente gorda.

— Esta menina, doutor, é minha filha, — começou. — E êste rapaz, é meu sobrinho, e mora comigo. Estão doentes, os dois.

— Doentes? — estranhou o dr. Nabuco de Gouveia, encarando-os.

— Doentes, sim, senhor.

E explicou:

— Imagine o doutor, que êste rapaz, o Abelardo, era um homenzarrão forte, gordo, robusto, como há poucos. De um certo tempo a esta parte, porém, começou a emagrecer, a minguar, a murchar, de modo impressionante. Enquanto isso, acontecia com a Julita, minha filha, exatamente o contrário; de magra, que era, a menina começou a engordar, a deitar corpo, transformando-se no mulherão que o doutor está vendo!

Testa franzida, o dr. Nabuco indagou:

— Êles nunca tiveram comunicações?

— Como? — indagou o velho, sem compreender.

A explicação era, porém, perigosa. E foi para evitá-la que o eminente operador se encaminhou para a sala contígua, tomou dois sacos de borracha, sendo um cheio d'água e outro vazio, pendurando-os um em frente do outro. Em seguida, tomou uma borracha comprida, e ligou o saco vazio, que estava mais abaixo, ao saco cheio, que estava em cima.

— Veja, — disse, apontando-os, ao velho.

E o braço estendido:

— O senhor está vendo? O saco que estava em cima, estava cheio, repleto, rotundo. Pôsto, porém, em contacto com o

saco vazio, êste se encheu, esvaziando o outro.

E batendo no ombro do velho, rindo:

— Pode ir, coronel. A moléstia dos seus dois doentes é explicada por uma lei de física.

E, ao ouvido do ancião, piscando o ôlho:

— É o segredo dos vasos comunicantes...

## XCII

### A PERERECA

Desde mocinha, fôra aquele, sempre, o maior desgosto de dona Mundica. No rosto, não se notava muito. O corpo era, porém, quasi esquelético, principalmente na parte inferior, onde as pernas lhe davam a impressão de dois caniços, nos quais andasse trepada. Na noite do seu casamento, ela percebera que o Armando tivera uma impressão má. E a certeza disso êle lha dera francamente depois, quando lhe pusera, de modo risonho, mas depreciativo, o apelido de “Perereca”. Foi isso ainda, sem dúvida, que motivara o afastamento do marido, o qual a foi, pouco a pouco, abandonando, até que não voltou mais à casa, indo residir na Gávea com uma viúva um pouco mais velha, mas, em compensação, mais bem conformada de corpo, e com duas pernas que serviriam, positivamente, para colunas da Catedral.

Separada do espôso, e vivendo dos seus ordenados de professora, resolveu dona Mundica aproveitar as férias do fim do ano

para tratar, definitivamente, da saúde. E como os médicos, unânimes, lhe recomendassem repouso e águas benfazejas, escreveu ela ao poeta Belmiro Braga, em Poços de Caldas, e para lá seguiu, em Novembro, disposta a passar três meses.

— Vá para Caldas, dona Mundica, — dizia-lhe o professor Austregésilo, batendo-lhe carinhosamente nos ossos da mão. — Lá, a senhora engorda de um dia para outro. Aquilo, alí, realiza milagres!

O tempo não podia ser, entretanto, mais inconveniente. Os hotéis, as pensões, tudo estava cheio, repleto, transbordando. E daí o desgosto da moça, ao ouvir, no hotel para onde se dirigiu, esta comunicação desoladora:

— É impossível, minha senhora. Não temos uma cama vazia. O estabelecimento está completo, e o dr. Belmiro acha-se em Belo-Horizonte, onde foi recitar no batizado de uma boneca, afilhada do dr. Mário Brant.

Dona Mundica não podia, porém, ficar na rua, dormindo sob o telheiro da estação. E foi penalizado que o hoteleiro propôs, numa gentileza verdadeiramente cativante:

— Nós temos, aí, em um quarto, uma senhora só, que está dormindo em uma cama de casal. Se ela consentir que a senho-

ra passe a noite lá, com ela, a senhora aceita?

— Pois não. Eu lhe fico muito obrigada. É por uma noite, apenas, e é melhor isso do que ficar até de manhã, aqui, na sala de espera.

Atencioso, afável, gentil, foi o hoteleiro à dama que estava ocupando o quarto, e contou-lhe o ocorrido. A recém-chegada parecia boa pessoa, era recomendada a um amigo que se achava ausente, e êle ficaria muito contente se lhe pudesse dar agasalho, pelo menos naquela noite.

— Pois não, — concordou a hóspede. — Se é pessoa séria, não me incomoda em nada. A cama é larga, e como eu ocupo unicamente êste lado, ela pode ficar perfeitamente à vontade do lado de lá.

Momentos depois entrava dona Mundica no quarto, saudava a dona do aposento, mudava de roupa, e, com a fadiga da viagem, atirava-se ao leito, para dormir. E deitar-se e dormir, foi, para ela, obra de um momento.

No dia seguinte, de manhã, a primeira a despertar foi a proprietária do quarto, que era uma viúva de São Paulo, senhora ainda jovem, forte, e bonita. Educada e discreta, não quis perturbar o sono da outra, e, por isso, não se levantou, nem, sequer, se mexeu. Momentos depois, dona

Mundica se remexia nos lençóis, espreguiçando-se. Rolou-se uma vez, duas, três, de um lado para outro do leito, até que parou, de olhos fechados, encostada à companheira de cama. Com pena de acordar de sono tão doce, espreguiçou-se de novo, enfiando a mão por baixo da colcha. E abriu os olhos, espantada.

— Uai! — exclamou.

E após uma saudação à viúva:

— Que clima prodigioso! Bem o doutor Austregésilo me dizia que, aquí, a gente engorda da noite para o dia! Não é, mesmo, que eu já estou com a perna grossa?

A outra olhou-a, com estranheza. De repente, porém, reclamou:

— A senhora faz-me um favor?

Dona Mundica encarou-a. E a viúva, empurrando-a:

— Solte minha perna; sim?

## X C I I I

### OS ADÚLTEROS

A falar verdade, nunca se tinha visto na cidade, amigos tão unidos. Funcionários do mesmo Banco, trabalhando na mesma secção de cheques, haviam os dois se dado tão bem, que o Xavier, que era casado, convidou, um dia, o outro, que era solteiro:

— Mas, afinal, Nicolau, por que é que você não vai fazer refeições lá em casa?

Dêsse dia em diante, a amizade dos dois se estreitou de tal maneira que ninguém poderia dizer, ao certo, quem era o marido de dona Dadinha. É verdade que o Nicolau não dormia na casa, nem guardava a roupa branca nas cômodas do casal; o amigo permitia-lhe, porém, que fosse tomar café durante a sua ausência, e, mesmo, que acompanhasse a moça ao cinema, ao teatro e, até, ao Corcovado, quando lhe sucedia, porventura, ficar de plantão até altas horas da noite.

Amizade entre homens só pode ter, entretanto, duas explicações honestas: ou um gosta da mulher do outro, ou os dois, con-

juntamente, gostam das mulheres dos outros, estabelecendo, para isso, uma aliança indissolúvel. E se era a primeira explicação, ou a segunda, ou as duas, que cabia no caso, dí-lo o incidente que pôs têrmo, finalmente, àquela desagradável situação.

Jovial e boêmio, aproveitando, certo dia, os bons nervos de dona Dadinha, aventurou o Xavier uma das suas levandades. Era à noite, depois do chá, numa ocasião em que o Nicoláu não se achava presente. Charuto aceso, perna trançada, o honrado visador de cheques contava pilhérias galantes à mulher, quando lhe deu no miolo narrar as suas próprias proezas, realizadas em companhia do amigo. E principiou, lançando a fumaça para o teto:

— Ainda anteontem, foi uma pândega. Tu não imaginas. Eu vinha com o Nicoláu pela Avenida, quando passou por nós uma pequena alourada, de olhos brejeiros e passinho miúdo, que se pôs a sorrir para nós. O Nicoláu aproximou-se dela, convidou-a para um passeio de automóvel, instou comigo, e lá fomos, os três, até o Leme.

— Tu e o Nicoláu com ela? — atalhou, olhos fuzilantes de cólera, dona Dadinha.

— Por que não? — estranhou, sorrindo, o Xavier.

O seu sorriso não foi, porém, muito longe. Porque, mal êle desabrochou, a pobre

moça rebentou em soluços, a cabeça apoiada nos braços, os braços apoiados na mesa:

— Que infeliz, que eu sou, minha Virgem Santíssima!...

E sem se conter, punhos cerrados, para o Xavier, que a escutava boquiaberto:

— Como vocês me enganam!...

## X C I V

### A DOMINADORA

Audacioso diante do mundo, nas suas investidas contra a ventura e a tranquilidade dos homens, o Diabo temia, covarde, apenas uma arma: a Cruz, símbolo da cristandade, instrumento de opróbrio e de glória que lhe recordava, no meio do seu orgulho, o martírio e a exaltação do Nazareno. Insolente e irresistível, percorria êle a Terra em todas as direções, pervertendo almas, desviando espíritos, corrompendo corações, semeando, enfim, na haste de cada rosa de candura os espinhos venenosos do pecado. Surgisse, porém, diante dêle, uma cruz, e ei-lo a fugir, apavorado, abandonando todas as presas que porventura houvesse feito pelos caminhos.

Um dia, foi a monotonia do Inferno quebrada, de súbito, por uma grave novidade: Belzebú havia ordenado que se o recebesse, nessa tarde, com toda a pompa, acendendo todas as fornalhas, fazendo estrondar todas as furnas e ribombar, atra-

vés da amplidão, os trovões que trazia encarcerados nas jaulas de chumbo das nuvens.

E assim se fez. E foi entre estrondos de cavernas e brados de trovões formidáveis, acompanhados de relâmpagos azues e fachos de crateras em ebulição que Satanaz penetrou, nesse dia, em seus domínios, trazendo pela mão, com honras de soberana, a mais formosa das mulheres que então viviam na Terra.

— Que beleza! — exclamava Belfegor, deslumbrado, coçando o chifre com um tição.

— Que maravilha! — reconhecia Beliel, palitando os dentes com um pedaço de osso humano.

E Belzebú passava, soberbo, altivo, orgulhoso, arrastando a sua cauda de três metros ao lado da cauda de sêda da nova senhora daqueles paços malditos.

Vinte e quatro horas depois, a vida, no Inferno, estava completamente modificada. Absorvido pelos encantos da maravilhosa recém-chegada, o demônio passava todo o tempo à sua mão direita, deixando relaxar a disciplina e recusando, até, as almas que lhe eram remetidas para os suplícios habituais. O Inferno estava, em suma, transformado, quasi, em sucursal do Paraíso.

Fechado na gruta nupcial, o Amaldiçoado só dava notícias suas para gritar, de dentro, a algum dos demônios auxiliares:

— Benagôr! vôa à Via-Lactea e traze, de lá, amarrado com uma das fitas do arco-iris, um ramalhete de estrêlas!

Ou, então:

— Maod! desce ao fundo tempestuoso do mar, e traze-me um ramo de corais e um punhado de pérolas!

Um dia, porém, a hóspede fez um pedido ao ouvido do seu senhor.

— Eu? — estranhou o maldito, dando um salto, e tornando-se branco, de cera, de repente.

— Mas eu quero! — insistiu a linda criatura, num muxoxo encantador.

O que era, ninguém soube. O que se viu, foi o Diabo partir, como um raio. E horas depois regressava, como uma tempestade.

Trazia nas mãos, trêmulo, como numa vertigem, uma cruz... de brilhantes, para o pescoço da mulher!

## XCV

### ANAXÁGORAS

No alpendre lateral ao palacete, faiscante de luzes, conversavam, sem grande interêsse pelo assunto, os quatro celibatários impenitentes. Com as mãos nos bolsos da calça, balançando ritmadamente a perna esquerda, o dr. Otaviano Godinho justificava-se:

— Eu acho que o homem só se deve casar no outono da vida. Para que o indivíduo seja feliz no casamento, fazem-se mister o dinheiro, que o torne independente, e a experiência, que o torne clarevidente. Sem isso, sem êsses dois fatores que iluminam o entendimento do coração, é impossível, de todo, a felicidade no matrimônio.

— É a minha opinião, — interveio, sentando-se, o dr. Abelardo Martins; — é a minha opinião!

— E nem podia ser de outra forma, — acudiu o comendador Epaminondas Soeiro. — O dever do homem, na mocidade, deve consistir em juntar dinheiro, em acumular fortuna, em reunir o seu pecúlio. Conso-

lidados os seus meios de vida, postos os bens em lugar seguro, então, sim, deve êle casar-se, constituir família, gozar as delícias de um lar.

Ia levar o charuto à boca enorme, caverna em que um dentista apressado havia escondido as últimas teclas de um piano sem dono, quando estacou, para ouvir a palestra de um grupo de senhoras, às quais o escritor Gonçalo de Castro narrava, displicente, uma história ligeira, alusiva aos últimos dias da glória ateniense:

— Foi em Atenas mesmo que o caso se deu. O anfiteatro estava repleto de espectadores, que aguardavam, ansiosos, os resultados definitivos da luta, em que se daria por prêmio ao vencedor uma enorme taça de ouro, pesada como um homem, oferecida pelos mais ricos cidadãos de Corinto. Anaxágoras, de Esparta, havia vencido, já, a Critilo, de Cós, a Aristipo, de Quio, e a Telésforo, discípulo de Focion. A vitória oscilava, então, entre êle, e Trasíbulo, filho de Brobilo, que acabou, afinal, por ser subjugado, e atirado ao solo, apanhando o sangue espumante da boca na concha suarenta das mãos. O povo, de pé, saudava-o, glorificando-o. Coroas de louros, entrelaçadas de rosas, rolavam, rodopiando, na areia do circo, pontilhada de rubís vivos. Sujos de terra, empapados de suor e de sangue,

os atletas acorriam dos subterrâneos do anfiteatro para saudarem o companheiro vitorioso. Ao fim, porém, da glorificação mais estrondosa que Atenas havia assistido naquele tormentoso declínio do século, quando o triunfador quis levantar a taça, brinde da vitória, objetivo único de tanto esforço dispendido, rolou, pesado, por terra, vencido pela própria fortaleza: os músculos fatigados, distendidos, paralisados, não podiam erguer, sequer, do solo, o prêmio do seu triunfo!

Ouvida, em silêncio, essa história de vinte e três séculos, os celibatários entreolharam-se. Cada um dêles era bem um novo Anaxágoras, que retardava a posse da taça de ouro para uma época distante, em que não poderiam mais, talvez, levantá-la nas mãos...

## X C V I

### O "TORCEDOR"

Sócio efetivo do grande clube de futebol, o dr. Abelardo Jacinto apaixonara-se de tal modo pelas pugnas em que a sua associação se empenhava, que chegava a apostar verdadeiras fortunas.

— No jôgo, amanhã, entre o Brasileiro e o Soledade, quem vai ganhar é o Brasileiro! — dizia êle, às vezes, na barbearia.

— É o Soledade! — protestava outro freguês.

— Quer apostar? Cincoenta contos contra dez! — exclamava Abelardo, avançando para o contraditor.

E assim tinha êle perdido, já, não só a herança materna, como uma parte dos haveres do pai, de quem era procurador.

Bonita, forte e com a mocidade ardendo nas veias, dona Eleonora sofria profundamente com aquela mania do marido. O futebol absorvia-o, realmente, de tal maneira, que a pobre moça ficava semanas e semanas atirada para um lado, sem uma palavra de consôlo, sequer, da parte do com-

panheiro. E tal foi êsse abandono, êsse olvido, êsse descaso, que a desolada senhora resolveu queixar-se, um dia, ao Josué, extrema-direita do 1.º “team” do Brasileiro e um dos jogadores mais valorosos do quadro nacional. Coração generoso, o rapaz, sustentáculo esportivo do clube, escutou-lhe as lamentações, dando-lhe inteira razão. E tanto se interessou pelo seu caso, que passou a frequentar a casa do “torcedor” todas as noites, entre as 9 e as 11, à hora, exatamente, em que êle fazia apostas no clube.

Certo dia, foi anunciado o último jôgo para conquista do campeonato, o qual oscilava entre o Brasileiro e o Copacabana. A animação era enorme, havendo, a respeito, os palpites mais desencontrados.

— É o Brasileiro! — ouvia-se num canto, num grupo de exaltados.

E adiante, noutro canto:

— É o Copacabana. Façam êles o que quiserem, mas a vitória do azul-amarelo está garantida!

Entre os “torcedores” não havia, porém, um nas condições do dr. Abelardo Jacinto, cujos haveres, seus e alheios, haviam sido empenhados, todos, em apostas. O homem não comia, não bebia, não mudava roupa, não aparecia, sequer, no escritório. E foi por isso que, na véspera do encontro,

enveredou pela casa, agitado, nervoso, suarento, indo ter exatamente à saleta em que o Josué, esperança máxima do Brasileiro, ouvia, mais uma vez, em grande intimidade, as doces confidências de dona Eleonora.

Ao dar com aquele quadro, em que o atleta sentava nos joelhos, paternalmente, o corpo mimoso da dona da casa, Abelardo empalideceu. E foi pálido, os punhos e os dentes cerrados, que rugiu, cruzando os braços:

— Sim, senhora, minha mulher, nunca pensei que você fosse capaz de fazer a minha desgraça!

E, a cabeça de um lado, o braço estendido, apontando Josué:

— Você não sabe, então, que êsse rapaz vai jogar amanhã?

## XC VII

### A BOLSA DE OURO

(APÓLOGO TURCO)

Perante o cadi haviam ido, naquele dia, uma formosa rapariga da Anatólia e um jovem mercador de Bassora, a quem a primeira acusava, chorando, de a haver des-honrado, na véspera, junto aos muros da cidade.

— Foi uma violência, senhor, a dêste homem, que abusou da sua fôrça e da minha fraqueza. Êle sabia que eu era pura como as águas que descem do Líbano, e atirou-se a mim, como o lobo do vale à pequenina corça da montanha!

— É falso, meu senhor, é falso o que diz esta mulher! — protestava o mercador. — Ela sabia que eu era rico, e, dizendo-se uma filha da perdição, ofereceu-me a flôr do seu corpo. Não houve da minha parte qualquer violência, nem da sua a recusa, a que se refere!

Sentado no seu divã forrado de púrpu-ra, o cadi medita, cofiando as barbas vene-

ráveis. Súbito, após um instante de silêncio, ordena ao acusado:

— Dai-me a vossa bolsa.

— Mas... — aventurou o moço, empalidecendo.

— Dai-me, repito, a vossa bolsa! — insiste o cadi.

Constrangido, o mercador desaperta da cintura a bolsa repleta de ouro.

— Entregai-a a essa mulher! — determina.

E à rapariga:

— Ide-vos, com êsse ouro.

Sem esperar segundo conselho, a mulher tomou a bolsa nas mãos e, rápida, após uma reverência ligeira ao cadi, precipitou-se para a porta do palácio, ganhando, contente, a rua. E não ia, ainda, muito longe, quando o velho juiz, que se conservava silencioso, ordenou ao mercador:

— Agora, correi atrás da mulher que daqui saiu. Ide ligeiro, e trazei, aqui, a bolsa que ela vos levou.

Célere, como um leão perseguido, ou como um tigre faminto, o moço atirou-se para a rua, correndo. À porta, viu a rapariga, que desaparecia na esquina próxima, e lançou-se no seu encalço. E meia hora depois voltava, rôto, arranhado, ferido, ensanguentado, à presença do cadi.

— E a vossa bolsa? — indagou êste.

— Não conseguí reconquistá-la, meu senhor! — confessou o rapaz, envergonhado.

A essa resposta, o cadi chamou os escravos.

— Correi — ordenou — no encalço da mulher que daqui saiu, trazendo-a, quanto antes, à minha presença.

Minutos após, enfrentavam-se, na mesma sala, o moço e a rapariga.

— Devolvei a bolsa a êste homem! — mandou o cadi. — Êsse ouro não vos pertence.

E severo:

— A vossa honra vós lha destes por vontade vossa. Se a tivésseis defendido com a resolução, com o heroísmo, com a coragem com que defendeste a bolsa, não teríeis ficado sem ela!

E, mandando-a embora com a sua vergonha, devolveu, sereno, a bolsa ao mercador.

## XCVIII

### CARTA DE MULHER

“Meu caro amigo. — No dia seguinte ao do teu pedido de casamento, era-me indispensável, como fàcilmente imaginas, uma semana de repouso absoluto. As emoções que me haviam assaltado o coração com a perspectiva da felicidade sonhada, tinham-me abalado profundamente os nervos, exilando-me de mim mesma, como se a alma, o espírito, a própria vida, me houvessem abandonado. E como eu não quisesse dar-te, depois de noiva, impressão diferente da que te dei quando namorada, pedi a meu pai que me trouxesse para Petrópolis, onde contava com a suave medicina da solidão.

Aquí, de onde te escrevo sem saudade, mas, também, sem rancor preventivo, me sucedeu, entretanto, um caso, que motiva esta carta. Foi um sonho que eu tive, e que conto sem preocupações de estilo, mas com toda a singeleza que caracteriza a verdade.

Na tarde da minha chegada aquí, procurei, como estava no meu programa de

cura, o jardim que temos ao fundo da chá-cara, e estendí-me, aí, na grama fresca e macia, como nos tempos de colegial, quando saía para as férias. Tu conheces, como eu, as tardes de Petrópolis, e podes calcular como me sentí bem naquela orgia de flôres e insetos, após uma semana de salão, entre senhoras besuntadas de *rouge* e cavalheiros encharcados de presunção. Era na hora em que o poente se torna em uma fogueira enorme e fagulhante, e em que os anjos correm para ela, afim de acenderem, cada um por sua vez, a candeia da sua estrêla.

Estirada na relva, sentí a tarde tão doce, que pousei a cabeça no braço e dormí. Dormí, e sonhei. E é o meu sonho, Abelardo, que te conto, sem propósito de ofensa, mas como quem faz, de joelhos, diante de um sacerdote, a sua primeira confissão.

A paisagem que se apresentava aos meus olhos fechados, era a mesma do nosso jardim, onde havia adormecido. E eu a olhava, encantada, quando, de repente, notei, sôbre a relva, um coração palpitante, que sangrava, ainda. Atentei melhor e vi que, ao lado dêste, outros havia, e que eram dezenas, centenas, milhares, uns mais agitados, outros mais brandos; estes mais pálidos, quasi brancos; aqueles rubros, vivos, vermelhos, como bolas de sangue coagulado. Amedrontada, ia fugir, quando, ao voltar-

-me, dei de rosto com o magoado espectro de minha mãe, que, detendo-me suavemente, me ordenou, com doçura:

— Minha filha, aí estão, a teus pés, milhares de corações que desejam o teu. Teu pai, a pedido meu, na hora da minha morte, não contrariará, jamais, a escolha que fizeres. O homem que te agradar, que julgares digno de ti, êsse será teu espôso. Aí tens, pois, os corações que te cobiçam. Escolhe!

Serena, tranquilizada pelas palavras de minha mãe, baixei os olhos sôbre o gramado, e pús-me a meditar. Os corações sangrentos, pulsantes, arfavam, como batráquios estrangulados. Olhei o primeiro. O segundo. O terceiro. Eram dezenas; milhares. A escolha, naquele tumulto, era difícil.

— Mas, como poderei saber, à simples vista, qual dêles é o mais nobre, mais puro, mais perfeito? — objetei.

Minha mãe sorriu, triste, e respondeu-me:

— E no mundo, minha filha, tu os podes ver melhor? Se aquí, nus, aos teus olhos, não te é possível conhecê-los, que sucederá no mundo, na vida, em que êles ofegam, no fundo do peito, dissimulados ainda mais pela couraça das roupas?

Ante essa verdade, resolví escolher. Estendí a mão e tomei, vivo, palpitante,

vermelho, o que tinha o teu nome. Nesse momento, acordei. E vi, Abelardo, com horror, que esmagava na mão, sujando os dedos, um punhado da lama do chão!...

Como tu sabes, meu amigo, eu sou supersticiosa. Dá-me, pois, a liberdade que te entreguei. E esquece-te, para sempre, da tua — *Margarida*".

## XCIX

### VIDA EM FAMÍLIA

A rua do Rezende gozava a tranquilidade burguesa do meio-dia, entre as filas de casas quasi coloniais, quando foi despertada pelo buzinar de um automóvel policial, repleto de praças. Negociantes do quarteirão correram à porta dos estabelecimentos, e foi com espanto que o viram parar em frente à mercearia do Machado, no alto da qual funcionava, segundo se dizia, uma casa de mulheres alegres, considerada a mais *chic* e frequentada do bairro.

— É na pensão da Ginete! — exclamaram, a um tempo, os que acompanhavam o carro com a curiosidade dos olhos.

Essa casa de encontros suspeitos era, realmente, a mais movimentada da rua. Desde o meio-dia, começavam a afluir para alí, encostadas à parede, silhuetas elegantes de senhoras sem escrúpulo, que se iam encontrar com apaixonados certos e fixos, ou aguardar, por espírito de lucro, os amantes eventuais. As primeiras, logo à chegada, enfiavam para os gabinetes mobiliados,

esperando o namorado do coração. As outras, tornadas profissionais, aglomeravam-se em tórno à mesa, na sala de jantar, onde ficavam bebendo, fumando, conversando, até a chegada de um homem que as escolhesse.

Penetrando, de chofre, na casa, em um dia sem movimento, o comissário do distrito não fôra, evidentemente, feliz. E tanto que, em vez de dez ou doze viciados diários, da centena que frequentava aquele antro, conseguiu prender apenas o turco José Ben-Assur, negociante de sêdas à rua do Rosário, encontrado em flagrante delito de devassidão. Ao arrombar um dos quartos mobiliados, encontrara-o a autoridade em trajes menores, tendo em tórno, nas mesmas condições, nove raparigas, das onze que se achavam na casa. E era justificando-se dêsse crime que o muçulmano depunha, agora, a voz trêmula, os olhos úmidos, perante o delegado distrital.

— Eu preciso contar-lhe a minha vida, senhor doutor, — começou, comovido.

E contou, numa evocação dolorosa:

— Eu era comerciante de tapêtes e sêdas em Tirabzon, quando os russos se aproximaram daquela cidade, comandados pelo general Alexandrow. A minha casa de residência era das mais suntuosas da provín-

cia. Meu jardim era maior que o das mesquitas, e o meu harém um dos mais escolhidos de toda a Ásia Menor. Eu tinha sempre, nele, setenta ou oitenta mulheres, das quais oito, pelo menos, partilhavam do meu leite, como espôsas legítimas. Tomada, porém, a cidade, eu tive que abandonar tudo, inclusive a minha fortuna, fugindo para Constantinopla e, de lá, para Marselha, de onde me transportei para o Brasil.

Fez uma pequena pausa, e continuou:

— Chegando ao Rio de Janeiro, com a saudade da minha casa da Anatólia, metí-me de namôro com a filha de um espanhol, meu vizinho, à rua Senhor dos Passos. Ameaçado de prisão, casei-me, constituí o meu lar à maneira do Brasil, tendo já quatro filhos, legítimos, em minha casa. Eu sou, porém, turco, senhor doutor. Fui criado num regime diferente, educado numa religião que só compreende a família quando constituída por muitas mulheres. E, então...

— Então... — fez a autoridade.

— Então, — continuou o turco, — eu saio todos os dias, a esta hora, do meu estabelecimento, e meto-me na casa de mme. Ginete, ou em outra semelhante, escolho seis, oito, ou dez mulheres, e fecho-me com elas em um quarto. Mas eu juro, senhor

doutor, eu juro que não é por vício, por mal, por devassidão.

E enxugando uma lágrima grande, e verdadeira, num canto escuro do ôlho:

— É para ter, de novo, a sensação da vida em família!...

## C

### PIEDADE HUMANA

Penas cinzentas ligeiramente riçadas, enfiando de instante a instante o biquinho rubro debaixo da asa macia, a pomba selvagem repousava, de papo satisfeito, no galho do jequitibá farfalhante, quando surgiu no céu, à grande altura, a mancha escura do gavião, terror daquelas paragens.

Ao divisá-lo nas nuvens, a avezinha estremeceu. Os seus olhinhos redondos e vermelhos, sempre cheios de sonho, turvaram-se de repente. Um arrepio ligeiro levantou-lhe as penas que alisava. Um tremor súbito agitou-lhe o corpo todo, a ponto de, quasi, fazê-la cair, inerte, naquele chão afogado de fôlhas.

Asas espalmadas, que tatalava molemente, o gavião começava a descer, descrevendo grandes círculos. Dentro de alguns instantes já se podia ouvir o estalar das penas fortes, zumbindo de encontro ao vento. Quieta, encolhida, a pobre rôla aguardava a morte, sem, sequer, levantar os olhos.

De repente, sentiu no corpo frágil três garras que se afundavam, e que a sacudiam.

Na ânsia de salvar-se, debateu-se, aflita, piando alto. E estava nessa luta desesperada, quasi a succumbir, quando ouviu um grito de homem, que bradava, acorrendo:

— Eh, bicho!... Eh, bicho!...

Surpreendido assim, o gavião abandonou a presa, e fugiu. Atirada ao chão, ensanguentada, a rôla do mato quedava, exausta, sem uma demonstração de sofrimento nos seus olhinhos de rubí. E erguia os olhitos, agradecida, para o seu salvador, quando êste se aproximou, e tomou-a nas mãos.

— Miserável! — rugiu o homem, olhando uma árvore alta, onde o gavião havia pousado. — Atacar uma avezinha destas!...

E rolando nas mãos a pobrezinha, cujo coração batia, assustado:

— João! — chamou.

E o caçador, entregando a desgraadinha:

— Toma; prepara para o jantar...

## CI

### OBJETOS INÚTEIS

A quantidade de senhoras que eu tenho encontrado desacompanhadas nas festas do Centenário, têm-me dado a impressão de que os maridos se tornam cada dia mais desnecessários. Ao lado do meu automóvel, no campo de São Cristóvão, ficaram seis ou oito, repletos exclusivamente de mulheres. E nos bondes, nas calçadas, nos lugares em que a multidão se aglomerava, eram às centenas as damas cujos espôsos eu conheço, e que eu não via a seu lado.

— Quem sabe se êles não foram formar na parada, conselheiro? — observou-me um amigo.

À passagem das tropas eu vi, porém, que essa desculpa era inaceitável. Os batalhões que desfilavam eram constituídos, todos, de rapazes de vinte a vinte e três anos, idade em que ninguém, geralmente, possui família constituída.

Onde andariam, pois, os espôsos daquelas senhoras?

De um modo ou de outro, o certo é que o marido está se tornando, no Rio, um objeto de pouca utilidade. À semelhança do véu e da grinalda, serve para um dia só: o do casamento. Depois, é pôsto à margem, começando a mulher a frequentar festas, cinemas, casas de chá, sem a companhia e, mesmo, sem a menor consulta ao cavalheiro que lhe dá o nome e, pelo menos, a metade do dinheiro.

— Marido é como guarda-chuva, sr. conselheiro! — dizia-me, certa vez, uma conhecida senhora de sociedade.

E justificava:

— Só se deve sair com êle quando faz mau tempo!

Mais do que essa opinião vale, entretanto, uma história que eu li, ou me contaram, e que mostra quanto é secundária hoje, para as mulheres *chics*, a importância do marido. Desejando pagar uma conta de costureira, havia mme. Vargas Cordeiro convidado o espôso para ir em sua companhia até alí, quando, chegando à casa de modas, e satisfeito o débito, o sr. Cordeiro, de repente, adormeceu. Encantada com os vestidos expostos, madame começou a andar de um lado para outro, despreocupada. Ao fim de meia hora, despediu-se da modista:

— Então, até amanhã!

— Até amanhã, madame! — respondeu a dona da casa.

Já na rua, e dobrada a primeira esquina, a moça parou:

— Meu Deus, que é que me falta? Eu teria deixado lá alguma cousa?

A bolsa, não era. O *manchon* não era, também. De repente, sorriu, e voltou, ligeira, a buscar o que tinha esquecido.

Era o marido.

## CII

### MIRAGEM

(TRÊS PÁGINAS DE UM DIÁRIO)

Essa felicidade que supomos  
Árvore milagrosa que sonhamos  
Toda arreada de dourados pomos,

Existe sim, mas nós nunca a alcançamos  
Porque está apenas onde nós a pomos  
E nunca a pomos onde nós estamos.

VICENTE DE CARVALHO.

“1874 — Cheguei ontem, com o deslumbramento nos olhos, a esta planície maravilhosa. O arvoredo baixo, todo verde, está arreado de pomos de ouro, que me matam a fome e a sede. Roseiras sem conta desabrocham por toda parte, cobrindo de pétalas de todas as côres a areia dourada dos caminhos. Pássaros inumeráveis gorjeiam nos ramos, à claridade do sol, voando, depois, a bicar os frutos ou a beber, ávidos, nos córregos cristalinos que se precipitam entre ribanceiras de grama florida.

Mais do que isso, porém, o que me tenta, me comove, me preocupa, é um vulto de mulher que eu vejo muito longe, entre a neblina fulgurante, no cimo da montanha radiosa. Chama-se Felicidade, segundo me disseram, e é a mulher mais requestrada no mundo.

Vou partir, hoje mesmo, em sua perseguição”.

.....

“1900 — Há vinte e seis anos que ensanguento os pés na pedra áspera, em busca da mulher misteriosa, que lá está, ainda, no alto da montanha, a estender-me os seus lindos braços cariciosos. Mais um esforço, e apertá-la-ei definitivamente de encontro ao peito, bradando, como os noivos apaixonados:

— Minha!... minha!... Minha, e para sempre!...”

.....

“1905 — Cheguei ao alto da montanha e encontro-me tão só, e tão abandonado, como lá em baixo, no vale festivo. A mulher deslumbrante que eu, de lá, via aqui em cima, já desceu...”

\*

\*

\*

O dono dêsse “Diário”, ao voltar da montanha, errou, como todos os outros, o caminho. Ao fim da ladeira por onde êle desceu, havia um buraco, no qual tropeçou, e caiu, para sempre.

### CIII

## PADRE LIBÓRIO

Não obstante o seu espírito caridoso e o heroísmo com que praticava certas virtudes humanas, padre Libório era um desses numerosos sacerdotes que se não haviam conformado com o celibato do clero. E, por isso, vivia na sua paróquia do Tabocal, praticando os Evangelhos, mas, de acôrdo com êle, a multiplicar familiarmente a espécie, de parceria com a sua comadre, a gorducha “nhá” Chica, viúva de um vaqueiro famoso que morreu nos chifres de um boi.

Generosa e sincera, habituada àquele costume secular, a população achava naturalíssimo que padre Libório tivesse a sua mulher, os seus filhos, a sua casa. Era isso uma garantia de virtude, e, graças a essa circunstância, as famílias podiam frequentar a residência do vigário, onde “nhá” Chica as recebia na sala, com a cordialidade singela das espôsas honestas. E o padre era feliz; “nhá” Chica era feliz; e as ovelhas eram felizes, porque a religião, ali, praticava a bondade, sem ir de encontro às leis da natureza.

Foi por êsse tempo que, com a morte do antigo bispo, o santo apostólico d. Mamede, chegou a notícia de que o seu sucessor na cadeira, o suntuoso d. Juvêncio, chegaria, em breve, a Tabocal, na sua excursão através da diocese.

Respeitador e disciplinado, compreendeu padre Libório, que, embora a sua intimidade com “nhá” Chica não fosse, diante de Deus, um pecado, convinha dissimular essa situação na presença do seu superior hierárquico. E foi com essa deliberação, que, nas vésperas da chegada do senhor bispo, chamou em particular a companheira, recomendando-lhe que não aparecesse na sala, nem à mesa, deixando-se ficar anônimamente no fundo da casa, enquanto nela estivesse, honrando-a com a sua presença, o detentor da cadeira episcopal.

Humilde e obediente, “nhá” Chica nada teve a objetar. O que o vigário dissesse, e fizesse, estava direito. E quando d. Juvêncio chegou, a casa do padre regorgitava. O prefeito, o delegado, o chefe político, as irmãs de Maria, todas as pessoas gradadas estavam lá. Só faltava “nhá” Chica, a honrada mão que arrumara tudo aquilo, a qual se encolhia, singela e doce, num recanto da cozinha, como se fosse uma ignomínia, um crime, uma infâmia, ser a espôsa fiel, e dedicada, de um homem de batina.

Relativamente moço, d. Juvêncio era um dêsses sacerdotes felizardos, protegidos pelo destino. Auxiliado pela política, subira depressa; e de tal modo que não tivera tempo de sacudir pelo caminho a poeira da vaidade. Gostava de falar de si, da sua importância, da sua intimidade com os grandes, para se fazer admirado pelos pequenos. E o que conseguia era, exatamente, o contrário, irritando os que esperavam encontrar, nele, o exemplo da humildade, da singeleza, do sincero desprendimento do mundo.

Sentado no sofá austríaco da sala do vigário, d. Juvêncio dava expansão a êsses sentimentos lamentáveis, exaltando-se.

— Eu tenho a idéia, — dizia, balançando a perna, — eu tenho a idéia de imprimir novo surto à diocese. Minhas relações no alto mundo eclesiástico, são as melhores. O cardeal é meu amigo íntimo. O Sebastião Leme, quando eu vou ao Rio, trata-me como irmão. Almoçamos juntos, jantamos juntos. Em Roma, o Gasparri, secretário do Papa, ofereceu-me um banquete...

Mão no queixo, sorriso de ironia ao canto da boca, padre Libório, ouvia, atento, aquela explosão de vaidade, que tanto prejudicava o prestígio da Igreja. E olhava, com piedade, aquele homem tão altamente

colocado na hierarquia da religião, quando d. Juvêncio acrescentou:

— O Papa, o próprio Papa, é meu amigo. O que eu pedir, êle fará. Tratou-me com um carinho, com uma distinção, que chegou a meter ciúmes aos cardeais!

Por essas alturas padre Libório não se conteve mais. Levantou-se da sua cadeira sem pedir licença, chegou à porta que dava para os fundos da casa, suspendeu a cortina de chita, e gritou, firme, para a cozinha:

— “Nhá” Chica! Ó “nhá” Chica!... Pode vir!

E, com voz alta, para o bispo ouvir:

— Pode vir... Que o homem é bêsta, mesmo!

## CIV

### AS ATRIBUIÇÕES DO EXÉRCITO

O pequeno destacamento do 46.º de Caçadores, comandado pelo cabo Juventino do Espírito-Santo, acabava de acampar à sombra de uma oiticica, nas proximidades do córrego Dois de Julho, a vinte léguas de Corumbá, quando se ouviu, na estrada, o tropel de um cavalo equipador.

— É um paisano! — informou, com desprêzo, um soldado, sentando-se numa raiz da árvore.

Um minuto mais, estacava diante da tropa, depois de saudá-la, o capitão Joaquim Benício da Silva, sertanejo de quatro costados, dono da fazenda “Boa-Esperança” e que montava, na ocasião, um dos melhores “quartaos” daquelas várzeas criadoras. Chegou, e foi, logo, dizendo:

— “Seu” cabo, eu vim aquí pedir a ajuda da fôrça, pra matar uma onça pintada, que está, desde ontem, acuada no Sumidouro, a meia légua daqui. É um serviço que o govêrno presta, a todos nós, fazendeiros, ajudando a acabar com aquele diabo!

Farda desabotoada, deixando aparecer a camisa de zefir ordinário, escura e suada, o cabo ouviu, com indiferença, o pedido do cavaleiro. Estava a picar fumo para um cigarro, e assim ficou, durante algum tempo. Calmo, o sertanejo esperava a resposta. E aguardava-a ainda quando Juventino indagou, com ares superiores, como quem tem a consciência da sua responsabilidade naquelas alturas:

— Essa onça é “federá” ou “estaduá”?

E como não obtivesse resposta:

— Se é “federá”, a fôrça vai; agora, se é “estaduá”, a Polícia que mate!

E acendeu o seu cigarro, tranquilo.

## CV

### AJUSTE DE CONTAS

A vida de Mariano Pereira Barbosa corria serena, sem preocupações, sem sustos, sem contrariedades, quando o destino lhe pôs no caminho aquela armadilha: uma luta do João Salomão, celerado destemido, com o barbeiro Felisberto Sampaio, do “Salão Fluminense”. Mais forte que o outro, Salomão conseguira desarmar o adversário, passando-lhe a própria navalha, depois, cinco vezes, pelo peito, pela barriga, pelas espaduas, pelo pescoço. Arrolado como testemunha, Mariano fez enorme carga ao criminoso. E de tal forma que êste, ao receber a sentença de quatro anos de prisão, se voltou no banco dos réus para o seu principal acusador, ameaçando-o, olhos fuzilantes, a mão aberta no seu rumo:

— Deixa estar. Quando eu sair, tu me pagas.

Anos depois, ia Mariano para o seu emprêgo no ministério da Justiça, quando, ao passar o bonde pela praça da República, viu parado a um canto da rua, um indivíduo

que não lhe parecia estranho. Atentou melhor e estremeceu: era o João Salomão, o agressor do Felisberto. Ao dar com os olhos no passageiro, Salomão reconheceu-o também, e, cara fechada, mordendo o beijo, avançou para o bonde. O veículo já ia, porém, em marcha acelerada, devendo o pacífico funcionário ministerial a essa circunstância não ter, desde logo, ajustado contas com o valentão.

Ao fim de dois dias, novo encontro. Caminhava Mariano pela Avenida Passos, quando viu, quasi desembocando da rua General Câmara, o brutamontes que o seu testemunho havia levado à prisão. Ao divisá-lo, Salomão acelerou o passo. Tal foi, porém, o pavor que se apossou do pobre rapaz, que, quando o valentão chegou à esquina, já havia êle dobrado, meio quilômetro adiante, a rua da Constituição.

A partir dêsse dia não teve mais o honrado burocrata um só momento de sossêgo. A cada canto de rua levava a mão ao peito, pálido, o coração aos pulos, vendo em cada indivíduo corpulento o fantasma do ferrabraz. E era trêmulos, nervoso, agitado, que exclamou, um dia, ao entrar em casa:

— Não, isto não pode continuar! Isto tem que ser liquidado, de uma vez!

— Acaba logo com isso, Mariano! — observou-lhe a espôsa, dona Ritinha, inco-

modada com aquela situação. — Compra um revólver, e dá-lhe uma lição. Isto não é vida. Demais, tu não tens culpa: é êle que anda te perseguindo.

Bom marido, obediente às razões da mulher, Mariano comprou a arma. Era um *Smith and Wesson* de bom calibre, cabo de madrepérola, adquirido a prestações por quatrocentos e setenta mil réis. Como preço, era caro; tratando-se, porém, da sua tranquilidade, do extermínio daquele horrível pesadelo, o rapaz não olhara despesa. A paz da sua vida valia incomparavelmente mais.

Dois dias após a aquisição do revólver, estava dona Ritinha no interior da casa, quando parou ao portão um automóvel. Correu a abrir, e recuou: era o Mariano que chegava, sem chapéu, rosto vermelho, cabelo alvoroçado, paletó em frangalhos, camisa sem botões, colarinho para um lado, gravata para outro.

— Que é isso, Mariano? Que foi, meu Deus?... — exclamou a pobre senhora, aflita, torcendo as mãos.

Mariano quasi não podia falar. Fez, porém, um esforço, e informou, cortando as palavras:

— Está tudo... liquidado!... Estamos... quites!...

— Mataste-o?... — gritou a desgraçada, recuando, os olhos fora das órbitas.

— Não! — informou o marido, ansiado.

E abanando-se com a mão, sem fôlego:

— Já apanhei...

## C V I

### A CAMARADINHA

Uma das influências da vida americana nos costumes brasileiros é a instituição da camaradagem inocente entre homens e mulheres. Os “amiguinhos”, os “camaradinhos” constituem uma classe nova, a que pertencem, no Rio de Janeiro, mlle. Belinha Rodrigues e o tenente Felisberto do Rêgo Mendes, que é, como se sabe, uma das maiores esperanças da nossa marinha de guerra.

Camaradinhos assim, o tenente e *mademoiselle* haviam descido, há dias, de Petrópolis, para umas compras elegantes, quando resolveram ficar na cidade, pelo menos, por uma noite. Onde deveriam, entretanto, dormir? Amigos, não os tinham êles aquí. E nos hotéis, a que tinham recorrido, havia unicamente um quarto, e, nesse quarto, apenas uma cama. Que fazer, pois, em semelhante emergência? Foi a moça, ela própria, quem resolveu o problema.

— Ora esta! — exclamou. — Você, en-

tão, não confia em si mesmo? Dormiremos no mesmo leito, como camaradinhas que somos. Põe-se uma tábua separando a cama em duas, e dormiremos, os dois.

Ante essa proposta, o oficial não relutou. Separou a cama em duas partes, acomodou-se na que lhe competia, e pegou no sono, até de manhã, sem incomodar, mesmo de leve, a sua encantadora companheira.

Ao amanhecer, deram-se os bons dias, saíram a fazer novas compras, e, como faltassem algumas horas para a partida do trem, foi êle quem convidou:

— Vamos ao Fluminense jogar uma partida de tenis?

— Vamos!

No *court* da rua Guanabara haviam os dois começado a partida, quando a bola, atirada com violência, pelo rapaz, saltou a cêrca, indo bater longe, perto do muro.

— E agora? — exclamou a mocinha, rindo.

— Agora, eu vou buscar, — prometeu o rapaz.

— Você? — fez *mademoiselle*. — Você, saltar esta cêrca?

E soltou uma gargalhada gostosa, larga, de zombaria. Intrigado, o tenente olhou:

— De que é que você acha graça?

E ela, torcendo-se, de rir:

— Ora, de quem! De você.

E má, perversa, terrível, sem conter a risada:

— Você não salta nem uma tábua!...

## CVII

### O HOMEM DE FOGO

Foi em um baile particular, em São Cristóvão, que a Ninita Monteiro conheceu o Abelardo Tavares, rapaz da Baía, que tinha vindo ao Rio para as festas do Centenário. Após meia dúzia de contradanças, abriram, os dois, o coração. Ele contou-lhe que era do Morro do Chapéu, no alto sertão baiano, onde possuía uma fazenda de gado; ela confessou-lhe a sua condição de órfã, educada caritativamente por um tio, em cuja casa vivia, e onde ele podia aparecer, na certeza de ser carinhosamente recebido.

Abelardo Tavares era um dêsses sertanejos valentes e impetuosos, que não conhecem o meio termo. Quando se apaixonava era como quando se zangava: tornava-se uma fera. E foi com êsse temperamento que teve entrada na residência do guardalivros Paulo Garcia de Mendonça, tio de Ninita Monteiro, e pai, também, da Palmira, morena de dezessete anos, que tratava Ninita como irmã.

Noivo da órfã, o rapaz começou a frequentar a casa de Paulo Garcia, onde ficava

sòzinho na sala de visitas, em companhia da menina. E era assim que passava horas e horas, à claridade forte das lâmpadas, ou no mistério da meia treva, na penumbra do salão.

Desde os primeiros dias de noivado, principiou a mocinha a notar que o noivo era um tipo singular de apaixonado. Não era um homem: era uma pilha. Ao apertar a mão da menina, todo êle era vibração, fogo, desespero. E se porventura lhe dava um beijo, era como se quisesse rebentar a bôca, os olhos em chama, os dentes estalando como caetetú em hora de perigo.

— Minha Nossa Senhora, — gemia a pobrezinha, — com quem me metí eu!

Certa noite estava a menina com o noivo, sòzinhos, no salão, no qual não havia luz, quando, com os cabelos em desalinho, a orelha mordida, o rosto arranhado, os lábios em sangue, pediu, trêmula:

— Dá licença, sim? Eu vou à sala de jantar, venho já.

No interior da casa, chamou à parte a Palmira, e pediu, as mãos juntas:

— Ah, Mimi! faze-me um favor. Vai lá para a sala, com o Abelardo. Lá está escuro, e êle, com certeza, não dá pela substituição. Depois, tu vens, e eu vou! Êle hoje está terrível!

Penalizada, a prima resolveu fazer o que a outra lhe pedia. Estava informada já, como toda a família, do demônio que era o sertanejo, e não foi sem susto que se encaminhou para a sala, onde o rapaz esperava a noiva.

Enquanto, porém, a Ninita havia ido lá dentro, resolveu o Abelardo distrair-se, fumando um cigarro. Tirou da algibeira um caporal, prendeu-o entre os dentes, e, como não usasse fósforos, arrancou do bolso um isqueiro, que se pôs a ferir, fazendo sair faíscas, que partiam para todos os lados, na escuridão. E foi nesse momento que, medrosa, pé ante pé, a Palmira assomou à porta da sala. Chegou, arregalou os olhos, e, vendo as lascas de fogo que se multiplicavam em tórno do rapaz, voltou, pálida, os olhos fora das órbitas, à sala de jantar.

— Ah, menina, — disse, caindo nos braços da prima, — têm paciência, mas eu não vou, não!

E nervosa, trêmula, apavorada:

— Imagina que, enquanto tu vieste aquí dentro, o homem está de tal forma que sacode faíscas para todos os lados!

## CVIII

### O CABRITO

Entre as fazendas próximas de Ribeirão Preto, a dos “Morros” era, por aquele tempo, a mais próspera, e, talvez, a melhor administrada. Homem de iniciativa, o Dr. Benício Botelho não se contentara com o plantio do café: multiplicara a cultura da cana, do feijão, do milho, da mandioca, e, principalmente, a criação, possuindo, na terra cansada e de vegetação baixa, centenas de bois, de carneiros, de cabras, de galinhas, de patos, de perús, enfim, de uma bicharada completa e numerosa, como só a tivera Noé.

Criado nesse ambiente, o Zèzinho, filho do fazendeiro, acompanhava com interêsse a vida, os hábitos, o crescimento dêsse pequeno mundo tumultuoso; nada, porém, o prendia tanto como os cabritinhos de um a dois meses, dos quais lhe destinavam sempre um ou dois, para as suas brincadeiras dentro de casa. E era de ver o quadro curioso que se formava, com o menino, muito vivo, e às vezes nuzinho, a carregar nos braços, ou nos ombros, o animalzinho inocente

que desatava a berrar, furiosamente, à pressão das suas mãos pequeninas.

— É um São João Batista! — exclamava, bondosa, Dona Mariquinhas, ao ver o filho com o cabritinho no ombro.

— É um pastorzinho grego! — acentuava, com a sua tintura clássica, o Dr. Benício, sorrindo com felicidade.

O crescimento dos cabritos é, porém, muito rápido. Como, em poucos meses, cada cabritinho era promovido a bode, o dono da fazenda tinha o cuidado de substituí-los na intimidade do filho, assim que se anunciavam, na cabecinha dêles, os primeiros vestígios dos chifres. E como o Zezinho, também, não fazia questão de um determinado cabrito, mas de um cabrito para brincar, o pai não encontrava dificuldade nenhuma em fazer, de dois em dois meses, a necessária substituição.

Certo dia, em passeio pela fazenda ao lado do filho, foi o fazendeiro surpreendido por uns gritinhos do menino:

— Papai! Papai! Olhe! Olhe! Aquele não é o “Mimoso”?

O Dr. Benício, voltou-se, e viu. Era realmente, o “Mimoso”, um antigo cabritinho branco que brincava com a criança, mas de quem êle o separara assim que atingira um certo tamanho. O animalzinho inocente já não era, porém, quem dantes fôra. Es-

tava grande, sujo, barbudo e, sobretudo, com dois chifres retorcidos e vigorosos, com que ameaçava os companheiros menores. Era o chefe, agora, do rebanho de cabras, as quais o rodeavam, obedientes, cercando-o das maiores considerações e reverências.

— É o “Mimoso” mesmo, papai? — tornou o pirralho, duvidoso.

— É, sim. Não estás vendo?

O menino olhou o bode longamente, detidamente, como quem reflete. E de repente:

— Mas, papai, êle, quando estava lá em casa, não tinha chifre... Tinha?

— Não, meu filho; não tinha.

Essa resposta calou no espírito do menino. Efetivamente, êle nunca havia tido, em casa, a peraltear, pelos corredores, um cabrito com chifres: eram todos mochos, inocentes, inofensivos, caráter que iam perdendo, entretanto, assim que o pai os mandava soltar fora, no seio do rebanho. E era nisso que pensava, quando lhe ocorreu à idéia uma pergunta, em que a filosofia mais profunda desabrochava na inocência mais doce.

— Papai? — chamou.

O Dr. Benício voltou-se.

E o pirralho, com os olhinhos muito vivos, muito negros, muito inteligentes:

— Cabrito só cria chifre, quando vem para o meio das cabras; não é?

## C I X

### A DANSA E A VIRTUDE

O desembargador Benedito Guerra não era, positivamente, um espírito fantasista. Em criança ouvira narrar contos de princesas encantadas e galinhas maravilhosas, mas não acreditava, de nenhum modo, em prodígios, no tumulto da vida real. Histórias eram histórias, e a sua inteligência recusava admitir, em absoluto, a repetição daquelas épocas legendárias, em que as fadas baixavam à terra, a cumprir, atentas e pródigas, os desejos dos seus afilhados.

Erópolis, a cidade em que o desembargador constituía um dos maiores ornamentos dos grandes salões, era notável, no século, pelo seu progresso. As artes, as letras, a ciência, o luxo, o comércio, haviam atingido, ali, o seu mais alto grau. E era nesse ambiente que o ilustre magistrado consumia, de festa em festa, aos balanços do *fox-trot*, do tango, do *shymmy*, os seus calmos dias de celibatário, quando ruiu, de repente, uma noite, o castelo de nuvens da sua arrogante incredulidade.

Amigo de leituras, lia o desembargador, antes de dormir, um volume dos “Contos da Carochinha”, quando, em certo ponto, viu que a porta do seu quarto se escancarava, e que lhe surgia ante os olhos trajando vestes resplendentes, um vulto feminino de estonteadora beleza, trazendo à mão uma pequena vara de ouro, em cuja ponta havia uma estrêla.

De um salto, o desembargador sentou-se na cama, a bôca aberta, os olhos esbugalhados. Andar donairoso, sem fazer o mais leve ruído, como se tivesse os pés de sombra, a visão encaminhou-se para êle, um sorriso nos lábios.

— Eu sei, — disse, estacando a dois passos; — eu sei que não acreditas na existência de entes prestigiosos. Eu sou, porém, a fada Elzira, aquela que cobriu de jóias a Borralheira e puniu a Bela Adormecida no Bosque, e venho aquí, exclusivamente, para provar-te que nós existimos. Pede o que quiseres, e dar-te-ei!

Trêmulo, pálido, deslumbrado, o desembargador não sabia o que fizesse. Aquilo não era sonho, porque êle se sentia acordado. E foi no meio dêsse deslumbramento, que a fada, gozando a sua perturbação, lhe repetiu, num sorriso:

— Anda; pede!

Atarantado, Benedito ria e chorava. Que iria êle pedir? Por onde começaria? Era urgente, porém, uma atitude, e foi com a voz trêmula, que gemeu:

— Quero um palácio como o dos reis; dá-mo!

Ainda não tinha êle acabado de proferir essas palavras quando se viu, de repente, em um salão enorme, cercado de uma infinidade de princesas, de condes, de duques, de fidalgos de toda a casta. O luxo, em tôrno, era atordoante. Do teto incrustado de ouro, desciam lustres enormes, de ouro puro, cravejados de brilhantes. As paredes, de ouro e cristal, multiplicavam aquela opulência até o infinito. Às portas, sentinelas perfiladas esperavam uma palavra sua, eretas, como estátuas.

— Pede mais; vamos! — intimou-o, novamente, a linda moça dos vestidos cintilantes.

Torcendo as mãos de alegria, Benedito pediu, de novo:

— Faz-me Imperador. Dá-me um reino, de cujo trono eu possa ver a metade do mundo!

Um minuto mais, e o incrédulo tinha o que pedira. Alto como as montanhas, o seu trono era todo de ouro, e recoberto de pederarias. Lá embaixo, humildes, arrastando a púrpura dos mantos lantejoulados, to-

dos os monarcas da terra. E do alto dêsse trono, êle, Benedito I, ou Benedito Único, via passar os exércitos, que retalhavam as cidades, as esquadras, que cortavam as ondas, as caravanas que iam, e vinham, pelos desertos, pondo manchas pequeninas e errantes na imensidão fulgurante do areal.

— Que desejas mais? Pede! — intimou, ainda uma vez, a fada benfazeja.

Os olhos faiscantes de alegria, Benedito não sabia, mais, o que pedisse. Ouro, rebanhos, fazendas, exércitos, poderio, nada, na terra, lhe faltava. De repente lembrou-se que era solteiro, e que devia casar-se. E foi com essa lembrança, que pediu:

— Agora, espírito poderoso, dá-me uma espôsa. Eu a quero, porém, da cidade em que eu vivia; vai a Erópolis, e traze de lá, dos melhores salões mundanos, uma linda moça que danse o tango, e que possa ser, ao meu lado, uma excelente mãe de família!

A essas palavras, Benedito notou que a fada empalideceu. O rosto pendeu-lhe sobre o peito resplandecente, e foi com uma lágrima na face que a formosa visão confessou:

— Venceste-me, homem incontentável! Pedisses-me o sol, as nuvens, as estrêlas, e eu tas daria, porque elas existem. Como poderei ir buscar, porém, aquilo que não há, nem pode ser?

Enxugou a lágrima, e acentuou:

— Até aí, mortal, não vai o nosso poder!

E fazendo, com a vara mágica, uma cruz no espaço, desapareceu lentamente, docemente, como uma leve sombra que se desfaz...

## C X

### “LOULOU”

— Não me telefones nunca para minha casa. Minha mulher é ciumentíssima, e seria um escândalo se ela desconfiasse de alguma cousa.

Era assim que o Dr. Otávio da Gama falava ao seu *flirt*, à encantadora Mme. Luiza Petersen, cujos olhos se haviam tornado, ultimamente, os faróis da sua vida galante.

Cordata e amorosa, a linda senhora fazia o possível para não contrariar o rapaz, cuja felicidade se tornara seu culto. De manhã, logo que o marido saía, tinha ímpetos, desejos irreprimíveis de telefonar para a casa do namorado, trocando com êle algumas palavras. Fazia, porém, uma violência sobre si mesma, até que chegava o meio-dia, quando êle lhe falava do consultório.

Certa manhã, porém, voltava Mme. Petersen da sua missa na matriz de Copacabana, quando encontrou à praça Serzedelo Correia a espôsa do Dr. Otávio, que esperava um bonde.

— Ah! vou telefonar para êle! — exclamou a moça, alviçareira, tomando um taxi. — Êle deve estar em casa, a esta hora!

E, em menos de quinze minutos, se achava em casa, com o telefone ligado, e comunicando ao rapaz que não havia perigo porque Dona Zilda estava esperando o bonde, ainda, e não chegaria antes de meia hora.

— Podemos falar à vontade... Não é? — concluiu a moça, feliz.

— Se é assim, podemos... E eu poderei conversar com a minha Lulú da minha alma, e dizer, com todo o coração: Lu... lú! Lu... lú!...

Estava a conversa por êsse pé, e com essas palavras de namorado comum, quando Dona Zilda, que havia tomado também um automóvel, e subira as escadas sorrateiramente, surgiu, de chofre, na sala de jantar, onde o marido se achava namorando no telefone.

— Que é isso, Otávio? Com quem você está falando? — foi a moça indagando, severa, com a testa vincada, a fundo, pelas rugas da suspeita.

— Eu?... Eu?... — fez o rapaz, atrapalhado, desligando de súbito o telefone.

E com um sorriso amarelo:

— Era... era... era a respeito de um cachorro... um cachorrinho de luxo, que

eu comprei, ontem, na cidade! Um *loulou*, sabes? um lindo *loulou*!

Sem uma palavra, Dona Zilda entrou para o quarto para mudar de roupa, enquanto o marido corria para o banheiro, metendo-se, às pressas, debaixo do chuveiro. E estava, lá, coberto de espuma, quando o telefone chamou de novo.

— Alô!... Alô!... — fez Dona Zilda, atendendo, disfarçando a tonalidade da voz.

— Alô... Quem fala?

Minutos depois, saía o Dr. Otávio do banheiro, metido no seu roupão de fêltro, quando a espôsa o chamou, o rosto fechado:

— Otávio!

O rapaz voltou-se, pálido.

E ela, simulando serenidade:

— O cachorro que tu compraste telefonou agora, outra vez...

## C X I

### O CICLISTA

Aquilo fôra, com certeza, uma extravagância dos sentidos, um dêsses caprichos femininos que a fisiologia não sabe ou não quer explicar. O certo é, porém, que Dona Abigail se sentira, de repente, apaixonada por aquele pretalhão do circo, o Tibúrcio, que ela vira, um dia, trabalhando na bicicleta. O cafuso era, sem dúvida, feio, grosseiro, mal encarado; tais proezas fazia, porém, sôbre aquelas duas rodas ligeiras, que não saíra mais da cabeça da pobre senhora, transformando-lhe o cérebro, que era outrora um jardim, em um verdadeiro velódromo de africanos. Tal foi, em suma, essa obsessão que, ao fim de oito ou nove meses de impressionabilidade, Dona Abigail pediu ao marido:

— João, vamos hoje ao circo?

Embora desconfiado, por ter mesmo, notado, já, a presença do preto pelas vizinhanças da casa, o espôso acedeu:

— Se queres, vamos...

Quando êles chegaram as arquibancadas, as cadeiras distintas e meio-distintas,

estavam cheias. Os camarotes improvisados tinham tanta gente, tanta criança, que pareciam ninhos de ave, repletos de passarinhos. Uma banda de música, postada fora, atacava dobrados retumbantes, em que o piston e o bombo assumiam papel preponderante. Uma campainha grande, colocada ao alto do portão, anunciava que o espetáculo ia começar.

Pisando um, empurrando outro, Dona Abigail e o marido enveredaram pelas filas de cadeiras, procurando lugar; e estavam desesperançados de encontrá-los, quando lhes apontaram dois, em frente, mesmo, à arena, a meio metro dos artistas.

— Aquí ficamos bem, — observou Dona Abigail, sentando-se.

— É, — concordou o marido. — Daquí se vê bem.

Minutos depois começava o espetáculo. Atirando beijos para um lado e para outro, viera, em primeiro lugar, a Conchita, formosa deslocadora espanhola, cujos músculos pareciam de borracha, e cuja espinha lhe permitia tornar-se, de repente, num arco de carne, unindo os pés à cabeça. Os palhaços fizeram pilhérias, os Nicolinos deram saltos mortais, até que chegou a vez do preto Tibúrcio, o famoso campeão dos floreios de bicicleta.

Não obstante o frio que fazia, Dona

Abigail começou a abanar-se. As suas mãos estavam geladas; o rosto era-lhe, porém, como uma fogueira, pela afluência subitânea do sangue.

Um apito trilou, e Tibúrcio apareceu. Era um pretalhão sólido, cabeça à escovinha, olhos vermelhos, de alcoólico. Chegou, pulou na bicicleta, e começou a correr, ora sôbre uma roda, ora sôbre outra, em tórno da arena. E toda a vez que passava por perto de Dona Abigail era para fixar, nela, os seus grandes olhos de lanterna de hospedaria, num entendimento ocular que se tornava, positivamente, um escândalo. De uma das vezes, porém, tanto se embebeu nos olhares da moça, que foi de encontro a um dos postes do circo, indo esborrachar-se, com bicicleta e tudo, sôbre as tábuas da orquestra, partindo o nariz, o beijo, e ferindo-se, de modo grave, em diversas partes da cabeça.

— Ui!... — gritou Dona Abigail, pálida, os lábios brancos, num grande tremor por todo o corpo.

E tamanho foi o susto da pobre senhora, que, enquanto o palhaço e o diretor do circo retiravam da arena o Tibúrcio, horriavelmente ensanguentado, saía ela pela porta da frente, ao braço do marido, assaltada por fortes calafrios, que lhe sacudiam a carne, os nervos, e os ossos.

Momentos após a chegada à casa, dava Dona Abigail ao mundo o seu primeiro rebento. Ao vê-lo, porém, estremeceu. Era escuro, quasi preto, e com uns olhos esbugalhados como os do Tibúrcio.

— João, — gemeu a desventurada, torcendo as mãos; — isso se explica! Foi a impressão do desastre, João. Eu me impressionei com a queda do ciclista, e é por isso, com certeza, que o nosso filho nasceu preto!...

— Eu sei, filha; eu sei, — concordou o marido, acariciando-lhe a mão. — Fica sossegadinha.

Tranquilizada assim pelo espôso, Dona Abigail adormeceu; e quando acordou, espantou-se, por encontrar o marido no mesmo lugar, a mão no queixo, sem uma palavra.

— Ainda estás aí, João? — estranhou.

— Ainda, filha. Como a impressão que o preto te deixou foi muito grande, muito forte...

E concluiu calmo:

— Estou, agora, esperando a bicicleta!

## CXII

### O "COMETA"

Entre quantos negociantes havia em Sant'Ana da Bôca do Vale, pequena cidade sertaneja por onde desciam, de manhã à noite, as grandes boiadas procedentes de Goiaz, um só não havia admitido, até então, transações com aquele caixeiro viajante. Expedito e estimadíssimo, de seis em seis meses lá estava o rapaz no lugar, acompanhado de sete ou oito malas de amostras, em que se viam retalhos de fazenda, novelos de barbante, pacotes de fósforos, maços de cigarros, e pequenos cartões com pedacinhos de fita, de renda, de bordado, dos enfeites clássicos, em suma, da elegância provinciana.

Hábil e insinuante, a sua chegada em Sant'Ana da Bôca do Vale constituía o mais famoso dos acontecimentos. Mal tilintavam, para além do alto em que ficava o cemitério, os guizos de sua tropa de burros, e já a meninada se amontoava na praça da feira, anunciando, com alvoroço:

— “Seu” Fernandes chegou! “Seu” Fernandes está aí! “Seu” Fernandes já passou no Barro Duro!

E as janelas abriam-se de par em par, enchendo-se de mocinhas cloróticas, amarelas, despenteadas, para ver a chegada de “seu” Fernandes.

Comerciando com relativa honestidade, o caixeiro-viajante possuía como fregueses todos os retalhistas da vila. Todos, não. Porque o Sr. Fortunato Santos não quisera, jamais, relações com êle, a ponto de lhe recusar, mesmo, entrada no seu estabelecimento. Mal o rapaz, nas suas visitas aos amigos, lhe chegava à porta, o velho negociante trovejava, incivil, do fundo da casa, para além dos limites do balcão:

— Vá passando, meu amigo; vá passando! Siga o seu caminho!

E com um gesto de mão, dando-lhe as costas:

— Vá andando... Vá andando...

Para um homem de boas maneiras aquela desconsideração do matuto ardia como um caroço de pimenta no ôlho. Francisco Fernandes era, porém, um temperamento jovial, e, em breve, estava esquecido do caso, que não tornava ao seu pensamento senão quando êle voltava, meses depois, a Sant’Ana da Bôca do Vale.

Certo dia, os guizos da tropa alviçareira tilintaram, ruidosos, pelas alturas do Barro Duro. E duas horas mais tarde, estava o Sr. Fernandes na praça da feira, a visitar, um a um, os velhos fregueses da casa.

— Seja muito bem aparecido! Como está gordo!

— Quem é vivo sempre aparece!

— Por onde andou, que não se arranhou?

E choviam os cumprimentos, os abraços, as palavras de boas vindas que o rapaz retribuía com sofreguidão, com alegria, com os sinais característicos de um contentamento convencional.

Ia êle, assim, de estabelecimento em estabelecimento, visitando o comércio, quando chegou à porta do velho negociante que o hostilizava.

— Olá, Sr. Fortunato; como vamos?

Óculos na ponta do nariz, rosto escanhado à maneira dos antigos merceeiros portugueses, o comerciante olhou por cima dos vidros, e fez o seu gesto habitual.

— Vá andando, meu amigo; vá andando...

— Mas, sr. Fortunato... — insistiu o rapaz.

— Vá seguindo seu caminho, meu amigo, siga o seu caminho... — tornou o velho, irritado.

O caixeiro-viajante estava, porém, dessa vez, resolvido a liquidar contas com aquele malcriado. E foi por isso que insistiu:

— O senhor não me dá licença nem para descansar um pouquinho? Água e assento não se nega a ninguém!

Testa franzida, cara fechada, o comerciante calou-se. E o Fernandes, que não queria mais do que isso, enfiou-se pelo estabelecimento, indo sentar-se, abanando-se com o chapéu, junto ao balcão.

A palestra é, em geral como a coceira, ou como o namôro; quer é princípio. E foi o que sucedeu ao rapaz, e ao comerciante, ao qual o Fernandes, após algumas palavras preliminares, se queixava, com sinais de tristeza:

— Ora, sr. Fortunato, estou bem aborrecido, sabe? Tive ontem um sonho tôlo, uma asneira, que talvez me obrigue a não vir mais a Sant'Ana.

E aguçando a curiosidade do velho:

— E o meu sonho foi com o senhor.

— Comigo? — estranhou o comerciante, com interêsse.

— Com o senhor mesmo.

— E como foi isso? Pode-se saber?

— Não; não convém.

— Ora, conte!

— Não vale a pena.

— Conte; eu lhe peço!

E como o Sr. Fortunato se mostrasse interessadíssimo, conforme previa e desejava o caixeiro-viajante, êste se curvou sobre o balcão, e começou a contar a história que arquitetara em caminho.

— Imagine o senhor — principiou — que eu sonhei, ontem, à noite, que estava numa grande campina, quando São Pedro chegou, e convidou-me:

— Fernandes, queres ir a uma festa no céu?

— Eu, meu santo? Quanta honra!...

— Levanta-te; vamos!

Dentro de poucos minutos, estávamos no Paraíso, onde tudo eram músicas, flôres, anjos, luzes, uma delícia. Com a fome que eu ia, e com a tentação dos doces, das frutas, das iguarias de toda ordem, a primeira cousa que fiz foi comer. Comí. Comí como um desesperado. Laranjas, peras, jaboticabas, pudins, empadas, arroz doce, camarões recheados, tudo isso eu fui comendo, metendo na bôca com as duas mãos. Com essa mistura sucedeu, porém, o que tinha de suceder: deu-me uma dôr de barriga tamanha, que eu não me contive, e corri em busca de São Pedro:

— Meu santo, onde é que se faz, por aqui, uma necessidadezinha?

— Você quer? — indagou o apóstolo.

— E com urgência, — gemi eu, com a mão nos botões.

Arrastando os passos, o chaveiro celeste conduziu-me, por trás de umas nuvens, a um lugar deserto, e retirando uma pequena tampa de que era argola uma estrêla, ordenou:

— Sirva-se aquí mesmo, filho!

Espantado, curvei a cabeça, e olhei. Lá embaixo, a uma distância enorme, ficava o mundo, com as suas montanhas, os seus rios, os seus monumentos. E bem debaixo do buraco, por uma coincidência, a cidade de Sant'Ana da Bôca do Vale!

— Faça a sua necessidade aí mesmo! — ordenou São Pedro, benévolo.

Eu olhei de novo, e vi: bem debaixo do buraco, em linha reta, ficava a sua casa comercial. E eu relutei.

— Anda, filho; avia-te! — tornou São Pedro, impaciente.

— Mas, meu santo... — objetei, indicando o seu estabelecimento, cujo telhado eu via, lá embaixo, muito vermelho, muito limpo, de têlha nova.

— O que? observou o chaveiro — A casa do Fortunato?

— Sim, meu santo, — protestei eu, com escrúpulo.

— Mas êle é teu freguês? — perguntou.

— Não, senhor; não é, não.

— Então, por que... não faz?

Dessa vez, o caixeiro-viajante voltou ao Rio, trazendo, na lista dos fregueses, o nome do velho Fortunato dos Santos.

## CXIII

### O ARTIGO 4.687

O reino das Montanhas Verdes havia atingido, sob Waldemar II, o mais alto grau de civilização e de esplendor, quando o monarca, terminada a questão das fronteiras e assinados os derradeiros tratados internacionais, resolveu cuidar de certos problemas internos. A vida do país era, sem dúvida, ruidosa e brilhante. Constituída pela flôr da nobreza nacional, a côrte havia se tornado, pela magnificência das festas, pela beleza das damas, pelo apurado espírito dos cavalheiros, a mais famosa do seu tempo. Príncipes e nababos vinham de longe em caravanas opulentas e soberbas, escolher espôsa nos salões recobertos de ouro, e cintilantes de pedrarias de Sua Majestade o rei Waldemar.

O monarca não era, porém, um espírito fútil, comum, superficial. Irmão intelectual de Júlio Cesar e de Luiz XIV, amava êle, sem dúvida, o aparato, a pompa, a suntuosidade. Orgulhava-se de governar um país próspero, com uma capital populosa, alegre,

festiva, cuja vida mundana atordoava o século. Ao lado dêsse orgulho estava, entretanto, o desejo de ver o seu povo intimamente feliz, com as famílias aproximadas pela amizade, os casais reunidos pelo amor, e os lares, ricos ou humildes, fidalgos ou plebeus, edificados sôbre a pedra angular das virtudes domésticas.

Sábio e prudente, Waldemar II entrava, já, na velhice, quando, com o país pacificado, o Tesouro repleto, e a vida mundana elevada ao maior brilho, pensou em coroar os seus trinta e oito anos de govêrno com uma legislação especial para os costumes, a qual constituísse, pela segurança das suas disposições, a cúpola daquele monumento social de que fôra êle, sôzinho, o maravilhoso arquiteto. E foi quando surgiu em Argirópolis, capital do reino, aquela obra formidável que se chamou Código Waldemar, e em que haviam colaborado, durante seis anos, os mais famosos pensadores nacionais.

A parte principal dessa obra era, entretanto, a que se referia à punição das faltas femininas, por parte do marido. Acreditando não houvesse, no país, uma senhora deshonesta, determinava o Código, no seu art. 4.687, § 11, que o espôso traído matasse, sumàriamente, a mulher que enxovalhasse o seu lar. Surpreendida em flagrante de adultério, ou provado êste, ficava o espôso

não sòmente com o direito, mas com o dever, de punir de morte a faltosa, dando, depois do fato, o necessário conhecimento à justiça, afim de ser agraciado com a comenda de Cavaleiro do Boi Apis.

Posto em execução êsse Código, achou Waldemar II que a sua tarefa, como reformador, estava cumprida: abdicou no príncipe herdeiro, que tomou o nome de Teodoro VII, e partiu para a ilha dos Sete Mistérios, onde edificara um palácio e pensava terminar, em sabedoria e sossêgo, o rosário de ouro dos seus dias.

Nesse retiro, afastado do bulício do mundo, passou o grande rei vinte e um anos. Por determinação sua, ninguém o devia procurar, para que êle buscasse, na meditação e no silêncio, o caminho da perfeição. E foi ao fim dêsse prazo, que, engelhado, velhinho, curvado ao pêso dos dias, resolveu o mais sábio monarca do século fugir, por uma semana, do seu degrêdo voluntário, afim de verificar como andava, com as leis que êle deixara, e nas mãos do seu filho, a formosa cidade de Argirópolis.

À aproximação da grande metrópole, ia observando o ex-soberano que as granjas, os campos, as habitações, ressumbravam tristeza, miséria, decadência. À porta das vendas, um ou outro ancião. E acabava de entrar as portas da cidade agonizante, onde

não se via um único vulto de criança ou uma simples silhueta feminina, quando, com o coração apertado, chamou um dos velhos que paravam à passagem do seu séquito.

— Dize-me uma cousa, — indagou — onde estão as crianças e os homens novos deste país? Houve alguma guerra? Alguna calamidade?

— Não, Senhor, meu Senhor, — informou o velhinho. — Nós não os temos. Há vinte anos não há nascimento no reino, por falta de mulheres.

— E as mulheres? — indagou o velho monarca, levando as mãos ao peito, para conter o coração.

— As mulheres morreram, meu Senhor.

— De epidemia?

— Não, meu Senhor.

E olhos baixos, rosto para o chão:

— Morreram na conformidade do artigo 4.687!

Waldemar baixou os olhos, e, pela primeira vez de sua vida, amaldiçoou a justiça.

## CXIV

### O MORCÊGO

Ao coração daquela jovem mãe tão amorosa, doía, fundo, a situação do pequenito. A noite inteira levava êle a remexer-se na palha da mangedoura, sem um trapo que o cobrisse. E a noite que se anunciava não parecia menos úmida do que a anterior. Uma brisa constante embalava, lá fora, o arvoredor, carregando o rebanho das nuvens para o lado de Jerusalém. E Maria pensava, a mão na face cândida e lisa, o que sucederia ao seu filho, se o frio apertasse pela madrugada, naquele pequeno berço, que seria recusado, talvez, pela mais humilde das pastoras.

Olhos fitos nas montanhas acinzentadas, a espôsa do marceneiro meditava, triste, quando viu, a poucos metros de altura, um casal de rôlas que arrulhava. Os olhos úmidos, a pobre mãe pediu:

— Rôla da montanha, dá-me as tuas penas para aquecer meu filho!

Doces, cândidas, as duas avezinhas voaram até a beira do presepe e, sacudindo as

asas, deixaram cair, sôbre a mangedoura, uma chuva de penas mornas, brandas, suaves, que tombaram, leves, sôbre a criança. Encantada, Maria agradeceu, os olhos cheios d'água:

— Deus te abençõe, rôla da montanha!

A êsse exemplo, uma cotovia voou e, cantando, sacudiu, como a rôla, as suas penas sôbre o menino, para que êle tivesse, durante a noite, um leito quente e macio. E Maria agradeceu:

— Deus te abençõe, ave da madrugada!

E assim vieram, cada qual por sua vez, o rouxinol, o melro, o pardal, o gavião, o canário, a águia, e o próprio côrvo, todos os habitantes, enfim, das alturas. E Maria agradecia a cada um:

— Deus te abençõe, pardal!

— Deus te faça feliz e forte, águia do céu!

Faltava pouco para encher a mangedoura, tornando-a em um berço macio e doce, quando, quasi ao anoitecer, o morcêgo, que então era coberto de penas, passou sôbre o presepe. E Maria pediu:

— Morcêgo, dá-me umas penas para o sono do meu filho!

O morcêgo fez-se, porém, de surdo, e não atendeu.

O castigo não se fez, entretanto, esperar. Momentos depois as suas penas caíram para não nascer mais, e de tal maneira que, tomado de vergonha, teve de tornar-se em ave noturna, para não aparecer, nunca mais, à loura face do sol.

## C X V

### SUSPEITAS...

Casada apenas há quinze dias, a encantadora Heleninha estava nessa fase da dona de casa em que se procura em cada pessoa, por mais humilde, um amigo, um conselheiro, um guia esclarecido. E ela, mais do que ninguém, precisava dêsse conforto.

Filha de pais abastados, havia quasi saído do Colégio para os braços daquele rapaz insinuante, o Jorge Moreira, que se tornou seu marido. A família toda fazia gosto no casamento, de modo que ela não tivera tempo, sequer, de aprender certas cousas que uma dona de casa não deve ignorar, principalmente quando tem de residir, como lhe acontecera, sem a assistência de pessoas mais entendidas na vida. E era por isso que ela alí estava, simples e ingênua, na cozinha da sua própria casa, a ouvir, sentada ao lado da pia, as histórias tôlas, ou galantes, que lhe ia contando a cozinheira.

Olhos escuros e vivos, cabelos e tez de mulata clara, a Maria sentia-se desvanecida com a honra que lhe dava a patrão, e ia-lhe

narrando, entre pequenas interrupções, enquanto mexia uma panela, cortava uma cebola ou graduava as chaves do fogão, a crônica tumultuosa do seu destino.

— Quem é rica, Dona Leninha, — dizia ela, — não sabe o que sofre o coração de uma pobre para não viver sòzinha no mundo. Eu tenho padecido muito, acredite; mas, felizmente, com a graça de Deus, hoje vivo satisfeita.

— Você é casada? — indagou a moça, molhando o dedo na água para fazer uns arabescos sôbre a pedra clara da pia.

— Casada mesmo, não sou, não senhora; mas creio que vou me casar por toda a quinzena que vem. Há um rapaz aí, *chauffeur*, que só falta morrer de paixão, coitado, e eu não quero que êle morra, não.

Deitou, com a chaleira, um pouco de água quente em uma caçarola, que se pôs a chiar entre uma nuvem de fumaça cheirosa, e reatou:

— É uma paixão doida, a do rapaz. A senhora não imagina.

E começou a contar, sem interromper o serviço, andando de um lado para outro, ágil, expedita, avental pendente da cintura, mangas arregaçadas:

— Calcule a senhora que eu, uma vez, fiz uma asneira com esse rapaz: dei um beijo no rosto dêle, num brinquedo de prenda. E

sabe o que aconteceu? Êle nunca mais fez a barba daquele lado, só, dizia êle, para não lavar a cara no lugar em que eu tinha beijado! Com pena dêle, e da troça que os companheiros faziam com o pobrezinho, que estava ficando horrível com aquela barba de uma banda só, eu fui e dei outro beijo do outro lado. E hoje êle é um rapagão que faz gôsto: tem uma barba, dos dois lados, que vai por aquí!

E marcou, com a mão aberta, e úmida de vinagre, mais ou menos a altura do peito.

Inocente e cândida, Heleninha ouvia, sorridente, a história de amor que a cozinheira lhe contava, quando, de repente, fechou o rosto, intrigada. E foi com o coração em susto que pediu à rapariga:

— Maria, você me diz uma cousa?

A mulata parou no meio da cozinha, olhos espantados.

E Heleninha, o beicito trêmulo, como uma criança que aguardasse qualquer sentença horrível:

— Maria, fale com franqueza...

— ?...

— Você nunca beijou o Jorge em parte nenhuma?

## C X V I

### INOCÊNCIA

A grande paixão do antigo deputado fluminense Dr. Antenor de Brito Sampaio era a criação de cães de raça. Amigo do saudoso Joaquim Murtinho, que lhe dera o primeiro casal de "terra-nova" e íntimo, depois, de Emílio de Menezes, com quem aprendera vários processos de impedir a morte dos cachorrinhos recém-nascidos, o ilustre representante do Estado do Rio chegara a ter, na sua chácara de Santa Rosa, um dos canís mais populosos do Brasil.

Houve tempo, mesmo, em que êle recensou duzentos e tantos cachorros de sua propriedade, entre os quais alguns "São Bernardo", que eram, com o seu uivo soturno e lúgubre, na tristeza da noite, o maior pesadelo da vizinhança.

Quando a Lilita, filha única do deputado, começou a andar, a casa estava, já, repleta de cães. Pela sala, pela cozinha, pelo quintal, pelo jardim, não se via senão o focinho irritante dos *bull-dogs*, o pêlo crespo dos *loulous*, a juba frisada dos caniches, a cabeça ofídica dos lebreus e o perfil es-

guio, fino, recurvo, de poeta lírico e tuberculoso, dos grandes galgos de estimação. De vez em quando, aparecia uma visita, um dos amigos de Brito Sampaio; e como todos êles fossem criadores de caninos, a conversa derivava sempre para êsse terreno, de modo a serem frequentes, na sala, ou à mesa, combinações como esta:

— Então, traga. Traga a “Sultana”, por que nós a casamos, aquí, com o “Esquimau”.

Ou desta ordem:

— Mande o “Tubarão”. Eu quero que êle case com a “Tetéia”. Não se esqueça; ouviu?

Indiferente aos cuidados esportivos do pai, Lilita foi crescendo, mimosa, pura, inocente, preocupando-se, apenas, com os seus brinquedos, depois com os seus livros, e, finalmente, com os seus vestidos, com os seus sapatos, com a sua formosura de mulher em formação.

Alta, forte, graciosa, com uma boqui-nha vermelha e grandes olhos escuros, raras moças lhe poderiam disputar, no bairro, o cetro da graça encantadora. Tinha quinze anos, e ia completar dezesseis, quando, uma tarde, o pai a chamou, carinhoso, no seu gabinete. Ingênua e doce, a menina chegou-se, beijou-o com carinho, sentando-se nos seus joelhos, o braço no seu pescoço.

— Que é, papai? Dize! — pediu, curiosa.

Brito Sampaio tomou um ar de gravidade, e começou:

— Lilita, tu tens, já, dezesseis anos.

A menina fitou-o, espantada com aquele tom, e elle continuou:

— És, já, uma mulher. E como tal, eu queria que te casasses com o Augusto, filho do Pacheco Pereira, que é louco por ti. Aceitas?

A essas palavras, a menina deu um salto, pálida, dos joelhos do pai.

— Aceitas? — tornou o velho, insinuando a resposta.

Branca de terror, Lilita encarava-o, os olhos fora das órbitas, as mãos contraídas, o beicito tremendo, como se lhe tivessem surgido pela frente milhares de lobos famintos.

— Aceito, papai! — gemeu a desgracinha, trêmula, aflita, apavorada. — Mas pelo amor de Deus papai!

E juntando as mãos, os olhos em lágrimas, desatando em choro, num supremo pedido de misericórdia:

— Não deixe elle me arrastar pelos corredores! Sim?

## CXVII

### O CÃO POLICIAL

Boêmio por índole, o Rodolfo Mendes constituía a preocupação permanente do tio, o honradíssimo comendador Doroteu. Órfão desde os sete anos, havia o rapaz encontrado no velho parente um segundo pai, que lhe dava a casa, o pão, a roupa, e ainda algum dinheiro para as estroinices noturnas. Isso não impedia, entretanto, que Rodolfo Mendes vivesse permanentemente necessitado, e que se visse, naquela manhã, com a carteira completamente desguarnecida.

À mesa do almôço, em que tomavam lugar, ordinariamente, apenas o comendador e o peralta, conversavam, os dois, naquele dia, sôbre as cousas mais diversas, quando, a propósito de um roubo praticado na cidade, o venerando capitalista lembrou, desamarrando o guardanapo:

— É verdade: uma cousa que eu desejaria possuir, aquí em casa, era um cão policial. Dizem que êsses animais fazem verdadeiros prodígios na descoberta dos ladrões. Se houvesse um para vender, eu comprava.

— Pois, olhe, não há nada mais fácil, — objetou o rapaz. — Eu tenho um amigo, o Bonates, que possui uma boa criação dêles. São caros, mas são admiráveis. É ele quem fornece ao govêrno.

— E quanto custa cada um?

— O preço é, creio, um conto e duzentos. Eu penso, porém, que, para mim, êle deixará por um conto de réis.

Não obstante o exagêro da tarifa, o commendador resolveu incumbir o sobrinho de arranjar-lhe, com o tal Bonates, um cão policial, dos melhores. E foi para isso que, após o almôço, lhe deu duas cédulas de quinhentos mil réis, verdes, novas, estalando.

Poucas vezes na sua vida o Rodolfo saíra de casa, à tarde, com tanto dinheiro. As notas de quinhentos faziam-lhe cócegas, davam-lhe arrepios, mexiam-lhe com os nervos. Ao anoitecer, possuía apenas uma. Tomou um taxi, correu ao Palace-Clube, sentou-se entre duas egressas do *Ba-ta-clan*, e pediu *champagne*. E era madrugada já, quando, com alguns mil réis no bolso, desceu de um auto, nas proximidades da casa do tio.

Não obstante as quatro garrafas de *Cliquot* que havia esvaziado, o boêmio tomou conhecimento da situação.

— E o cachorro? — pensou. — Como há de ser?

A passagem de um cão de rua, magro, pelado, sujo, pela claridade de um combustor de iluminação, acordou-lhe uma idéia feliz. Abrandando a voz, chamou-o, caricioso. O rafeiro achegou-se, tímido, desconfiado, cauteloso, e ia fugir de novo quando Rodolfo lhe lançou a mão ao pescoço, pelo qual passou a própria gravata, à falta de uma corda oportuna. Ao chegar em casa, meteu o cachorro no galinheiro vazio, onde roncou, de bôca escancarada, até às onze da manhã. Despertado para o almoço, fez o estróina, a sua *toilete*, e desceu. À mesa, o tio pediu-lhe notícias do cachorro.

— Que cachorro? — indagou o boêmio, inteiramente olvidado das ocorrências da véspera.

— Ora, essa! o cão policial, homem — tornou o velho. — O cão policial que você me foi comprar. Não se lembra mais?

— Ahn! — fez Rodolfo, batendo na testa. — Está aí no quintal, no galinheiro. Depois do almoço eu vou mostrá-lo a meu tio.

Engulida a sobremesa e tomado o café, encaminharam-se os dois para o quintal, onde Rodolfo, abrindo o antigo poleiro das galinhas, chamou, para dentro:

— Landru! Landru! Toma! Landru!

Embora não fosse aquele o seu nome, o velho rafeiro sardento acorreu, sujo, pe-

lado, a barriga presa ao espinhaço, os olhos súplices, na esperança de um pedaço de carne, de uma simples migalha do almôço. Ao vê-lo naquele estado, o comendador torceu o nariz, estranhando.

— Isto, então, é que é cão policial? — indagou. — Pois, olhe, não tem ares disso... Ninguém diria!... Parece um cachorro comum...

A essa observação, Rodolfo sentiu um frio na espinha. Estava, positivamente, perdido. E foi para salvar-se que, chegando ao ouvido do velho, soprou, a voz baixa:

— Pois, é isso mesmo. Ele está disfarçando.

E mais baixo, ainda:

— É secreta de Polícia...

# ÍNDICE

|                                          | Págs. |
|------------------------------------------|-------|
| Dedicatória . . . . .                    | 5     |
| I — O contrabando . . . . .              | 9     |
| II — A cédula . . . . .                  | 14    |
| III — “Benteví” . . . . .                | 17    |
| IV — “Noblesse oblige” . . . . .         | 21    |
| V — A identificação dos ossos . . . . .  | 25    |
| VI — O bode . . . . .                    | 28    |
| VII — O fundador . . . . .               | 32    |
| VIII — A piteirinha . . . . .            | 37    |
| IX — A surpresa . . . . .                | 40    |
| X — A cozinha . . . . .                  | 44    |
| XI — A telha . . . . .                   | 48    |
| XII — O temporal . . . . .               | 50    |
| XIII — A lição . . . . .                 | 53    |
| XIV — Bis! Bis!... Bis! Bis!... . . . .  | 56    |
| XV — As formigas . . . . .               | 61    |
| XVI — Galileu . . . . .                  | 64    |
| XVII — A vaidade . . . . .               | 68    |
| XVIII — A vítima . . . . .               | 70    |
| XIX — O apaixonado . . . . .             | 74    |
| XX — O banho do Antônio . . . . .        | 76    |
| XXI — O recurso . . . . .                | 79    |
| XXII — Francisquinho . . . . .           | 82    |
| XXIII — A artilheira . . . . .           | 86    |
| XXIV — O papão . . . . .                 | 89    |
| XXV — A filosofia . . . . .              | 93    |
| XXVI — Garantindo a passagem . . . . .   | 95    |
| XXVII — A cearense . . . . .             | 99    |
| XXVIII — Saturno . . . . .               | 102   |
| XXIX — Os judeus . . . . .               | 105   |
| XXX — O viajante . . . . .               | 108   |
| XXXI — As escovas . . . . .              | 111   |
| XXXII — O calvário . . . . .             | 114   |
| XXXIII — A indignação de Judas . . . . . | 116   |
| XXXIV — Cabotagem . . . . .              | 120   |
| XXXV — O primeiro divórcio . . . . .     | 123   |
| XXXVI — Reconciliação . . . . .          | 125   |
| XXXVII — O compadre . . . . .            | 127   |
| XXXVIII — Represálias . . . . .          | 130   |

|                                          | Págs. |
|------------------------------------------|-------|
| XXXIX — A mulher feia . . . . .          | 134   |
| XL — A obstrução das ruas . . . . .      | 137   |
| XLI — O sacrilégio . . . . .             | 140   |
| XLII — O perdão . . . . .                | 143   |
| XLIII — Solicitude . . . . .             | 145   |
| XLIV — O véu . . . . .                   | 147   |
| XLV — O amor e o casamento . . . . .     | 150   |
| XLVI — O salvador. . . . .               | 153   |
| XLVII — O burro filósofo . . . . .       | 156   |
| XLVIII — O almofadinha no céu . . . . .  | 158   |
| XLIX — Os ecos. . . . .                  | 160   |
| L — A mãe . . . . .                      | 162   |
| LI — As condecorações . . . . .          | 165   |
| LII — O farol . . . . .                  | 169   |
| LIII — Mme. Baralho . . . . .            | 173   |
| LIV — As filhas do Sr. Barnabé . . . . . | 175   |
| LV — A república das mulheres . . . . .  | 178   |
| LVI — A pulga da rainha . . . . .        | 181   |
| LVII — O pedacinho . . . . .             | 184   |
| LVIII — O castigo . . . . .              | 187   |
| LIX — O jogador . . . . .                | 189   |
| LX — Vaidade. . . . .                    | 192   |
| LXI — Cachorro!... . . . .               | 194   |
| LXII — A aliança . . . . .               | 198   |
| LXIII — Maternidade . . . . .            | 201   |
| LXIV — Os filhos . . . . .               | 204   |
| LXV — A carta do Juvêncio . . . . .      | 206   |
| LXVI — O lampeão e o pávio . . . . .     | 209   |
| LXVII — As saias-sino . . . . .          | 213   |
| LXVIII — Amor de pai . . . . .           | 215   |
| LXIX — A influência do meio. . . . .     | 219   |
| LXX — O bailado . . . . .                | 223   |
| LXXI — Itamah . . . . .                  | 227   |
| LXXII — A laranjeira . . . . .           | 230   |
| LXXIII — O homem feliz . . . . .         | 233   |
| LXXIV — Os salteadores . . . . .         | 236   |
| LXXV — Os contrabandos . . . . .         | 238   |
| LXXVI — As leis sábias . . . . .         | 241   |
| LXXVII — Salim Chawki. . . . .           | 243   |
| LXXVIII — O glutão . . . . .             | 247   |
| LXXIX — Depois da enchente . . . . .     | 251   |
| LXXX — A vacina . . . . .                | 254   |
| LXXXI — A revolta da fortaleza . . . . . | 258   |
| LXXXII — A patrôa . . . . .              | 262   |
| LXXXIII — O inocente. . . . .            | 265   |
| LXXXIV — A preguiçosa . . . . .          | 268   |

|                                            | Págs. |
|--------------------------------------------|-------|
| LXXXV — Os materialistas . . . . .         | 272   |
| LXXXVI — O argumento de Harpagão. . . . .  | 275   |
| LXXXVII — O terço. . . . .                 | 278   |
| LXXXVIII — Prêmio de viagem . . . . .      | 283   |
| LXXXIX — Frase feita . . . . .             | 287   |
| XC — A homenagem dos continentes . . . . . | 290   |
| XCI — Os vasos comunicantes . . . . .      | 293   |
| XCII — A perereca. . . . .                 | 296   |
| XCIII — Os adúlteros . . . . .             | 300   |
| XCIV — A dominadora . . . . .              | 303   |
| XCV — Anaxágoras . . . . .                 | 306   |
| XCVI — O "torcedor" . . . . .              | 309   |
| XCVII — A bolsa de ouro . . . . .          | 312   |
| XCVIII — Carta de mulher . . . . .         | 315   |
| XCIX — Vida em família . . . . .           | 319   |
| C — Piedade humana . . . . .               | 323   |
| CI — Objetos inúteis . . . . .             | 325   |
| CII — Miragem . . . . .                    | 328   |
| CIII — Padre Libório. . . . .              | 331   |
| CIV — As atribuições do exército . . . . . | 335   |
| CV — Ajuste de contas . . . . .            | 337   |
| CVI — A camaradinha . . . . .              | 341   |
| CVII — O homem de fogo . . . . .           | 344   |
| CVIII — O cabrito . . . . .                | 347   |
| CIX — A dança e a virtude . . . . .        | 350   |
| CX — "Loulou" . . . . .                    | 355   |
| CXI — O ciclista . . . . .                 | 358   |
| CXII — O "cometa" . . . . .                | 362   |
| CXIII — O Artigo 4.687 . . . . .           | 369   |
| CXIV — O morcégo. . . . .                  | 373   |
| CXV — Suspeitas . . . . .                  | 376   |
| CXVI — Inocência . . . . .                 | 379   |
| CXVII — O cão policial. . . . .            | 382   |

